



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE ARTES VISUAIS (FAV)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROJETO E CIDADE (PPGPROCIDADE)

CAROLINE SOARES MACHADO

PATRIMÔNIOS AFETIVOS NO CENTRO DE GOIÂNIA

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ [X] Dissertação ☐ [] Tese ☐ [] Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Caroline Soares Machado

3. Título do trabalho

Patrimônios afetivos no centro de Goiânia

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ [X] SIM ☐ [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 19/06/2023, às 13:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Caroline Soares Machado, Discente**, em 20/06/2023, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3829775** e o código CRC **2384F5F0**.

Referência: Processo nº 23070.020246/2023-74

SEI nº 3829775

CAROLINE SOARES MACHADO

PATRIMÔNIOS AFETIVOS NO CENTRO DE GOIÂNIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Área de concentração: Projeto, Teoria, História e Crítica. Linha de pesquisa: História e teoria da arquitetura e da cidade.

Orientadora: Prof. Dr^a. Adriana Mara Vaz de Oliveira.

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Machado, Caroline Soares
Patrimônios afetivos no centro de Goiânia [manuscrito] / Caroline
Soares Machado. - 2023.
CXXIX, 129 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-graduação em
Projeto e Cidade, Goiânia, 2023.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui mapas, fotografias, lista de figuras.

1. Patrimônio . 2. Patrimônio afetivo. 3. Afeto. 4. Memória. 5. Goiânia. I.
Oliveira, Adriana Mara Vaz de, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **005/2023** da sessão de Defesa de Dissertação de **Caroline Soares Machado**, que confere o título de Mestre(a) em **Projeto e Cidade**, na área de concentração em **Projeto, Teoria, História e Crítica**.

Ao/s **vinte e três de maio de dois mil e vinte e três**, a partir da(s) **quatorze horas e trinta minutos**, no(a) **através de webconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**Patrimônios afetivos no centro de Goiânia**". Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Adriana Mara Vaz de Oliveira (UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Deusa Maria Rodrigues Boaventura (PUC GO)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Fernando Antônio Oliveira Mello - UFG**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Adriana Mara Vaz de Oliveira**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e três de maio de dois mil e vinte e três**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 23/05/2023, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antônio Oliveira Mello, Professor do Magistério Superior**, em 23/05/2023, às 15:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Deusa Maria Rodrigues Boaventura, Usuário Externo**, em 26/05/2023, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3729557** e o código CRC **448A368F**.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio e incentivo incondicional. Agradeço o amor, a dedicação e o suporte constante, não somente nesse, mas em todos os momentos da vida.

À minha orientadora, professora Adriana Oliveira, pelo cuidadoso e dedicado acompanhamento, pela leveza e sensibilidade com que sempre me conduziu.

Aos membros da banca de defesa, Deusa Boaventura e Fernando Mello, agradeço a leitura atenta e as valiosas contribuições feitas à pesquisa.

Aos meus amigos, que me ensinam a importância da rede de afeto. Em especial a Amanda que acompanhou essa jornada desde o início e me auxiliou com revisões, sugestões e sobretudo acreditou na conclusão deste trabalho.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, por todo conhecimento compartilhado durante as aulas e fora delas.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), que, com seu apoio financeiro, possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa.

“Você próprio é que terá de encontrar algo que desperte seu corpo vibrátil, algo que funcione como uma espécie de fator de a(fe)tivação em sua existência”

ROLNIK, 2011, p.39.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo a identificação de patrimônios afetivos no centro de Goiânia, isto é, identificar os lugares e edifícios – institucionalizados ou não – mais representativos para a população goianiense e apreender a significação e os sentidos destes amparados pela afetividade. Aqui, nosso interesse não se limita às propriedades amplamente conhecidas do patrimônio cultural, mas abrange também a sua capacidade de despertar os aspectos mais profundos da subjetividade humana. Parte-se da premissa de que os patrimônios de uma cidade ultrapassam as questões jurídicas e institucionais, tendo seus valores apoiados, principalmente, no discurso da comunidade que os sustenta. Busca-se, desse modo, as conexões existentes entre os goianienses e o Setor Central, tanto por bens oficialmente reconhecidos, quanto por aqueles que não são objeto de preservação. A pesquisa adota método de abordagem qualitativo, envolvendo levantamento teórico conceitual, análise documental e pesquisa de campo, sendo essa última realizada através de procedimentos da cartografia e da etnografia, que visam explorar os lugares a partir de uma imersão atenta e sensível, vislumbrando possibilidades afetivas. Assim, a abertura para uma nova semântica de patrimônio, mais diretamente ligada às apropriações e vivências, contribui tanto para a compreensão do patrimônio do Setor Central, quanto para sua valorização e preservação pela comunidade.

Palavras-chave: Patrimônio; Patrimônio afetivo; Afeto; Memória; Goiânia.

ABSTRACT

This dissertation aims to identify affective heritage in Goiânia's downtown, that is, to identify the places and buildings – institutionalized or not – that are most representative for the population of Goiânia and to apprehend their significance and meanings supported by affectivity. Our interest here is not limited by the largely known properties of cultural heritage but also its capacity of mobilizing some deep aspects of human subjectivity. It starts from the premise that the heritage of a city goes beyond legal and institutional matters, having its values supported, mainly, in the reasoning of the community that sustains them. In this way, the existing connections between the people of Goiânia and the central neighborhood are sought, both for officially recognized assets, and for those that are not object of preservation. The research adopts a qualitative method of approach, involving a conceptual theoretical survey, document analysis and field research, the last one being carried out through cartography and ethnography procedures, which aims to explore the places from a watchful and sensitive immersion, glimpsing affective possibilities. Then, the opening to new semantics of heritage, directly connected to appropriations and experiences contributes to the understanding of the downtown and also to its valuation and conservation by the community.

Keywords: Heritage; Affective heritage; Affection; Memory; Goiânia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Feira Hippie na Praça Cívica, década de 1970.....	31
Figura 2: Natal na Praça, 1984.....	32
Figura 3: Natal na Praça, 2021.....	32
Figura 4: Praça Cívica ocupada por um grande estacionamento, década de 2010.....	33
Figura 5: Cine Cultura.....	34
Figura 6: Cinealmofada, 3ª temporada.....	34
Figura 7: Apropriação afetiva: grupo de amigos na Praça Cívica.....	35
Figura 8: Apropriação afetiva: casal na Praça Cívica.....	35
Figura 9: Apropriação afetiva: Garapeira Café Cultural.....	36
Figura 10: Apropriação afetiva: consumo e sociabilidade em quiosque comercial.....	36
Figura 11: Área central: grande vazio.....	36
Figura 12: Área central: apropriações pontuais no Monumento às Três Raças.....	36
Figura 13: Cartografia afetiva Praça Cívica.....	38
Figura 14: Cine Teatro Goiânia, 1952.....	39
Figura 15: Interior do Cine Teatro Goiânia, 1940.....	41
Figura 16: Teatro Goiânia, Avenida Anhanguera 2022.....	43
Figura 17: Teatro Goiânia, Avenida Tocantins, 2022.....	43
Figura 18: Vila Cora Coralina e Teatro Goiânia.....	44
Figura 19: Cores, sons e sabores do Teatro Goiânia.....	46
Figura 20: Cartografia afetiva Teatro Goiânia.....	47
Figura 21: Lyceu de Goiânia, década de 1940.....	48
Figura 22: Banda Marcial Lyceu de Goiânia.....	51
Figura 23: Apropriação afetiva: rodas de conversa entre amigos.....	53
Figura 24: Apropriação afetiva: futebol entre amigos.....	53
Figura 25: Cartografia afetiva Lyceu de Goiânia.....	54
Figura 26: Estação Ferroviária, década de 1950.....	55
Figura 27: Abandono e descaso na antiga Estação Ferroviária, 2016.....	58
Figura 28: Revitalização da Estação Ferroviária, 2019.....	58
Figura 29: Apropriações na praça, academia ao ar livre.....	59

Figura 30: Apropriações na praça, pessoas deitadas nos bancos.....	59
Figura 31: Cartografia afetiva Estação Ferroviária de Goiânia.....	61
Figura 32: Atual Mercado Municipal de Goiânia, rua 3.....	63
Figura 33: Atual Mercado Municipal de Goiânia, Avenida Anhanguera.....	63
Figura 34: Doces tradicionais do Mercado Municipal Central.....	65
Figura 35: Artesanato do Mercado Municipal Central.....	65
Figura 36: Rei das Frutas, banca Sr. Valdivino.....	66
Figura 37: Casa Goiana, banca Sr. Negrinho.....	66
Figura 38: Cartografia afetiva Mercado Central de Goiânia, pavimento térreo...68	
Figura 39: Cartografia afetiva Mercado Central de Goiânia, primeiro pavimento.....	69
Figura 40: Avenida Goiás, década de 1930.....	71
Figura 41: Avenida Goiás, ao fundo, década de 1970.....	72
Figura 42: Impactos da implantação do BRT Norte-Sul no patrimônio goianiense.....	73
Figura 43: Os impactos da implantação do BRT Norte-Sul na Avenida Goiás....	73
Figura 44: Apropriação afetiva: idoso lendo na Avenida Goiás.....	74
Figura 45: Apropriação afetiva: idosos conversando na Avenida Goiás.....	74
Figura 46: Vendedor ambulante.....	76
Figura 47: Quiosque comercial.....	76
Figura 48: Apropriação afetiva: engraxate em frente ao Grande Hotel.....	77
Figura 49: Apropriação afetiva: artista de rua em frente ao Grande Hotel.....	77
Figura 50: Cartografia afetiva Avenida Goiás.....	78
Figura 51: Avenida Anhanguera, década de 1930.....	79
Figura 52: Avenida Anhanguera, década de 1960.....	79
Figura 53: Café Central, década de 1960.....	80
Figura 54: Café Central, 2022.....	80
Figura 55: Comércio informal na Avenida Anhanguera.....	82
Figura 56: Comercio informal na Avenida Anhanguera: apropriações.....	82
Figura 57: Beco da Codorna, viela da Avenida Anhanguera.....	83
Figura 58: Beco da Codorna, viela da Avenida Anhanguera: apropriações.....	83
Figura 59: Cartografia afetiva Avenida Anhanguera.....	85
Figura 60: Esfiha Quente, Rua 4.....	87
Figura 61: Cartografia afetiva Esfiha Quente.....	89

Figura 62: Biscoitos J. Pereira.....	90
Figura 63: Hermógenes Pereira, atual proprietário.....	90
Figura 64: Biscoitos J. Pereira: mesas informais e balcão.....	91
Figura 65: Biscoitos J. Pereira: apropriações do balcão.....	91
Figura 66: Cartografia afetiva Biscoitos J. Pereira.....	93
Figura 67: Pizzaria e Pastelaria China, Rua 7.....	94
Figura 68: Pizzaria China: balcão.....	95
Figura 69: Pizzaria China: apropriações do balcão.....	95
Figura 70: Cartografia afetiva Pizzaria China.....	96

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
1. PATRIMÔNIO CULTURAL: CONCEITOS E INTERFACES	22
1.1 Patrimônio: conceito em transformação	22
1.2 Patrimônio afetivo: conceito em construção.....	24
1.3 Patrimônio: interfaces sociais.....	27
1.3.1 Memória e identidade	27
1.3.2 Representação e imaginário social	29
1.4 Em busca dos lugares afetivos do centro de Goiânia	33
2. GOIÂNIA: O PATRIMÔNIO INSTITUCIONALIZADO E AFETIVO.....	35
2.1 Praça Cívica: resistência ao longo dos anos como espaço de encontro e memórias familiares	35
2.2 Teatro Goiânia: palco da cultura, lugar de possibilidades	45
2.3 Lyceu de Goiânia: berço de discussões políticas e culturais	54
2.4 Antiga Estação Ferroviária de Goiânia: das viagens de trem às tentativas de requalificação	61
3. O PATRIMÔNIO NÃO RECONHECIDO: OS AFETOS EM FOCO	68
3.1 Mercado Central: símbolo de tradição e memórias.....	68
3.2 Avenida Goiás: do passado monumental, ao presente popular	76
3.3 Avenida Anhanguera: tradição no comércio	85
3.4 Sabores afetivos: quando a comida se torna fonte de sentimentos	92
3.4.1 Esfiha Quente: histórias que atravessam gerações.....	93
3.4.2 Biscoitos J. Pereira: tradição, balcão e biscoito goiano	96
3.4.3 Pizzaria e Pastelaria China: cardápio e histórias de décadas	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	106
APÊNDICES	116

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo do patrimônio é um campo dinâmico que, diante do seu caráter espacial e temporal, interliga as mais diversas áreas de análise e discussão – sejam elas culturais, arquitetônicas, sociológicas, históricas e tantas outras que buscam compreender suas dinâmicas na atualidade. Essas múltiplas abordagens permitem reconhecer as constantes ampliações do termo, o que leva Choay (2001) a reconhecer o patrimônio enquanto um conceito errante, se tornando cada vez mais complexo e abrangente.

Patrimônio cultural, em sentido amplo, pode ser entendido como um conjunto de bens, materiais ou imateriais, portadores de referência à identidade, ação e memória de uma comunidade (FONSECA, 2009). Nesse sentido, ao desvincularem-se da ideia de monumento histórico e artístico para a noção de bens culturais, as discussões sobre o patrimônio têm incorporado mais as questões sociais, reconhecendo elementos ligados às vivências e apropriações cotidianas. Busca-se, portanto, cada vez mais compreender e valorizar as relações dos sujeitos com seus bens e lugares.

Tendo em vista a necessidade de se tratar o patrimônio cultural não apenas pelo discurso oficial, mas, sobretudo, pelo discurso da comunidade que o sustenta, esta pesquisa identifica lugares e usos em que os usuários expressam afetividades, aqui chamados de patrimônios afetivos. Dessa forma, pretende-se compreender os significados dos espaços do centro de Goiânia, destacando os elementos que mais afetam os goianienses.

São diversos os estudos que abordam a relação cidade, patrimônio e comunidade, no entanto ainda são poucos os que articulam diretamente com a dimensão afetiva. Trabalhos importantes como os de Bomfim (2009) e Bertini (2014) emergem para uma ampla discussão sobre os entrelaces entre afetividade e cidade. E, no campo patrimonial, os estudos de Oliveira (2019) e Parente (2020), apresentam maior proximidade com o objeto da pesquisa, visto que investigam patrimônios afetivos em Morro Redondo (RS) e Sobral (CE), respectivamente.

É importante destacar que, até o momento, não foram encontrados trabalhos específicos sobre o patrimônio afetivo em Goiás, e muito menos em relação ao centro de Goiânia. Entretanto, sob outras perspectivas, existem

pesquisas que abordam o centro e o patrimônio cultural da cidade. Destacam-se aqui os estudos realizados por Araújo (2008), sobre o processo de patrimonialização em Goiânia e sua inteligibilidade; por Silva (2012), em que a autora explora diversas possibilidades da condição identitária do goianiense; e por Azevedo (2018) que também busca entender a formação da identidade goianiense, mas aqui a partir das relações com os edifícios Art Déco do Setor Central. Partindo desses estudos, este trabalho se diferencia ao enfatizar a dimensão afetiva e a sua influência na preservação e valorização do centro de Goiânia.

Para a construção do termo patrimônio afetivo percorre-se os conceitos de patrimônio cultural e afeto. Nesta dissertação, entendemos o patrimônio cultural como algo que ultrapassa as questões jurídicas e institucionais. É fundamental reconhecer que, para além das discussões oficiais de reconhecimento dos bens patrimoniais, outras questões devem ser contempladas, como os valores afetivos neles contidos ou expressos. Tais elementos são produzidos nos contextos sociais dos grupos, nos quais a afetividade e o senso de pertencimento levam os indivíduos a se apropriarem e estabelecerem conexões com estes lugares. Nesse sentido, Leite (2005, p.105) indica que os afetos:

[...] possuem um caráter universal, são expressivos e, sem exceção, comunicativos no sentido de que implicam em contágio. O contágio é uma propriedade fundamental dos afetos. Isso porque um afeto é sempre percebido no social. A condição humana é conduzida pelos afetos. Nascemos com eles. As pessoas suscitam afetos.

A afetividade orienta a maneira como os indivíduos percebem, interagem e se apropriam do espaço, e “consiste em uma capacidade inata do ser humano, de sentir e perceber o seu entorno” (GUERRA, 2018, p.17). A dimensão afetiva entrelaça espaço, sujeito e ação, gerando experiências marcadas pela objetividade e subjetividade, pelo concreto e pelo simbólico. Analisar a cidade pela afetividade, assim como o patrimônio, permite entender as diversas singularidades e interpretações estabelecidas entre o indivíduo e seu espaço habitado. Desse modo, os patrimônios institucionalizados podem ser averiguados em termos de ligação com a sociedade, bem como outros lugares

que carregam intensa carga de afetividade na cidade e que não são objeto de preservação institucional.

Pelo prisma do afeto, o patrimônio relaciona-se tanto com a materialidade quanto a imaterialidade. Além das estruturas físicas que compõem as cidades, as práticas sociais, ações, tradições e expressões orais são fundamentais para o reconhecimento do patrimônio afetivo. Destacando o encontro do cidadão com o espaço urbano, esse patrimônio seria uma apreensão mais subjetiva e sensível tendo por base as experiências cotidianas, vivenciadas na interação com outros indivíduos e objetos no espaço social.

O patrimônio afetivo apresentado nesta dissertação busca reconhecer e valorizar os afetos presentes nos processos de apropriação e vivência que engajam usuários com os elementos urbanos – construídos ou não – ajudando a significar a paisagem do centro de Goiânia. Trazer novas reflexões a respeito do Setor Central, como bem patrimonializado, se faz relevante considerando que, segundo autores como Milena Valva (2017), este processo de patrimonialização não tem provocado observações e indagações. Pouco se fala sobre o seu significado, grande parte da população não tem acesso a essa informação e, mesmo no conjunto de profissionais que atuam na cidade, como arquitetos e urbanistas, esse não é um assunto que tenha muita relevância.

Em Goiânia, os processos de valorização e preservação dos patrimônios são recentes. Tombado em 2003 pelo IPHAN, através da Portaria nº 507/03, o conjunto urbano¹ da capital reúne 22 edifícios de arquitetura com inspiração Art Déco, monumentos públicos e o traçado viário original de Goiânia, referente ao Setor Central. Conduzido por técnicos e especialistas, esse processo de seleção e proteção do patrimônio goianiense exprimia as intenções institucionais, com uma ausência significativa de representações da comunidade local (OLIVEIRA, 2015).

Oliveira (2015) aponta que tal postura pode explicar as dificuldades da população em estabelecer conexões de pertencimento com esse patrimônio, resultando na pouca representatividade e apropriação com esses bens

¹ Esse conjunto já se encontrava protegido nos âmbitos municipal e estadual por sua relevância histórica e artística. No âmbito municipal, a Lei 7.016 de 1991 considera 12 bens culturais do Município de Goiânia. E na esfera estadual, o Decreto nº 4943 de 1998 dispõe sobre o tombamento de 23 bens móveis e imóveis em Goiânia.

tombados, “deixando transparecer que o tombamento do núcleo pioneiro da cidade é um ato muito mais político e jurídico do que sociocultural” (OLIVEIRA, 2015, p. 109). Logo, essa ausência de vínculos com o patrimônio oficial aponta a importância da busca por uma ligação afetiva.

Frente a esse desconhecimento e ao baixo nível de envolvimento da população com o patrimônio institucionalizado, é possível reconhecer espaços simbólicos ou outros patrimônios vividos pela comunidade no centro de Goiânia? Os usuários do Setor Central têm patrimônios afetivos eleitos nesse lugar? Esses patrimônios coincidem com aqueles institucionalizados?

Na composição do patrimônio afetivo participam ativamente as dimensões da memória e da identidade em torno do mesmo (PARENTE, 2020; PRADO, 2017). Portanto, será necessário compreender estes conceitos que se interrelacionam, utilizando como fundamentação teórica as contribuições de Maurice Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Pollak (1992) e Candau (2008).

Reconhecer a cidade como espaço de produção e expressão da memória e identidade coletiva implica no entendimento das relações sociais e das diferentes formas de apropriação estabelecidas por seus habitantes ao longo do tempo. Por este ângulo, Halbwachs (1990) compreende a memória como um fenômeno coletivo e social, permitindo estabelecer vínculos afetivos com grupos ao qual nos identificamos e com os espaços que habitamos. “Toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo”. (HALBWACHS, 1990, p. 86). Ao continuar sua análise, o autor aponta o papel fundamental dos lugares, afirmando que não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. São lugares dotados de um significado simbólico, que remetem aos acontecimentos e às pessoas, à forma que a sociedade viveu e se apropriou do espaço, oferecendo uma imagem de permanência e estabilidade.

Dentre os diversos aspectos da memória coletiva, ela se coloca como ponto essencial para a construção do sentimento de identidade. É por meio dela que os grupos sociais tomam consciência dos acontecimentos, fortalecendo o sentimento de permanência e continuidade. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”, destaca Le Goff (1990, p. 476).

Ao considerar o patrimônio cultural e sua dimensão afetiva, conforme Parente (2020), também é importante estabelecer um diálogo com a realidade urbana representada e percebida pelos habitantes do lugar. Para entender essa dinâmica recorreremos ao estudo sobre imaginário social que constitui, para Sandra Pesavento (2002, p. 24), “um sistema de representações coletivas que os homens constroem ao longo da história para dar significado ao social”. Apresentam-se, ainda, os trabalhos de Roger Chartier (1990) e Bronislaw Baczko (1985), explorando a relação entre representações e imaginário social.

Para atingir os objetivos propostos, foram utilizadas as metodologias de levantamento teórico-conceitual, análise documental e pesquisa de campo. Trata-se então de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo em vista que busca compreender a percepção afetiva dos usuários como suporte de valorização do Setor Central de Goiânia.

Conduzida por três diferentes análises, a pesquisa documental foi responsável por construir uma base sólida de investigação da afetividade no centro da capital. A primeira percorreu os diversos estudos que abordam o centro de Goiânia como objeto de pesquisa, seguida pela investigação em jornais locais – como o Jornal O Popular e Diário da Manhã – e, por fim, pelas narrativas e perspectivas descritas por goianienses em geral, mas particularmente moradores e comerciantes que vivenciam atualmente o Setor Central, além daqueles que estabeleceram relações afetivas significativas em décadas passadas. Em conjunto, delinearam os lugares e usos no Setor Central com maior potencial afetivo.

A pesquisa de campo, uma combinação entre etnografia e cartografia, constitui-se como procedimento essencial para o desenvolvimento desta investigação. Por não se restringirem a usos e formas previstas no desenho urbano e normas, esses processos revelam-se como práticas de compreensão e apreensão dos lugares a partir de aspectos subjetivos, favorecendo o contato com as várias apropriações e vivências.

Estruturada em três capítulos, a discussão inicial da pesquisa traz um debate teórico-conceitual sobre o patrimônio cultural, analisando o termo e as suas dimensões. Posteriormente, insere-se a construção do conceito de patrimônio afetivo, onde se propõe examinar a produção científica que contempla a discussão sobre o termo, assim como, suas inter-relações com a

memória e o processo identitário dos lugares, delineando um percurso para o centro de Goiânia. Esse levantamento teórico-conceitual visa subsidiar as discussões e encaminhar as análises.

Os capítulos seguintes são dedicados a explorar os espaços e edifícios do Setor Central, tecendo suas histórias, memórias e vivências cotidianas atuais. Assim, no segundo capítulo, procuramos identificar as afetividades presentes nos patrimônios institucionalizados. Já no terceiro capítulo, direcionamos nosso olhar para aquilo que não é oficialmente reconhecido como patrimônio, mas que faz parte dos afetos dos goianienses.

Os usuários revelam diversos interesses, sentidos, usos e apropriações conformando o Setor Central como lugar de vivência cotidiana, percebidos a partir das relações que estabelecem no e com o próprio lugar ao longo do tempo. A pesquisa não pretende desenvolver uma nova forma de patrimonialização, mas buscar um novo pensar sobre o patrimônio, que se distancia das questões convencionais e burocráticas. Portanto, lançar outro olhar para o centro de Goiânia, a partir das narrativas e perspectivas dos usuários, situar o sujeito no eixo central das discussões sobre reconhecimento, pertencimento e identificação com o patrimônio da cidade.

1. PATRIMÔNIO CULTURAL: CONCEITOS E INTERFACES

1.1 Patrimônio: conceito em transformação

Etimologicamente, patrimônio tem origem na palavra *patrimonium*, do latim, que é relativo a bem de herança, estando relacionada “às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo”, conforme Choay (2001, p.11). Essa noção de patrimônio vem sendo ampliada e requalificada constantemente, adquirindo diversos adjetivos – genético, natural, histórico – o que leva a autora ainda a reconhecê-lo enquanto um conceito nômade.

A compreensão do patrimônio está intrinsicamente ligada à ideia de monumento e monumento histórico, uma vez que ambos remetem ao passado e memória de um povo. Frequentemente confundidos, Choay (2001) esclarece que o monumento é deliberadamente criado como tal, cujo destino foi assumindo *a priori*, com o intuito de celebrar a memória. Já o monumento histórico é reconhecido *a posteriori*, e por ser um testemunho da história ou uma obra de arte assume função memorial. É nesse sentido que, para a autora, emerge a noção de patrimônio histórico, um conjunto de bens destinados ao usufruto de uma comunidade, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum.

A discussão sobre patrimônio como sentido de herança da nação, bem como o interesse pela preservação e proteção de bens, remete ao final do século XVIII, mais particularmente à Revolução Francesa. Desencadeado por este movimento francês, o significado de patrimônio se estendeu do privado para o coletivo, desenvolvendo, assim, a concepção de bem comum, ou seja, atua na criação de referências comuns a todos que habitavam um mesmo território, unificando interesses e propagando tradições comuns (ABREU, 2009; RODRIGUES, 2005).

Verificamos que, neste primeiro momento, as práticas de preservação e proteção estavam ligadas a uma visão material. Monumentos e edifícios de caráter excepcional e belo integravam o patrimônio histórico e artístico, enquanto outras manifestações, sobretudo as populares, eram excluídas da memória nacional.

Frente aos processos de modernização e industrialização, o século XIX assiste ao desenvolvimento de políticas de preservação. Em países europeus,

como na França e Inglaterra, organizações governamentais e privadas para seleção e conservação de patrimônios, compostos essencialmente por edificações e objetos de arte, foram criadas e leis implementadas (ABREU, 2009; SANT'ANNA, 2009). Ainda nesse século, o campo patrimonial se configurou como proposta disciplinar, fortalecendo questões teórico-metodológicas relativas à conservação, como aquelas defendidas por Viollet-le-Duc, John Ruskin, William Morris, Camilo Boito, entre outros.

Ao longo do século XX, vários foram os debates em torno do patrimônio que tiveram como resultado uma compreensão mais abrangente do termo. O domínio patrimonial, que num primeiro momento era limitado a preservar bens isolados, passa a compreender os conjuntos edificados e o tecido urbano (CHOAY, 2001). No contexto internacional, os intensos conflitos mundiais salientaram a necessidade de preservar o patrimônio histórico para as gerações futuras, ampliando o desenvolvimento de políticas e instrumentos legais sobre o assunto. A criação da UNESCO, na década de 1940, também promoveu uma ampla discussão sobre os meios e ações de preservação do patrimônio em todas as nações, apontando para uma noção de patrimônio da humanidade. Nesse contexto, incorporou-se o conceito antropológico de cultura, delineando a ideia de que o patrimônio a ser preservado inclui “não apenas a história e a arte de cada país, mas o conjunto de realizações humanas em suas mais diversas expressões”, como aponta Abreu (2009, p. 37).

Nesse sentido, a noção de patrimônio não se restringe mais aos bens materiais, mas abarca todas as manifestações humanas. Constitui-se uma nova visão, não mais centrada apenas em elementos excepcionais produzidos por um povo, mas também em elementos não materiais ligados às tradições e conhecimento popular. O patrimônio, portanto, de monumento isolado, estendeu-se para a noção de bens culturais, compreendendo, segundo o ICOMOS² (1985, p. 4):

[...] as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os

² O ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, é uma organização não governamental internacional, dedicada à conservação e valorização do patrimônio cultural mundial.

ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas.

Quando se fala em patrimônio imaterial ou intangível, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, em 2003, desempenhou um importante papel no reconhecimento e proteção dessa nova dimensão. Ampliando as opções de bens a serem incluídos, o patrimônio imaterial é entendido como:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 4).

Essa nova configuração implica na instituição de outros instrumentos de preservação. Em conjunto com aqueles propostos para bens de natureza material, recomenda-se a identificação, difusão e proteção do patrimônio imaterial por meio de “registros, inventários, suporte econômico, introdução de seu conhecimento no sistema educativo, documentação e proteção à propriedade intelectual dos detentores dos conhecimentos tradicionais” (SANT’ANNA, 2009, p. 53).

Diante essa ampliação conceitual, o foco sobre o patrimônio e suas políticas de proteção são redirecionadas para a compreensão e valorização das relações dos sujeitos com seus bens e lugares. Torna-se cada vez mais evidente que “o ‘ser’ patrimônio não está no caráter imanente do objeto, mas, sim, em uma outra forma de relação que passa também pela pessoa, comunidade ou sociedade, portanto, pelo sujeito, que lhe confere tal grau”, reforça Carsalade (2009, p. 3).

1.2 Patrimônio afetivo: conceito em construção

Frente às discussões produzidas acerca do patrimônio cultural, interessamos aqui alcançar a camada do campo simbólico. Segundo Baczko (1985), o símbolo tem a função de introduzir valores, modelando os comportamentos

individuais e coletivos. Os mais notáveis símbolos são aqueles ancorados em necessidades profundas e que acabam tornando-se uma razão de existir e agir para os indivíduos e para os grupos sociais (BACZKO, 1985).

Nesse cenário, o simbólico designa e dá sentido à realidade. Objetos, lugares e os usos da cidade acumulam significados para seus usuários, evocando sentimentos, emoções e memórias, impulsionando o indivíduo à ação. Dentre os aspectos simbólicos, Bomfim (2015) destaca os afetos como grandes reveladores das necessidades dos habitantes na cidade.

Na concepção de Spinoza (2009), os afetos são modificações que acontecem no corpo e na mente, experimentando transições de potência entre eles. Por afeto, o autor compreende “[...] as afecções³ do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. (SPINOZA, 2009, p. 163).

A vivência de uma afecção altera, assim, a potência do sujeito de pensar, sentir e agir. Os afetos podem ser alegres ou tristes⁴, conforme sejam capazes de, respectivamente, aumentar ou diminuir nossa capacidade de agir. A alegria, portanto, é o sentimento que experimentamos quando nossa potência de agir aumenta; já a tristeza, é o sentimento da diminuição da nossa capacidade para agir (SPINOZA, 2009).

Os afetos são da ordem do encontro, da experiência e da relação entre o homem e o mundo (BOMFIM, 2010; MAGIOLINO, 2013). Nessa perspectiva, a afetividade é eleita como síntese do encontro do indivíduo com a cidade, da interação entre a subjetividade humana e a materialidade urbana, integrando aspectos de conhecimento, percepção e orientação do espaço.

Nesse sentido, permite-se pensar a dimensão afetiva aliada às cidades, como aponta Sawaia (2010, p. 13), “a cidade tem vida, é um corpo que afeta ou é afetado pelos corpos que o constituem”. O ambiente urbano tem um poder de afetação a partir das possibilidades dos encontros e experiências vivenciadas, os quais permitem que a potência para agir seja aumentada ou diminuída. Lugar

³ Afecção é “a modificação de um corpo causada pelo encontro com outro corpo” (SPINOZA, 2009, p. 111).

⁴ Spinoza destaca três afetos básicos do qual derivam todos os outros, “reconheço apenas três afetos primitivos ou primários, a saber, Alegria, Tristeza e Desejo” (SPINOZA, 2015, p.343).

de experimentação do mundo, a cidade amplia a possibilidade de ação do sujeito, permitindo criação e recriação do espaço e construção de sentido.

Experimentar uma cidade, andar nas ruas, mover-se nos transportes coletivos ou individuais, é entrar em contato com uma multiplicidade de afetos tão variáveis que o cidadão não encontra sempre uma solução estável. Medo, alegria, amor, ódio pertencem a um conjunto instável que acompanha o conhecimento do urbano ao longo de temporalidades históricas. Um lugar como o centro de uma cidade, por exemplo, ruidoso, com pessoas andando apressadas, burburinhos de comerciantes, poderá ser um lugar que gera em alguém ódio ou medo, mas, ao mesmo tempo, alegria ou amor (BERTINI, 2014, p. 69).

Como Bertini (2014, p. 69) cita, a experiência de amar ou odiar, sentir medo ou alegria, expressa a afetação recíproca entre a cidade e as pessoas, “como um mosaico fluido, dinâmico e vivo de interpenetrações, no qual sujeito e cidade nunca saem sem modificações de um e de outro”. No cotidiano urbano, por meio dos encontros e das dinâmicas afetivas da coletividade, uma rede de símbolos é construída, uma teia de significados é compartilhada, demarcando um sentido ao território da cidade (BERTINI, 2014).

A partir de uma abordagem cartográfica, Guerra (2008, p.79) aponta a afetividade como uma “ferramenta privilegiada para mapear e conectar emoções e memórias e contextualizá-las espacialmente”. Aproximando do conceito de cartografia afetiva, patrimônio afetivo seria o resultado deste acúmulo significativo que os indivíduos desenham cotidianamente no espaço percorrido e habitado e que gera pontos de enraizamento, de pertencimento, atrelados à sua identidade ou a constituição dela. E afirma:

Ela se revela naquele banco preferido da praça, no pedaço de gramado sombreado usado para a leitura, naquele trecho de rua que o faz desviar do caminho mais curto, no assunto revisitado diariamente com a balconista da padaria, são todos eles, pedaços da cidade onde se inscreve a experiência espacial cotidiana que fica retida na memória. (GUERRA, 2018, p.20).

De um ponto de vista patrimonial, Oliveira (2019) indica que um patrimônio afetivo encontraria mais representatividade, ação, apropriação e proteção do que algo convencional e burocrático, uma vez que atua sobre o sensível, emoções e experiências que o sujeito vivenciou e vivencia. A introdução de concepções subjetivas ao bem patrimonial permite com que os sujeitos tenham liberdade

para “criar, imaginar e denominar seus patrimônios, utilizando de sua relação com os mesmos e de seus afetos” (OLIVEIRA, 2019, p.13).

Em função dos efeitos gerados nos sujeitos, ao identificar um patrimônio afetivo não identificamos somente um bem material, “mas os sentimentos que o envolvem” (OLIVEIRA, 2019, p.64). Os sentimentos despertados pelos lugares qualificam, positiva ou negativamente, as experiências de vida das pessoas, orientando a maneira como os indivíduos habitam, circulam e sentem a cidade.

Parente (2020, p. 148) considera que um patrimônio afetivo opera “enquanto amálgama do patrimônio cultural dadas suas qualidades agregadoras de sentidos”. E completa:

Isso faz com que o patrimônio cultural transcenda sua condição de “pedra e cal” proporcionando junto aos que com ele interagem sentimentos e comportamentos de alegria, de religiosidade, de bem-estar, de sociabilidades, de pertencimento, agradabilidade e também de tensão e confronto. (PARENTE, 2020, p. 148).

Vale destacar que este patrimônio afetivo é compreendido no sentido amplo do termo, do mais material e concreto, como os monumentos e edifícios, ao mais abstrato, como as práticas e vivências (PRADO, 2017; PARENTE, 2020). Dos lugares institucionalizados aos simples espaços de brincadeiras da infância. Em conjunto, se comportam como “dispositivos de memória, de pertencimento e identidade”, aponta Prado (2017, p. 22).

1.3 Patrimônio: interfaces sociais

1.3.1 Memória e identidade

Quando tratamos do tema patrimônio, a discussão a respeito dos termos memória e identidade são fundamentais, uma vez que “entendemos o patrimônio cultural como locus privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade” (PELEGRINI, 2007, p. 87).

Em uma perspectiva prática, a memória é o armazenamento e a evocação de informações. Nesse sentido, o historiador Jacques Le Goff (1990) remete, em primeiro lugar, o conceito de memória a um conjunto de funções psíquicas, que possibilitaria ao homem a atualização de impressões ou informações passadas.

Ao discutir a construção da memória, Maurice Halbwachs (1990) amplia esse conceito e destaca que ela é um fenômeno coletivo e social. Construída a

partir das relações entre o sujeito e o grupo ao qual ele se identifica, a memória é coletiva, responsável por garantir a coesão do grupo, a construção de vínculos e reconhecimento social. Desse modo, Halbwachs propõe analisar a memória numa dimensão interpessoal e o ato de lembrar como vinculado a instituições sociais – como a família, religião e classe social – a que o indivíduo pertence.

Da mesma forma de Halbwachs, Pollak (1992) interpreta a memória como um fenômeno coletivo, ou seja, como uma construção social. Para o autor, a memória, “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividade” (1992, p.9). A referência ao passado, portanto, atua para manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum.

Segundo Pollak (1992) as memórias – individuais ou coletivas – são constituídas por três elementos: acontecimentos, pessoas e lugares. Os acontecimentos são tanto os vividos pessoalmente quanto aqueles vividos pelo grupo ou pela coletividade, os quais consistem em eventos que uma pessoa pode ter participado diretamente ou não, mas que, pelo imaginário, se faz presente. Do mesmo modo, as pessoas que integram as memórias de alguém podem efetivamente ter feito parte do seu círculo de convívio, ou podem ser personagens que não pertenceram necessariamente ao mesmo espaço-tempo. Por fim, os lugares que podem ser particularmente ligados a uma lembrança pessoal ou serem focalizados com memórias de outras épocas.

Ao continuar sua análise, Halbwachs (1990) aponta o papel fundamental dos lugares, afirmando que não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. São lugares dotados de um significado simbólico, que remetem aos acontecimentos e às pessoas, à forma que a sociedade viveu e se apropriou do espaço, oferecendo uma imagem de permanência e estabilidade. A memória coletiva depende da permanência dos espaços e das construções carregados de valor simbólico e das pessoas terem conhecimento e serem capazes de reconhecer os fatos que explicam e os justificam.

Dentre os diversos aspectos da memória coletiva, ela se coloca como ponto essencial para a construção do sentimento de identidade. É por meio dela que os grupos sociais tomam consciência dos acontecimentos, fortalecendo o

sentimento de permanência e continuidade. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”, destaca Le Goff (1990, p. 476).

Corroborando essa ideia, Joel Candau (2008) afirma que memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas, se conjugam, se nutrem mutuamente e se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Para o autor (2008, p.138),

[...] não pode haver identidade sem memória (assim como lembrança e esquecimento) porque somente esta permite a autoconsciência da duração. [...] Por outro lado, não pode haver memória sem identidade, pois o estabelecimento de relações entre estados sucessivos do sujeito é impossível se este não tem a priori um conhecimento de que esta cadeia de sequências temporais pode ter significado para ele.

A identidade, conforme exposto na Carta de Brasília⁵ (1995), compreende uma forma de pertencer e participar, permitindo que os indivíduos sejam capazes de encontrar o seu lugar, nome ou personalidade, porque através dela se descobrem vínculos entre as pessoas com as quais se compartilha a cultura. Atuando como fonte de significado e experiência, é por meio dela que os grupos sociais tomam consciência dos acontecimentos, fortalecendo o sentimento de permanência e continuidade.

Essa relação – patrimônio, memória e identidade – permite entender as múltiplas relações dos sujeitos com seus bens e lugares. Os patrimônios, como reforça Gonçalves (2007, p. 155), “são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em ‘patrimônio’”.

1.3.2 Representação e imaginário social

Expressas por normas, imagens, discursos e práticas sociais, as chamadas representações são ferramentas que qualificam o mundo e pautam a própria existência da sociedade (PESAVENTO, 2007). Constituem, portanto,

⁵ A Carta de Brasília, de 1995, discute questões de autenticidade e identidade nos países do Cone Sul.

“matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”, conforme afirma Pesavento (2007, p. 21).

A noção de representação, segundo Roger Chartier (1990), permite a articulação entre três modalidades da relação com o mundo social:

[...] em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23)

Convém assinalar que a palavra representação implica uma relação ambígua entre presença e ausência (CHARTIER, 1990; PESAVENTO, 2007). Entendida como a presentificação de um ausente, que é vista através da imagem – mental ou material – a representação não é uma imitação ou reprodução do real, mas funciona com a atribuição de sentidos, esclarece Pesavento (2007). É, portanto, concebida como uma construção feita a partir do real, encontrando força na sua capacidade de mobilização e reconhecimento social.

Nesse contexto, destaca-se a construção do imaginário social, um conjunto de representações que nos faz ver e sentir o mundo. Conforme Baczkó (1985), o imaginário é um aspecto da vida social que constitui um ponto de referência no amplo sistema simbólico que uma coletividade produz, servindo para organizar e elaborar seus próprios objetivos. Desse modo, Baczkó (1985, p. 309) assinala que é através dos imaginários sociais que:

[...] uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súbdito”, o “guerreiro corajoso”, etc.

Sandra Pesavento (2007) também entende o imaginário como um sistema de representações coletivas que os homens constroem ao longo da história para

dar sentido ao real. Ampliando o debate, a autora propõe pensar o imaginário urbano, uma forma subjetiva de perceber, identificar e atribuir significados ao mundo, “o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais” (2007, p. 46). Dessa forma, a cidade, seu traçado e seus edifícios, podem ser compreendidos como o intuito de materialização de ideias desejadas, o que é possível perceber na concepção da nova capital de Goiás.

Pensando no caso específico de Goiânia, a construção do imaginário da nova capital parte da imagem da cidade moderna (OLIVEIRA, 2015). Planejada na década de 1930, no contexto da Era Vargas e da Marcha para o Oeste, Goiânia surge enquanto promessa de progresso e ruptura com o passado. Sua idealização implica assim na consolidação, física e simbólica, de um discurso modernizante.

A nova capital do Estado trazia consigo um conteúdo simbólico que apontava para ideia de novos tempos de desenvolvimento e progresso. Pretendia-se que a cidade fosse o marco da paisagem para uma nova etapa na história: isso significava que a sua construção era um ato de quebra de estigma, ou seja, ressignificação (MELLO, 2006, p. 31).

O Setor Central pode ser considerado o espaço que mais representou esse ideal de modernidade, o qual pode ser percebido através do projeto urbanístico, elaborado pelo arquiteto e urbanista Attílio Corrêa Lima. Com o intuito de conceber uma cidade funcional, o plano buscou privilegiar questões como zoneamento, topografia, áreas verdes, hierarquia das vias e tráfego. A praça central e as três avenidas principais – que serão abordadas mais adiante – também constituem aspectos importantes para materialização desse discurso.

Assim como o traçado da cidade, os primeiros edifícios também foram pensados como símbolo estético da modernização. O estilo arquitetônico francês *Art Déco*, adaptado às condições e imprevistos regionais de mão de obra e transporte, foi adotado na nova capital (AZEVEDO, 2018). Dentre as edificações pioneiras que compõem esse acervo, destacam-se o Grande Hotel, o Teatro Goiânia e a Estação Ferroviária. Destarte, a imagem Goiânia *Art Déco* é formada.

Todavia, como apontam Araújo (2008) e Silva (2012), essa imagem faz mais alusão ao ideal político de progresso e modernidade, constantemente

propagado pela mídia e pelo poder público, do que de fato reconhecida pela comunidade como representante da capital. A ação de tombamento do acervo *Art Déco* goianiense, em 2003 pelo IPHAN, reforça esse pensamento. Como já mencionado, a escolha dos bens patrimoniais foi conduzida por técnicos e especialistas, distante da participação comunitária efetiva. O goianiense, portanto, tem dificuldade de estabelecer conexões e de apropriar-se desse imaginário, o que reflete a ideia de Baczko (1985, p. 325), de que as imagens “só são eficazes quando assentam numa comunidade de imaginação. Se esta não existe, elas têm tendência a desaparecer da vida coletiva, ou então, a serem reduzidas a funções puramente decorativas”.

É possível notar que essas construções são, em sua maioria, percebidas de forma isolada. A imagem institucionalizada não é reconhecida pela comunidade, mas seus edifícios e monumentos são apontados como marcos emblemáticos ou pontos de referência do Setor Central, como aponta Ferreira (2021).

Em contraponto a cidade moderna, a imagem de capital sertaneja ou *country*, marcas de uma herança rural, é constantemente associada a Goiânia. Para Silva (2012), elementos como a exposição agropecuária, shows, restaurantes, bares e boates temáticos solidificam essa imagem, permitindo assim que o goiano se identifique. Destaca-se também, o projeto de lei recém aprovado que oficializa Goiânia como “Capital Nacional da Música Sertaneja”, que além de fortalecer essa tradição, visa fomentar o turismo na cidade (MACHADO, 2021).

Parques e praças também são apontados como elementos representativos de Goiânia, consolidando imagens como capital do verde, dos parques e das flores. Potencializado pela mídia, são símbolos que se destacam principalmente pela beleza e qualidade de vida que proporcionam, afirma Silva (2012). Ademais, por refletir condições de atratividade, como espaços de descanso e lazer, esse discurso é respaldado pelos próprios habitantes.

O imaginário urbano, retomando Pesavento (2007), estuda as representações, as percepções e os significados construídos sobre a cidade. Nesse sentido, a partir da imagem Goiânia capital *Art Déco*, por exemplo, o trabalho pretende explorar como o goianiense estabelece vínculos afetivos com alguns bens tombados, como a Praça Cívica e o Teatro Goiânia. E pretende ir

além, buscando essa afetividade em bens que extrapolam essa esfera institucional, como nos bancos e jardins da Avenida Goiás, partindo da imagem capital verde.

1.4 Em busca dos lugares afetivos do centro de Goiânia

O que começa como espaço indiferenciado, conforme afirma Tuan (1983, p. 6), transforma-se em lugar “à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Partindo dessa ideia, buscamos espaços e edifícios no Setor Central que ao serem percebidos e valorizados pelos goianienses deixam de ser indiferentes para se tornarem lugares carregados de significados.

Para encontrar esses espaços significativos, iniciou-se a análise de documentos oficiais do tombamento e, em conjunto com trabalhos acadêmicos, relatos contidos em livros e reportagens, foram selecionados aqueles com maior potencial afetivo. Além desses, os depoimentos e memórias dos goianienses apontaram para locais que vão além daqueles protegidos pelo tombamento. O entrelace entre essas diferentes fontes documentais evidenciou que tanto o patrimônio institucionalizado quanto os não reconhecidos oficialmente estão, como explica Oliveira (2019, p. 17), “guarnecidos de significados e afetos”. Dessa forma, os dois campos de investigação desta pesquisa foram delineados.

A partir disso, com o auxílio de procedimentos da etnografia e da cartografia, a pesquisa de campo buscou compreender como as pessoas usam e se apropriam desses lugares, explorando os afetos que eles despertam. Uma proposta “de perto e de dentro”, como propõe Magnani (2002), que valoriza a perspectiva dos sujeitos e suas experiências cotidianas, capturando nuances e particularidades.

Magnani (2002, p. 17) afirma que o processo etnográfico é uma maneira de apreender os comportamentos “dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos”. Isso implica na inserção do pesquisador no campo de pesquisa, adotando estratégias interativas e uma observação participante (MAGNANI, 2002; ROCHA; ECKERT, 2013).

Enquanto isso, a cartografia investiga os acontecimentos durante o processo de pesquisa, um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado. Uma metodologia que se propõe a acompanhar movimentos e

cujas essências estão na possibilidade de enxergar o não visível e previsível, de apreender cenários sensíveis não demarcados nos mapas habituais (KASTRUP, 2020; ROLNIK, 2011). Caracteriza-se, portanto, como uma investigação processual, que não pretende representar a realidade, mas, sim, acompanhar ações em curso, mapeando processos a partir das subjetividades.

O cartógrafo, ao partir para a pesquisa, se torna indissociável do seu objeto: ao mesmo tempo em que é afetado por ele, também o afeta. Assim, cartografar é:

[...] conectar afetos que nos surpreendem e, para tanto, na formação do cartógrafo é preciso ativar o potencial de ser afetado, educar o ouvido, os olhos, o nariz para que habitem durações não convencionais, para além de sua função sensível trivial, ativando algo de suprassensível, dimensão de virtualidade que só se amplia à medida que é exercitada. O cartógrafo, assim, vai criando corpo junto com a pesquisa (POZZANA, 2013, p.336).

Em busca de capturar essa afetividade, recorreu-se também aos depoimentos e entrevistas com goianienses, tanto com os que vivenciam atualmente o Setor Central, como com aqueles que estabeleceram conexões significativas em décadas passadas. Foram obtidos dezoito (18) depoimentos – sendo doze (12) de forma presencial e seis (6) online – os quais permitiram uma maior compreensão das relações afetivas entre a comunidade e os lugares e edifícios analisados ao longo dos anos.

É desse modo que percorremos o centro de Goiânia. As visitas de campo, realizadas em dias e horários diferentes, adotaram uma abordagem imersiva e participante, que envolveu a observação atenta, conversas e registro minucioso. Essa escolha permitiu que entrássemos em contato com, como descreve Bertini (2014), a multiplicidade de afetos presente nos encontros e dinâmicas que envolvem as pessoas e a cidade.

Como registro dessa experiência de estar em campo, imersa e atenta, foram produzidas as cartografias afetivas. Elaboradas no cotidiano, evidenciam as múltiplas percepções e significados atribuídos ao espaço pelos indivíduos que o frequentam e o habitam.

2. GOIÂNIA: O PATRIMÔNIO INSTITUCIONALIZADO E AFETIVO

Os patrimônios institucionalizados provocam afetos? Neste capítulo examinam-se os patrimônios institucionalizados, isto é, aqueles que resultam do processo de seleção e proteção jurídica, seja na esfera municipal, estadual ou federal. Conforme concebido no sistema normativo brasileiro⁶, cabe ao poder público, com a colaboração da comunidade, promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. No caso goianiense, já foi dito que pouca ou nenhuma participação da sociedade foi reconhecida nesses processos de institucionalização do patrimônio da cidade, sejam eles edificadados ou urbanísticos.

Neste sentido, procura-se compreender como os goianienses se envolvem com o patrimônio institucionalizado, vislumbrando possibilidades afetivas. Ações como tomar caldo de cana na Praça Cívica, apresentações artísticas no Teatro Goiânia, encontrar amigos do Lyceu, passear na plataforma da Estação Ferroviária, no passado ou no presente, configurariam subjetividades afetivas? Para tal análise, optou-se por bens tombados que ganharam visibilidade ao longo da história e compõem o cotidiano da cidade.

2.1 Praça Cívica: resistência ao longo dos anos como espaço de encontro e memórias familiares

No plano urbanístico da nova capital Goiânia, a Praça Cívica foi idealizada como o elemento urbano mais importante, estrategicamente posicionada no centro da malha urbana, na confluência das principais avenidas – Goiás, Tocantins e Araguaia. Na concepção original, foi planejada para atuar como centro administrativo, servindo de palco para demonstrações cívicas. Jardins, fontes, monumentos e edifícios públicos administrativos, em linguagem *Art Déco*, conformam o espaço e ajudam a caracterizar a monumentalidade formal prevista por Corrêa Lima (MANSO, 2004).

Tombada⁷, a Praça Cívica desempenha importante papel simbólico na construção da cidade, relacionando-se com a história e memória da capital. Silva

⁶ A Constituição Federal Brasileira, em seu artigo 216, além de reconhecer os bens de natureza material e imaterial como patrimônio cultural brasileiro, define os instrumentos para sua proteção.

⁷ A Praça possui tombamento na esfera estadual, através do Decreto nº 4943, de 1998. Na esfera municipal, são tombados individualmente o Palácio das Esmeraldas e o Monumento às Três

(2012) aponta a praça como a paisagem mais representativa da capital, ocupando um importante espaço no imaginário urbano. Frequentemente lembrada pelos goianienses e destaque na mídia local, sua imagem é apontada como referência e marco do Setor Central, não somente por seus aspectos físicos, mas também pela subjetividade, como as brincadeiras da infância na praça e outros momentos de sociabilidade.

Do ponto de vista social, até a década de 1970, conformou-se como importante espaço de encontro, civismo e lazer dos goianienses. Santos (2020) aponta que o desenho aberto da praça propiciou interações diversas, abrangendo desde eventos oficiais até apropriações espontâneas. É possível perceber também que os edifícios e monumentos situados no espaço contribuíram diretamente na configuração desse caráter social. O Palácio das Esmeraldas, por exemplo, sediava grande parte dos eventos oficiais do estado e festas beneficentes. E as fontes luminosas eram consideradas cenários ideais para a prática do *footing* ou para as brincadeiras de crianças.

Associadas à infância e à família, as fontes luminosas são destaque na memória coletiva dos goianienses. “Raras as manhãs de domingo que meus pais não nos levavam para assistir ao espetáculo da fonte e comer pipoca com caldo de cana”, conta Jaime (depoimento, 2022). O mesmo cenário é relatado por Izabel (depoimento, 2022), que recorda afetuosamente da infância dos filhos: “morávamos perto, levava os meninos para ver a fonte, comer pipoca, tomar caldo de cana e assistir o descerramento da bandeira na porta do palácio”.

Nesse mesmo período, a praça abrigou a Feira do Artesanato – hoje, Feira Hippie – (figura 1) reforçando essa imagem do espaço como ponto de encontro e sociabilização, como observou Darci Accorsi (*apud* SOUSA, 2008, p. 22): “a Feira Hippie nos anos 70 era um local mais de prazer, de encontro com os amigos do que de compras, e predominava o artesanato”. Com saudosismo, Kátia (*apud* ULHOA et al., 2020, p. 1198) também relembra: “eu ia pra Feira Hippie sozinha, com treze para quatorze anos. Ela começava lá em cima, em frente ao palácio quase, e ia embora”. Essa atividade permitia aos goianienses

Raças, conforme Lei Municipal nº 7016. E na esfera federal, em 2003 o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tombou o Conjunto Arquitetônico Art Déco e Urbanístico de Goiânia, que inclui, além do traçado do núcleo pioneiro, vinte e dois bens entre edifícios institucionais e mobiliários urbanos, sendo doze deles no intitulado Conjunto da Praça Cívica (IPHAN, 2020).

apropriarem-se do local em um momento fora do roteiro de eventos oficiais, atuando não apenas como mero espectador, mas agente produtor desse espaço público (SANTOS, 2020).

Figura 1: Feira Hippie na Praça Cívica, década de 1970.



Fonte: SANTOS, 2020.

A Praça Cívica também é lembrada como cenário de grandes eventos festivos. As tradicionais comemorações natalinas, que começaram com decorações modestas na década de 1980 e chegaram até as megaestruturas em 2010, promoveram vínculos afetivos entre espaço e comunidade (figuras 2 e 3). Comparando o tempo passado com o presente, Isabela Machado recorda das festas natalinas na praça:

Lembro que o natal na praça era o programa tradicional da família Machado. Eu, meus irmãos e meus primos esperávamos ansiosos pelas festas de final de ano. Eu ficava encantada com a decoração, tinha uma linda cascata de luz no palácio. Uma festa simples, mas muito bonita. Hoje, tento manter a tradição levando minha filha e meus sobrinhos. A decoração continua encantando, mas em uma proporção bem maior. Os prédios, monumentos, árvores, tudo com luzes coloridas e enfeites. Várias atrações e shows também. Esse último ano não teve o natal da praça, foi uma pena ver esse espaço vazio (MACHADO, depoimento, 2022).

Figura 2: Natal na Praça, 1984

Fonte: SANTOS, 2020.

Figura 3: Natal na Praça, 2021.

Fonte: O Popular, 2021.

Devido às obras do BRT Norte-Sul⁸, em 2021, a tradicional festa de natal de Goiânia foi transferida da Praça Cívica para o Centro Cultural Oscar Niemeyer. Outros entrevistados⁹ também lamentaram a mudança, destacando, principalmente, a dificuldade de acesso: “não consegui ver a decoração de natal, impossível ir de ônibus” e “muito longe, na Praça Cívica era mais acessível”.

No decorrer dos anos, a imagem da praça transitou de espaço atrativo para espaço de precariedade. O lugar de encontro e lazer cotidiano transformou-se. Durante o dia, caracterizada como lugar de trânsito e passagem, frequentada por transeuntes apressados e ocupada por um grande estacionamento, sem atrativos para a população (figura 4). À noite, espaço de venda e consumo de drogas, prostituição e abrigo de moradores em situação de rua, refletindo uma imagem de medo e insegurança.

⁸ O projeto de BRT (Bus Rapid Transit) Norte-Sul propõe um corredor exclusivo com 21,8 quilômetros de extensão para interligar as regiões sul e norte da Região Metropolitana de Goiás. As obras do BRT Norte-Sul foram iniciadas em 2015, com previsão inicial de vinte meses, no entanto, devido algumas paralisações, a obra se entende até os dias atuais.

⁹ Depoimentos informais concedidos à pesquisadora em 26/07/2022.

Figura 4: Praça Cívica ocupada por um grande estacionamento, década de 2010.



Fonte: SILVA; TEIXEIRA, 2021.

Diante essa degradação e descaracterização, a partir da década de 2000, a praça se torna objeto de algumas intervenções com o discurso de retomar o espaço de convivência e cultura no centro da cidade, resgatando seu aspecto histórico. O projeto de revitalização da Praça Cívica em 2015, elaborado pelo escritório de arquitetura Grupo Quatro, constituiu um dos exemplos mais expressivos desse período.

Outra opção de lazer que tem expressão na Praça Cívica, associada tanto ao espaço público quanto a um dos edifícios localizados no espaço, é o cinema. Inaugurado em 1989, o Cine Cultura é referência no cenário audiovisual goiano, se firmando como principal espaço de exibição de filmes não comerciais. A sala está localizada no Centro Cultural Marieta Telles, edifício histórico que compõe o conjunto da Praça Cívica (figura 5). A praça também abriga o Cinealmofada, projeto de exibição de filmes ao ar livre que já conta com três temporadas, em 2012, 2014 e 2022 (figura 6). Em frente ao prédio do Centro Cultural Marieta Telles, as sessões são realizadas com o intuito de difundir e fortalecer o acesso cinematográfico ao público goiano (FERREIRA, 2022; MESQUITA, 2022). Sobre a experiência de trabalhar com a sétima arte na praça, Luís Fernando comenta:

A praça é lugar de passagem ou encontro e já foi meu espaço de trabalho também. Tive a oportunidade de trabalhar no Cine Cultura, localizado na Praça Cívica e durante alguns anos foi um lugar que frequentei bastante. Foi nesse espaço também que tive a honra de

fundar um projeto do qual me orgulho muito, o Cinealmofada. Um projeto feito por amigos e amantes do cinema que tinham o desejo de preservar o cinema e os seus espaços de exibição, considerando o Cine Cultura e o período conturbado pelo qual passava, com as atividades interrompidas e necessitando de reforma. A praça Cívica e o projeto fizeram parte da minha história e é um período muito significativo da minha vida, pelas pessoas que conheci e experiências que tive. Memórias que me transformaram e me fizeram ser quem eu sou hoje (SOUSA, depoimento, 2023).

Promover atividades artísticas e culturais no espaço público são fundamentais para a construção de vínculos, uma vez que permitem usos e apropriações constantes. Para Luís Fernando, são maneiras de ressignificar o espaço, despertando o interesse do público para a praça e contribuindo, assim, para a formação da memória desse lugar e da sua comunidade.

Projetos como o Cinealmofada geram vínculos afetivos com os espaços públicos, pois criam experiências únicas e inesquecíveis relacionadas aos espaços aos quais eles acontecem. Memórias são geradas, encontros acontecem e isso pode ficar para sempre, se tornando parte da história das pessoas (SOUSA, depoimento, 2023).

Figura 5: Cine Cultura.



Fonte: Cine Cultura (Instagram, 2020).

Figura 6: Cinealmofada, 3ª temporada.



Fonte: Cine Cultura (Instagram, 2022).

Mobiliário urbano, sombreamento e vegetação também adquirem grande protagonismo na Praça Cívica, criando áreas de permanência e possibilidades de convívio. Relaxar nos bancos dispostos pelo espaço, aproveitar as sombras das árvores ou simplesmente caminhar pelos contornos da praça compõem, desde sempre, o cotidiano da paisagem. Rememorando sua juventude, César (*apud* ULHOA et al., 2020, p. 1205) destaca essa qualidade do espaço: “a Praça Cívica era gostosa, era bonita. Aquelas árvores que eles cortam redondo, fica bonitinha, aquele Ficus, os bancos. Ficava cheio de gente”. A partir desses, a

praça oferece diferentes formas de usar e apropriar o espaço público, seja para descansar, praticar atividades físicas, socializar ou relaxar em meio à rotina agitada (figuras 7 e 8). Uma diversidade de aspectos, os quais se tornam preferências e motivações para ir à praça.

Figura 7: Apropriação afetiva: grupo de amigos na Praça Cívica.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 8: Apropriação afetiva: casal na Praça Cívica.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Instalados na parte central da praça, os quiosques comerciais também revelam uma multiplicidade de atividades simbólicas. Além de serem espaços destinados à venda e consumo de alimentos, proporcionam formas de estar e interações sociais descontraídas. Seja em paradas ocasionais ou programadas, o quiosque é lugar de encontro, sociabilidade e afeto.

É em um desses quiosques que Mônica Santana (depoimento, 2022) reforça diariamente seus vínculos com o espaço público. Sua história com a Praça Cívica começou ainda na infância, acompanhando o trabalho do pai no quiosque, entre brincadeiras nas fontes luminosas e compras na feira hippie, identificando um lugar repleto de “vida e alegria”. No entanto, depois de anos e inúmeras transformações, a comerciante lamenta a atual situação de “abandono e morte” da praça. Interessante perceber que, embora insatisfeita com a praça do presente, Mônica continua tecendo significativas conexões. Atende carinhosamente seus clientes, tem conversas prolongadas e intimistas, e cumprimenta os muitos conhecidos que acenam. Mais do que um comércio, o *Garapeira Café Cultural* é palco para os bons encontros (figuras 9 e 10).

Figura 9: Apropriação afetiva: Garapeira Café Cultural.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 10: Apropriação afetiva: consumo e sociabilidade em quiosque comercial.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

A área central se destaca por ser um grande vazio em meio à paisagem. É responsável por criar um contraste marcante, com ausência de mobiliário e vegetação, tornando-a pouco convidativa para aqueles que buscam o local para descansar ou socializar (figura 11). Poucas pessoas permanecem no espaço, exceto quando são atraídas pelo Monumento às Três Raças. Esse monumento convida discretamente as crianças – enquanto atravessam a praça – a brincarem nas escadas ou turistas a tirarem rápidas fotos (figura 12). É interessante destacar que, como apontam Rezende (2021) e Camargo (2022), o espaço recebia um considerável fluxo de famílias e grupos diversos aos finais de semana, no entanto as obras do BRT continuam impactando negativamente nessa ocupação.

Figura 11: Área central: grande vazio.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 12: Área central: apropriações pontuais no Monumento às Três Raças.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

O projeto do BRT Norte-Sul é assunto relevante na mídia atual, visto que sua instalação tem acarretado uma série de mudanças para o Setor Central, como alteração no sentido de ruas e a interdição temporária do anel interno da Praça Cívica. Em ritmo lento, a obra vem causando grandes transtornos na região, além de congestionamento, pedestres e motoristas relatam a dificuldade de acesso. Outro ponto relevante refere-se à implantação das plataformas de embarque e desembarque de passageiros do BRT na praça, local que abriga grande parte dos edifícios tombados.

Diante essas intervenções, o arquiteto urbanista Rodrigo Ferreira questiona como o urbanismo da capital tem sido sacrificado. Além de descaracterizar o plano original proposto por Atílio Corrêa Lima, para a inserção do projeto, árvores do canteiro central estão sendo retiradas, aponta o arquiteto (FERREIRA, 2021). Como consequência, menos áreas de sombreamento e permanência, modificações que desestimulam cada vez mais a presença de usuários e suas atividades no espaço.

Apesar dessas constantes transformações, a Praça Cívica continua sendo uma referência tanto física quanto simbólica no centro da capital. Os afetos da memória coletiva, que se manifestam por meio das experiências da infância e dos inúmeros eventos promovidos no espaço, se somam aos afetos presentes, percebidos no movimento daqueles que iniciam o dia com atividades físicas ou na pausa do corpo que relaxa em um banco sombreado.

Na cartografia afetiva da Praça Cívica (figura 13), por meio de observações minuciosas e conversas com frequentadores, foi possível apreender as diversas formas como as pessoas se relacionam com esse espaço e expressam seus afetos. A preferência por ações de estar e sentar, além de permitir momentos de pausa, viabilizam a interação e convívio social. São essas apropriações e vivências que favorecem o aumento de potência dos indivíduos, revelando afetividades.

Figura 13: Cartografia afetiva Praça Cívica



Fonte: Autora, 2023.

2.2 Teatro Goiânia: palco da cultura, lugar de possibilidades

Inaugurado em 1942, na confluência das Avenidas Anhanguera, Tocantins e Rua 23, o Teatro Goiânia – nomeado inicialmente como Cine-Teatro Goiânia – é um edifício que possui grande carga simbólica na formação da identidade e memória goiana. Projetado pelo arquiteto Jorge Félix com a colaboração de José Neddermeyer, é tido como um dos principais expoentes da arquitetura *Art Déco*, com típicas características da orientação *streamline* (figura 14) que contribuem para gerar a monumentalidade pretendida para a cidade (MANSO, 2004; FROTA, CAIXETA, AMARAL, 2007).

Figura 14: Cine Teatro Goiânia, 1952.



Fonte: Jornal O Popular, 2019.

Para aqueles que atuaram na construção do Cine-Teatro Goiânia, o trabalho foi marcado pela satisfação em participar efetivamente da construção da capital. Ao recordar esse período, Claudomiro Ferreira de Freitas, que atuou como servente no canteiro de obra do edifício, demonstra orgulho e carinho pelo trabalho ali desenvolvido e também pelo resultado:

Ajudei a embalar o berço de Goiânia. Não tinha quase nada, não tinha quase nada, tinha poucas casas. Em 39.... De forma que a gente ajudou a embalar o berço de Goiânia, quando cheguei ela estava novinha. Aquele Cine teatro Goiânia ajudei a construir aquele Cine Teatro Goiânia. De forma que hoje é uma relíquia aqui da cidade. Umas flores que tem lá, uns ornados, passou na minha mão, pelo menos o material de forma que tinha um engenheiro, um pedreiro e eu, como servente. Eles entendiam da parte técnica, da parte de aperfeiçoamento, era com eles. Mas na parte grosseira de preparar o material, passou nas minhas mãos (FREITAS, 2004, apud MATTOS, 2008, p. 48)

Inicialmente, o Cine-Teatro foi pensando para atender as funções de teatro e cinema. No entanto, devido às dimensões reduzidas do palco, que não suportava espetáculos de grande porte, a exibição de filmes cinematográficos configurou a principal atividade do espaço nas décadas iniciais. Com aparelhagem moderna e sofisticada, acomodações confortáveis e uma programação de filmes bastante abrangente, passou a ser conhecido apenas como Cine Goiânia, atingindo seu auge ainda na década de 1940 (CULTURA, 2019).

É através desse edifício *Art Déco* que a imagem de modernidade e progresso, concebida para a capital, permeia a mente da pioneira sociedade goianiense. Nas lembranças de Belkiss Mendonça (GOIÂNIA, 1985, p. 224), em uma cidade marcada por problemas de infraestrutura, o Cine-Teatro era mais do que o palco da cultura, era o lugar das possibilidades.

Quando eu cheguei, em 1945, houve aqui um problema sério de luz, porque a represa do Jaó havia estragado e nós ficamos um ano no escuro. Esse ano foi muito sofrido, por que a gente não tinha ferro elétrico, não tinha geladeira, não tinha enceradeira, não tinha nada. A cidade toda estava no escuro, no aladim. Mas o cinema tinha um motor. Então, como a cidade era pequena e havia poucas construções, a hora em que o motor do Cinema era ligado, todo mundo ouvia e já saía de casa para ir assistir ao filme. Cada um com sua lanterna na mão para não cair nos buracos das ruas, mas ia ao cinema. Assim também era feito nos dias de concerto. Tudo a gente podia fazer no Cinema porque lá havia esse motor.

Por sua localização privilegiada e arquitetura imponente, o Cine-Teatro Goiânia ganhou grande destaque na capital. Com uma programação cultural agitada, a casa de diversão da capital recebeu diversos eventos importantes, desde a cerimônia do Batismo Cultural da cidade, até as principais companhias de teatro do país. Além desses, Soares (2021) destaca que a tradicional prática

do *footing* também ocorria nos arredores do teatro, reforçando ainda mais seu movimento e vivacidade.

Ir ao Cine-Teatro consistia em uma experiência intensa e vibrante. Os trajes a rigor, os encontros com os amigos, as conversas animadas, o brilho da tela iluminada, todo um conjunto de elementos relacionados às idas ao teatro que compõem uma memória afetiva. Desse modo, as famosas matinês ou sessões perfumadas, que agitavam a capital entre as décadas de 1940 e 1950 (figura 15), são lembradas com muito esmero e carinho por seus frequentadores: “Todo mundo se arrumava, colocava a melhor roupa. Os homens só entravam de paletó. Lembro que ficávamos impressionados com os filmes na tela grande. Eu amava”, declara Maria do Carmo (apud FERREIRA, 2022).

Figura 15: Interior do Cine Teatro Goiânia, 1940.



Fonte: SOARES, 2021.

Com uma ampla programação e preços acessíveis, o Cine-Teatro atraía um público plural e diverso, contribuindo assim para a formação de um espaço democrático. Frequentadora assídua das matinês, Cleide Teles narra essas movimentadas sessões do cinema:

Tinha ficção, drama, comédia, romance, passava de tudo. Eram filas enormes para assistir esses filmes, sessões sempre lotadas. Tinha crianças, adolescentes e adultos, homens e mulheres. Agradava todos os públicos. Todo mundo ia no Cine-Teatro, era um lazer muito popular e acessível, a maior diversão da época (TELES, depoimento, 2023).

Acompanhando a efervescência cultural do eixo Rio-São Paulo, na década de 1970, Goiás entra para o cenário dos grandes festivais de música brasileira. O Festival Comunica-Som, criado em 1971 e realizado anualmente com algumas interrupções até 1985, teve o Cine-Teatro Goiânia como casa (SANTOS JÚNIOR, 2020). Responsável por revelar importantes nomes da música goiana, como João Caetano, Marcelo Barra, Fernando Perillo, Pádua, entre tantos outros, o festival proporcionou experiências únicas, tanto profissionais, quanto afetivas. Nos bastidores do Comunica-Som, parcerias musicais e grandes amizades foram firmadas. Sobre subir no palco do Teatro Goiânia, Santos Júnior (2020, p. 4) relata a experiência de João Caetano na primeira edição do festival:

Ao subir no palco do Teatro Goiânia, sua adrenalina estava a mil. Olhava o público ao fundo esfumado pela luz baixa e a cabeça dos jurados bem à sua frente. Junto com seus amigos, misturava nervosismo e confiança. Eles tinham se preparado para o Comunica-Som e ao interpretarem “O Último a Embarcar...”, todos no palco vestiam roupa preto com uma faixa verde e amarelo amarrada na cintura. João fez sua estreia com o pé direito e foi muito além do que todos imaginavam.

O declínio dos cinemas de rua e a falta de uma estrutura teatral adequada resultaram no processo de decadência e abandono do Cine-Teatro Goiânia, no final da década de 1970. Nesse contexto, o edifício foi objeto de uma extensa e minuciosa reforma, com objetivo principal de adaptá-lo para receber espetáculos teatrais. Em 1978, o prédio é reinaugurado exclusivamente como teatro, resgatando a notoriedade como casa de espetáculos no centro da capital (CULTURA, 2019).

Figura 16: Teatro Goiânia, Avenida Anhanguera 2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 17: Teatro Goiânia, Avenida Tocantins, 2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Nesse cenário, na tentativa de atrair e cativar o público goiano, surgem projetos populares no Teatro Goiânia. A exemplo, na década de 1980, a Terça Popular que foi responsável por popularizar o acesso ao espaço artístico e estreitar os vínculos entre a população e o teatro. Mauri de Castro, ator e diretor goiano, relatou algumas experiências do projeto:

(...) tínhamos a Terça Popular, um dos projetos mais incríveis que teve na década, que era toda terça-feira no Teatro Goiânia, com espetáculos a preços irrisórios, preços simbólicos e às vezes nem tinha ingresso, às vezes era porta aberta, só que organizado... a gente mobilizava classes, por exemplo: “Hoje vai ser a classe dos comerciários”. Então a gente distribuía ingressos para todos os comerciários... Duas classes nos deram, uma, muito prazer, e outra, muito desgosto. Quem nos deu muito prazer foi a classe da limpeza urbana, os garis, que ficou gente sentada em cima do palco, porque não cabia gente. Foi a classe que mais aderiu e a que mais deu desgosto foi a classe universitária, porque dos mil e quinhentos ingressos que a gente distribuiu – porque a gente distribuía o dobro para ver se ia a metade – então, nós distribuimos os ingressos e foram setenta pessoas no máximo, foi uma decepção absurda (CASTRO, *apud* PIRES, 2020, p. 119).

Outras reformas foram realizadas ao longo dos anos, com destaque para o projeto da Vila Cultural Cora Coralina, inaugurado em 2013 (figura 18). A proposta buscou dar maior visibilidade a arquitetura do bem tombado, retirando os edifícios inseridos na quadra do Teatro Goiânia, considerados de baixa

qualidade arquitetônica e histórica por especialistas, criando nesse espaço uma praça e um centro cultural no subsolo (AZEVEDO, 2018).

A Vila Cultural Cora Coralina é, hoje em dia, responsável por grande parte do movimento diurno da quadra. Praça e salas de exposições ofertam diversas opções culturais, contribuindo assim para apropriações constantes pela comunidade. Eventos periódicos, como oficinas e feiras temáticas, também costumam ocorrer no período diurno e finais de semana atraindo mais público. Já no Teatro Goiânia, destacam-se as atividades noturnas – peças, concertos shows – que atraem admiradores da arte e da música.

Figura 18: Vila Cora Coralina e Teatro Goiânia.



Fonte: REZENDE, 2016.

É palco que acolhe a produção local. O teatro recebe constantemente concertos da Orquestra Sinfônica de Goiânia, espetáculos de companhias de teatro e de dança goianas. Para esses artistas, apresentar no palco do Teatro Goiânia é um dos momentos mais importantes de suas carreiras artísticas. Sobre a alegria e o privilégio de pisar ali, o artista e professor Jackson Leal conta que “poder acessar esse espaço e entender um pouco da história do local é uma experiência que eu acho que todo artista precisa passar, porque é um momento muito grandioso na carreira de qualquer pessoa” (PESSONI, 2021).

Para os bailarinos da Quasar Cia. de Dança, dançar no Teatro Goiânia é sempre um encontro carinhoso. Com apresentações em diversos teatros ao redor do mundo, a companhia de dança contemporânea goiana considera a tradicional casa de espetáculos da capital um palco afetivo, o qual faz parte da

trajetória da companhia: “Já nos apresentamos em muitos palcos por todo mundo, mas não há sensação melhor que dançar em casa com o Teatro Goiânia lotado” (DANÇA, 2019).

O teatro é responsável também por promover o gosto e o fascínio pela arte, incentivando novas vivências e oportunidades. É o que conta a goianiense Amanda Batista, fazendo uma importante reflexão sobre a presença desse bem cultural em sua vida, desde a infância como espectadora de musicais infantis, até sua adolescência como protagonista em festivais de dança:

Minha história com o Teatro Goiânia começou quando eu era bem nova. Ainda na escola, fui algumas vezes assistir a algumas peças infantis, geralmente musicais. Mas desde sempre, foi um ambiente que me encantou muito: talvez o escuro, o silêncio que éramos obrigados a fazer, a magia do que estava sendo apresentado ali no palco. Não demorou muito, também acabou fazendo parte de outra maneira. Explico. Praticamente junto com minha entrada na adolescência, comecei a fazer dança e o palco ganhou outro sentido. O palco do Teatro Goiânia, em específico, foi um lugar no qual me apresentei mais de uma vez, inclusive de forma competitiva. Foi assim que conheci os camarins que, inclusive, não deixaram a melhor das impressões. Quando competimos, eu e meu grupo tivemos que dividir uma sala/corredor com outras bailarinas de outras escolas, virando uma bagunça de figurino, maquiagem e meninas correndo ou fazendo alongamento. Mesmo assim, as lembranças são ótimas, fazem parte de uma época que faz muita falta (BATISTA, depoimento, 2023).

Cores, sons e sabores completam a magia e sensibilidade desse espaço. As filas para comprar ingresso que se estendem pela calçada, o cheiro de pipoca doce que exala pelo ar, o vai e vem apressado no hall de entrada, as últimas conversas antes do espetáculo começar (figura 19), vários aspectos que enriquecem a experiência de ir ao teatro, tal como descreve Amanda Batista:

Outro fator que me faz gostar muito do Teatro Goiânia é a agitação, todo aquele movimento que ele proporciona. Adoro quando passo ali na frente e vejo uma fila grande, alguém vendendo pipoca, as portas abertas, é muito bom ver aquilo tudo vivo (BATISTA, depoimento, 2023).

Figura 19: Cores, sons e sabores do Teatro Goiânia.



Fonte: Orquestra Sinfônica de Goiânia (Instagram Oficial, 2022).

O histórico confirma as impressões. Se hoje são incontáveis apresentações de teatro, dança e música, no passado foram filmes de Hollywood, desenhos animados de Walt Disney, espetáculos teatrais com artistas renomados e outras nem tanto, shows de cantores importantes da música brasileira, entre outros tantos encontros promovidos nesse lugar. Um lugar que condensa afetos independente do tempo e que promove encontros, risos, choros, alegria de viver.

A cartografia afetiva do Teatro Goiânia revela um espaço lúdico e sensível (figura 20). Na entrada, a pipoca e o burburinho animam a casa; no palco, artistas que se conectam com a história e cultura do lugar; na plateia, admiração e emoção envolvem o público. É essa combinação que aumenta a potência de agir e, assim, gera um teatro repleto de afetos.

Figura 20: Cartografia afetiva Teatro Goiânia



Fonte: Autora, 2023.

2.3 Lyceu de Goiânia: berço de discussões políticas e culturais

Fundado em 1846, ainda na antiga capital do Estado, Cidade de Goiás, o Lyceu sempre foi destaque no cenário educacional goiano. Com a mudança da capital, em 1937, a unidade foi transferida para a nova cidade e inserida em uma região central privilegiada, na rua 21. Projetado também por Attílio Correa Lima, com alterações posteriores do escritório dos Irmãos Coimbra Bueno, o edifício (figura 21) é marcado por características que transitam entre o colonial e o *Art Déco* (MANSO, 2004; BARROS, 2012).

Figura 21: Lyceu de Goiânia, década de 1940.



Fonte: Diário da Manhã, 2017.

Nas décadas iniciais, o Lyceu de Goiânia atendia principalmente a elite goiana, conforme Barros (2012, p. 137), na nova capital a instituição não deixou de atuar para o fim a que foi criada, continuando uma “formação propedêutica e elitista”. No entanto, no início dos anos 1960, com a reestruturação do ensino secundário nacional, o acesso à instituição foi ampliado e o perfil dos alunos tornou-se cada vez mais diversificado.

Estudar no Lyceu significava entrar em contato também com inúmeras práticas filosóficas, sociais e políticas. Ideias consideradas avançadas para a época, como comunismo e luta de classes, eram extensivamente discutidas pelos estudantes. A escritora goiana Marietta Telles Machado (GOIÂNIA, 1985, p. 312), narrou suas primeiras impressões sobre a instituição:

Matriculei-me no Liceu para fazer Curso Clássico. Aí, então, começou uma nova etapa em minha vida, completamente diversa da experiência

até então vivida. Passei a frequentar uma classe mista, moças e rapazes com ideias avançadas, tipo de gente com quem eu não tivera ainda a oportunidade de conviver: feministas, comunistas, católicos liberais, esquerdistas, protestantes. Houve uma reviravolta em minha cabeça. De um colégio de freiras, com disciplina rígida, orientação religiosa fechada, práticas piedosas obrigatórias, eu cai naquele mundo fascinante, onde da origem do homem, da virgindade, da luta de classes, da doutrina marxista, a liberação da mulher, discutia-se de tudo.

É nesse cenário que vínculos são firmados com a instituição. Para grandes personagens da literatura goiana, o gosto pela leitura e escrita começou a ser desenvolvido ainda no Lyceu, especialmente na biblioteca e no jornal estudantil. Assim como para protagonistas da política goianiense, onde o aprendizado político tem origem nos debates e reuniões promovidos pelo grêmio estudantil. Luiz Lima, aluno e integrante do Grêmio Literário Feliz de Bulhões, na década de 1960, relembra um ambiente bastante interessante:

Havia o Grêmio Literário, onde era o espaço de atuação. Então vivíamos muito mais na sala do Grêmio do que na sala de aula propriamente. A sala do Grêmio era uma sala de formação e informação. Lembro-me bem que na época gostávamos de colocar o som para “bombar” no Grêmio, com as músicas dos Beatles. O Grêmio Literário Felix de Bulhões era um vetor de informação (LIMA *apud* ALVES; CÔRTEZ, 2013, p. 350).

O Lyceu é espaço privilegiado do ponto de vista político-social, seja em função de questões amplas de importância nacional ou para a cidade de Goiânia. Atuou, por exemplo, como centro das manifestações políticas estudantis durante a ditadura militar (1964-1985), “Na década de 70, o colégio estava inserido em toda aquela criatividade e luta da época. O Lyceu foi até cercado pelo Exército e nós ficamos fechados lá durante dois dias. Era muito atuante”, recorda Carlos Brandão (DIÁRIO DA MANHÃ, 2017). Outro importante movimento estudantil foi a ocupação da escola por seus estudantes no final de 2015 contra a implantação de Organizações Sociais (OSs) na rede pública de ensino.

Do ponto de vista cultural, o Grupo Sonhus Teatro Ritual se destaca na história da instituição e da capital. Foi no ambiente escolar, na década de 1990, que alunos do ensino médio do Lyceu encontraram espaço para expressar sua arte e seus pensamentos, e no cotidiano da escola, entre as aulas, criaram o grupo teatral. Em entrevista ao Diário da Manhã (2017), o ex-aluno e um dos idealizadores do projeto, Nando Rocha conta:

O Grupo Sonhus Teatro Ritual foi criado no ano de 1996, quando eu, Pablo Angelino, Ruber Paulo, Maira Brisa, Miguel Jabur e outros colegas ainda éramos alunos do Ensino Médio no Lyceu. Na época, o Grupo agitava as atividades culturais da escola apresentando espetáculos e levando para a escola outras atrações musicais ou de artes visuais e outras atrações artísticas.

Anos depois, o vínculo afetivo entre os membros do grupo e o Lyceu foi reforçado com a instalação da sede do Grupo Sonhus e um projeto cultural no local. Eles viram na escola um grande potencial, não só pelo espaço físico, mas também como uma oportunidade de retribuir todo incentivo e conhecimento que o colégio proporcionou no início de sua trajetória. A vivência na escola foi capaz de aumentar a potência de agir dos alunos e, retomando Spinoza (2009), revelar uma série de afetos positivos.

Nesse cenário, entre 2013 e 2020, a instituição abrigou o Espaço Sonhus, projeto de residência artística realizado pelo Grupo Sonhus Teatro Ritual em parceria com o Colégio Lyceu. Além de promover a arte, o projeto tinha como intuito evidenciar o prédio histórico, ocupando espaços anteriormente inutilizados. O espaço contava com salas de treinamento e ensaio, o antigo auditório do colégio foi transformado em um teatro de bolso e na praça anexa foi instalada uma tenda de circo para apresentações e cursos. Desse modo, foi responsável por estimular a vitalidade do espaço, promovendo uma maior aproximação dos alunos, da comunidade local e de artistas goianienses com o bem tombado.

A Banda Marcial Lyceu de Goiânia também foi responsável pela criação de vínculos com a escola. Ao mesmo tempo em que contribui para a formação educacional e artística, é um dos locais em que os alunos podem desenvolver e concretizar relações afetivas. Renato Garcia (depoimento, 2022), aluno e integrante da banda na década de 1970, destaca as amizades e o companheirismo desenvolvidos nos ensaios e apresentações: “a banda era minha segunda família, minha segunda casa. Nos ensaios havia muita cumplicidade, e essa relação de apoio, esse suporte, se estendeu para fora do Lyceu. Acabei fazendo amizades que são até hoje”.

A presença da banda em desfiles e festas da capital, o uniforme azul com detalhes dourados, até mesmo a rivalidade com a banda do Colégio Pedro

Gomes, são marcantes na história do Lyceu (figura 22). Para a educadora física Pollyanna França (2020), sua relação com a escola está intimamente ligada a esses momentos. Com boas recordações das experiências que viveu como baliza da Banda Marcial e dos ensinamentos que esse ambiente artístico e esportivo proporcionou para toda sua vida, comenta:

A Banda Marcial Lyceu de Goiânia me proporcionou momentos gloriosos e inesquecíveis. Quando vestia aquela roupa, eu esquecia todos os meus defeitos, todas as minhas limitações, eu me sentia a pessoa mais importante do mundo (FRANÇA, 2020).

Figura 22: Banda Marcial Lyceu de Goiânia.



Fonte: Subsecretaria Metropolitana de Educação, 2000.

É no ambiente escolar que vínculos de amizade são constituídos e fortalecidos. As vivências compartilhadas em sala de aula, as brincadeiras no pátio, os encontros para fazer trabalho em grupo, uma diversidade de acontecimentos que ganham sentido no cotidiano e firmam importantes laços afetivos. No Lyceu de Goiânia, Cleide Teles estabeleceu significativas teias de amizades e se orgulha do espírito de união e companheirismo mantidos até os dias de hoje.

O Lyceu me proporcionou várias amizades que conservo até hoje, mais de 50 anos. Temos um grupo de alunos que conversam sempre, inclusive em 2020 fizemos uma grande confraternização da turma “Curso Clássico Lyceu 1970”, onde vários colegas de turma

participaram. Foi aqui em Goiânia e pessoas do Brasil todo vieram para a festa, conseguimos reunir mais de 30 alunos. (TELES, depoimento, 2023).

O Lyceu é, ainda hoje, espaço privilegiado para fazer amizades. A construção de uma rede de amigos é apontada pelos estudantes como elemento fundamental na motivação e permanência dos estudos. Nas palavras de Lucas (depoimento, 2023), amigos são “um incentivo a mais” para frequentar a escola. Nesse sentido, o ambiente escolar torna-se agradável e atrativo, permitindo que os alunos se sintam realmente pertencentes a um grupo e lugar.

Ainda sobre o sentimento de comunidade e pertencimento, o Lyceu se destaca como espaço de diversidade e inclusão. A maior comunidade LGBTQIA+ do Estado de Goiás estuda no Lyceu de Goiânia. Segundo Ricardo Marques (depoimento, 2023), diretor à frente da instituição desde 2017, a escola busca promover iniciativas eficientes e ativas para tornar o ambiente seguro e acolhedor. É na escola que essa comunidade encontra uma importante rede de apoio e afeto, fortalecendo também o senso de identidade.

Grandes referências, os professores assumem significativo papel dentro e fora da instituição. Ultrapassando a função didática, contribuem para a formação pessoal e profissional dos alunos, conforme revela Cleide Teles:

Os professores eram bem preparados e os melhores de Goiânia na época, eram bem amigáveis. Tínhamos aulas bem dinâmicas, lembro-me das aulas de literatura pois o professor era um exímio contador de histórias e incentivador da leitura, tanto internacional quanto, principalmente, a brasileira. Ele se chamava Milton Cabral, foi o professor que mais me marcou na memória, um professor excelente que me guiou com seus ensinamentos por muitos anos, mesmo após sair da escola. Inclusive anos depois reencontrei em Brasília, onde ele ministrava um curso de estudos Freudianos. Sempre momentos de muita troca e conhecimento (TELES, depoimento, 2023).

Tempo de descontração e convívio social, o intervalo é outro importante elemento da relação aluno-escola. Nesse momento, os alunos se apropriam dos espaços, recriam neles novos sentidos e formas próprias de sociabilidade (DAYRELL, 1999). Distribuídos pelo pátio, bancos e sombras de árvores, os alunos ocupam seus lugares prediletos. Rapazes e moças, alguns em grupos, outros sozinhos. É o momento do encontro, das conversas animadas, do futebol com os amigos; é também o momento do descanso, de desacelerar e renovar

as energias (figuras 23 e 24). É no intervalo, portanto, que a escola transborda afetividade.

Figura 23: Apropriação afetiva: rodas de conversa entre amigos.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 24: Apropriação afetiva: futebol entre amigos.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

No Lyceu, as memórias e vivências revelam um lugar repleto de significados. O espaço escolar, os valores e normas, as conquistas e desafios, os amigos e professores, os encontros e reencontros, uma diversidade de componentes indutores de conhecimento e afeto.

Os alunos desempenham um papel fundamental na cartografia afetiva do Lyceu de Goiânia, sendo considerados grandes protagonistas desse ambiente (figura 25). As (re)apropriações dos espaços – o pátio do futebol entre amigos, as mesas sombreadas com conversas animadas, o corredor para estudo ou descanso – revelam o conjunto de afecções da escola.

Figura 25: Cartografia afetiva Lyceu de Goiânia



Fonte: Autora, 2023.

2.4 Antiga Estação Ferroviária de Goiânia: das viagens de trem às tentativas de requalificação

Construído na década de 1950, no final da Avenida Goiás, o prédio da antiga Estação Ferroviária é outro exemplo marcante da arquitetura *Art Déco* do núcleo pioneiro de Goiânia. Com projeto de autoria desconhecida, Silva (2012) aponta esse como o último exemplar desse estilo na capital. Construído em dois pavimentos com torre central para relógio, a simetria e o escalonamento conferem monumentalidade e qualidade estética à Estação (figura 26). Outro elemento expressivo encontra-se no interior do edifício, trata-se de dois grandes painéis do Frei Nazareno Confaloni, intitulados *Os Bandeirantes: antigos e modernos*, de 1953, que emolduram o saguão central (SILVA, 2012).

Figura 26: Estação Ferroviária, década de 1950.



Fonte: FINGER, 2013.

Nos primeiros anos de operação, a Estação Ferroviária de Goiânia conformou-se como importante espaço de encontro, convívio social e lazer. O edifício da Estação era palco para a chegada e a partida dos trens, para as recepções e despedidas, era o portal de entrada e saída da cidade para “as pessoas, os imigrantes, o progresso, as novidades, a cultura e os produtos agrícolas, entre outros”, destaca Costa (2006, p.9).

Quem viveu nos tempos áureos do transporte ferroviário goiano, relembra uma estação repleta de vida. Em um dos espaços mais atrativos da capital, as

idas e vindas dos trens somavam-se ao burburinho de viajantes e curiosos que os esperavam na plataforma. Era com viagens partindo da Estação Ferroviária de Goiânia, que Vera Lúcia deslumbrava-se com a edificação:

Minha relação se dava pelas viagens de trem para Ipameri. Era uma satisfação imensa chegar ali, ver a plataforma cheia de gente, comprar os bilhetes, esperar impacientemente na fila para embarcar. Depois que entrava no trem, gostava de ficar na janela até perder a estação de vista. E era um prédio muito bonito que destacava na paisagem (SIQUEIRA, depoimento, 2023).

A Estação Ferroviária assumiu também importante espaço de sociabilidade para seus funcionários. No ambiente de trabalho, uma rede de apoio e compressão era construída diariamente, revelando grande parcerias e amizades. Com saudosismo, Ronaldo Antônio relembra seus anos de trabalho como supervisor de segurança na estação: “Sinto muita saudade. Ainda moro no Setor Ferroviário e sempre passo por aqui e vejo a sala onde trabalhei. Um ambiente sadio, de amizades verdadeiras” (O POPULAR, 2019).

Filho de ferroviário, Ailton Menezes¹⁰ teve o edifício da Estação Ferroviária como cenário principal para suas aventuras e brincadeiras de infância. Tocar o sino, contar vagões, correr pelos trilhos, dormir em pilhas de dormentes ou vender “maça, biscoito paulistinha e melodias populares” para os viajantes que embarcavam e desembarcavam diariamente na plataforma. Experiências e vivências no lugar que compõem memórias afetivas.

O prédio histórico está conectado à Praça do Trabalhador, espaço público de referência no centro da capital, especialmente pela representatividade e pelo lugar privilegiado que ocupa na convergência de grandes avenidas. Junto à Estação configurou-se local de encontro e convívio, sendo essa função reforçada pela instalação do Monumento ao Trabalhador, inaugurado em 1959 e demolido em 1986. Esse elemento foi responsável por promover novas dinâmicas urbanas para o espaço, tanto em relação ao aspecto físico, com novos traços de urbanização e paisagismo, quanto ao aspecto social, acolhendo diversas reuniões, assembleias e manifestações (BRANDÃO, 2017).

¹⁰ Entrevista concedida por Ailton Menezes para a reportagem “História resgatada: Estação Ferroviária: Estação Ferroviária é restaurada. Matéria exibida no dia 10/05/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MkJOyluxHAg>.

Aos poucos, a ferrovia e seus elementos foram perdendo seu espaço e a imagem do progresso. Na década de 1980, Brandão (2017, p. 110) aponta que esses se transformaram em entraves urbanos, “uma barreira de crescimento que cortava a região central e norte e impedia o prolongamento da Avenida Goiás”. Nesse cenário, após três décadas de funcionamento, a Estação Ferroviária de Goiânia foi desativada.

Após a retirada dos trilhos e desativação da Estação, o edifício passou por várias tentativas de reuso e apropriação. Abrigou, entre 1980 e 2000, o Restaurante do Centro de Tradições Goianas, o Centro Estadual de Artesanato e Associação e Cooperativa dos Artesãos de Goiás, foi sede das Bandas Marcial e Municipal de Goiânia e do Coral Municipal, recebeu o projeto Estação Cultura e Estação Digital de Goiânia, e foi posto policial da Agência Municipal de Trânsito (BRANDÃO, 2017). Os anos seguintes são marcados pela ausência de usos efetivos e de ações públicas adequadas à preservação do edifício, contribuindo assim para a sua deterioração e afastamento da população goianiense.

A transferência da Feira Hippie para a Praça do Trabalhador, em 1995, mudou completamente a paisagem da região. Se por um lado viabilizou o crescimento da feira, atraindo pessoas de todas as partes do Brasil em busca dos mais variados produtos, por outro contribuiu para a degradação do espaço, o qual era tomado por uma enorme quantidade de lixo (COSTA, 2006; BRANDÃO, 2017). Ofuscado por inúmeras barracas com lonas azuis e ambulantes, o prédio da Antiga Estação Ferroviária parecia cada vez mais distante.

Como resultado de anos de descaso, o edifício da Estação teve sua estrutura comprometida – rachaduras internas, manchas de infiltração nas paredes e nos afrescos de Frei Confaloni, depredação da cobertura e acúmulo de sujeira – impactando negativamente na imagem do bem tombado e da região (figura 27). Sem uso e vigilância, o espaço se tornou abrigo de moradores em situação de rua e ponto de venda e consumo de droga, promovendo o medo e a violência. É da turista Márcia da Silva um lamento que resume a realidade da Estação nesse período: “O local é bonito de longe, chama a atenção, mas chega perto e desencanta um pouco. Cheiro ruim, cheio de caras drogados, tudo pichado. Tinha que ser local para a gente passear” (SILVA, *apud* RESENDE, 2017).

Um amplo projeto de revitalização do prédio e de seu entorno foi aprovado apenas em 2016. Mais do que a restauração arquitetônica da Estação e requalificação urbana da Praça do Trabalhador (figura 28), a intervenção resgatou elementos simbólicos do lugar – a Maria Fumaça, o tradicional relógio e os dois painéis de Frei Confaloni – ainda presentes no imaginário goiano. Aos olhos de Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, filha do engenheiro responsável pela implantação da ferrovia em Goiás, Cyridião Ferreira da Silva, a obra de Confaloni sempre foi o grande destaque, “minha curiosidade maior não era propriamente a construção da estação, mas a pintura dele. E era realmente fascinante, parecia um toque de magia”, relata em entrevista concedida para Record TV Goiás (2020)¹¹.

Figura 27: Abandono e descaso na antiga Estação Ferroviária, 2016.



Fonte: Curta Mais, 2016.

Figura 28: Revitalização da Estação Ferroviária, 2019.



Fonte: A Redação, 2019.

Desde a intervenção é possível perceber uma ocupação mais efetiva do espaço. Atraindo o público diariamente, tanto para uso institucional, pela implantação de uma unidade do Atende Fácil no local, quanto para uso cultural, nas exposições permanentes e temporárias do Museu Frei Confaloni, a edificação busca retomar sua posição de destaque no cotidiano urbano. A Praça do Trabalhador também vem sendo palco de diversos eventos, como shows e apresentações artísticas, na tentativa de aproximar a comunidade e proporcionar a criação de vínculos afetivos com esse bem histórico da capital.

Equipamentos, mobiliários e jardins também se destacam da dinâmica social e cotidiana desse espaço. É possível encontrar crianças brincando no parquinho,

¹¹ Entrevista concedida por Lena Castello Branco Ferreira de Freitas para a reportagem “Goiânia, minha história: estação de trem era a principal atração da cidade”, Record TV Goiás. Matéria exibida no dia 20/10/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8XqzxFQqzFQ>.

adultos e idosos utilizando a academia ao ar livre e pessoas relaxando ou dormindo nos bancos e gramados da praça (CAMARGO, 2022) (figuras 29 e 30). Através desses usos e apropriações, ainda que moderados, a comunidade estabelece um encontro com o prédio da Antiga Estação Ferroviária, permitindo seu reconhecimento e valorização.

Figura 29: Apropriações na praça, academia ao ar livre.



Fonte: CAMARGO, 2022.

Figura 30: Apropriações na praça, pessoas deitadas nos bancos.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Apesar das constantes tentativas de requalificação, os sentimentos de medo e insegurança ainda refletem no imaginário dos goianienses. Um dos pontos com a maior concentração de pessoas em situação de vulnerabilidade social da capital é a região em torno da Estação Ferroviária, impactando negativamente na imagem e apropriação desse espaço.

A Estação Ferroviária narrada com afeto é, assim, aquela do passado. Somadas à arquitetura monumental e ao movimento frenético de trens e passageiros, histórias de amizades que começaram ali, aventuras e descobertas que aconteceram nas plataformas e durante as viagens de trem, paisagens e cidades que eram visitadas. Conexões com pessoas, acontecimentos e lugares que tornam a Estão Ferroviária de Goiânia ainda mais significativa na memória de quem a vivenciou.

A cartografia afetiva da antiga Estação Ferroviária é marcada por contrastes (figura 31). Essa imagem, conforme Bomfim (2010), diz respeito aos sentimentos e sensações contraditórios manifestados pelos frequentadores em relação ao espaço. De um lado, o prédio monumental e esteticamente agradável, com usos e apropriações potencializadores. A criança que visita a exposição, o

adulto que frequenta o Atende Fácil, o idoso que usa a academia ao ar livre. De outro, o lugar vazio e despotencializador. O museu desconhecido, a praça silenciosa, a sensação de insegurança.

Figura 31: Cartografia afetiva Estação Ferroviária de Goiânia



Fonte: Autora, 2023.

3. O PATRIMÔNIO NÃO RECONHECIDO: OS AFETOS EM FOCO

Em oposição ao que compreendemos por patrimônio institucionalizado está o patrimônio além da institucionalização, ou seja, que não passou pelos processos de seleção e proteção jurídica. São lugares não reconhecidos oficialmente pelos poderes públicos, mas com grande valor afetivo para a comunidade.

Procuramos compreender como os goianienses se envolvem com o patrimônio não institucionalizado, vislumbrando possibilidades afetivas: comer uma empada do Sr. Alberto no Mercado Central? Saborear os quitutes da Biscoitos J. Pereira? Prosear nos bancos da Avenida Goiás? Perambular pela Avenida Anhanguera? Para tal análise, optou-se por lugares que ganharam visibilidade ao longo da história e compõem o cotidiano da cidade.

3.1 Mercado Central: símbolo de tradição e memórias

O primeiro Mercado Público de Goiânia – inicialmente sob o nome de Mercado Livre dos Consumidores – começou a funcionar em 1941, na Rua 4 do centro tradicional. De terra batida, abrigava armazéns, bares, bancas de frutas, verduras e carnes, e dispunha de uma área reservada para o estacionamento de charretes, carroças e carros de bois. Alguns relatos afetuosos descrevem as relações da população goianiense com o espaço urbano no início da construção da cidade. A senhora Eulália lembrou-se daquele tempo:

Naquela época era ótimo, porque não tinha comércio, não tinha outros estabelecimentos, só tinha aqueles botequins que vendiam de tudo, mas assim, cereais poucos lugares que vendia. O Mercado que era a fonte, da carne, do toucinho, porque não tinha óleo naquela época, a carne, o queijo, a verdura, os ovos, o frango, tudo era lá no mercado porque não tinha outra coisa (E. apud FERNANDES, MARTINS, s/d, p.30)

Em 1973, para a construção do edifício comercial Parthenon Center, o Mercado foi transferido para a Avenida Anhanguera e a Rua 4, em uma instalação precária onde atualmente é um camelódromo e que desagradava permissionários e usuários. Um permissionário falou sobre a mudança:

Mudamos do Parthenon Center para o camelódromo por causa do prefeito de Goiânia que se chamava Manuel dos Reis, um médico rico. [...] Disse que ia construir um mercado e como nós não tínhamos muita

instrução fomos a base da confiança e ele nos tapeou. Na verdade, o camelódromo naquela época era um depósito da prefeitura. Ele nos disse que era provisório. Não tinha estrutura, na verdade, não tinha nada. Resultado: ele fez uma construção muito cara, onde estávamos anteriormente e não deu condição para nenhum comerciante e isso nos deu muito prejuízo, uma coisa tremenda. Lá era muito baixo e quando chovia molhava tudo. Além disso, fazia um calor danado (N. apud FERNANDES, MARTINS, s/d, p.14)

Somente em 1987 foi inaugurado o edifício definitivo, na Rua 3, onde está instalado até os dias atuais (figuras 32 e 33). Segundo os permissionários mais antigos, assim como o anterior, esse espaço também era uma garagem do Estado que se somou à desapropriação de algumas casas (FERNANDES, MARTINS, s/d). A edificação desfruta de uma localização privilegiada na dinâmica urbana central, pois encontra-se numa área de convergência e articulação da cidade — onde se concentram os fluxos de transportes públicos, setor de serviços e instituições públicas e o uso predominante do comércio popular.

Figura 32: Atual Mercado Municipal de Goiânia, rua 3.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 33: Atual Mercado Municipal de Goiânia, Avenida Anhanguera.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

A instalação de grandes supermercados e shopping centers na capital alterou a dinâmica do Mercado Central, o qual necessitou, assim, adaptar-se às novas condições impostas pela concorrência. Esses vários centros de compras, espalhados pela cidade, desestimularam o consumidor a frequentar o Mercado, que como consequência teve seu número de permissionários reduzidos.

Atualmente, o Mercado Central funciona apenas com os dois primeiros pavimentos ativos, abrigando 101 permissionários que oferecem produtos do ramo alimentício, naturais e artesanatos. Os maiores atrativos do Mercado Central – como itens culinários e artesanais – existem desde sua inauguração. São objetos de trajetórias históricas de apropriação que resistem, “sendo assumidos como patrimônio e considerados símbolos da história econômica e cultural da cidade e de sua região de influência” (FILGUEIRAS, 2006, p.35). Quem não conhece as empadas do sr. Alberto? E as ervas e raízes da D. Eulália?

Sobrevivente de tantas transformações, o Mercado Central de Goiânia — por sua origem e trajetória — estabelece referências históricas e socioculturais da cidade. Assim, o Mercado revela-se como símbolo do que foi e do que é Goiânia, sua cultura e seu povo. Referências associadas aos costumes tradicionais guardados na memória coletiva, que permanecem na história da cidade.

A memória coletiva, retomando Halbwachs (1990), nos constitui enquanto seres sociais, permitindo estabelecer vínculos afetivos com grupos ao qual nos identificamos e com o espaço. Sob a perspectiva desta memória, o Mercado Central conforma-se como lugar dotado de um significado simbólico, que remete aos acontecimentos e às pessoas, à forma que a sociedade viveu e se apropriou do espaço, oferecendo uma imagem de permanência e estabilidade.

Sendo a memória elemento essencial da identidade, como apontado por Le Goff (1990) e Joel Candau (2008), é possível apreender que o Mercado Central de Goiânia expressa identidade cultural da sociedade goianiense. Por quê? A partir dos sentidos que os habitantes da cidade conferem a esse espaço e nas relações pessoais que com ele estabelecem, compreende-se a construção de um tipo singular de vínculo social, evidenciando a “identidade não só do indivíduo com o outro, mas do cidadão com os lugares da cidade” (CARLOS, 2004, p. 355). O mercado concentra ainda hoje comidas que agradam aos nativos e aos visitantes, entre empadas, pratos feitos, doces, farinhas, queijos, verduras, frutas, entre outros. Tem ainda as raízes e ervas, o artesanato indígena, os utensílios tradicionais como bacias esmaltadas ou coadores de pano, os panos de prato bordados, as vassouras de piaçava, os cortes de carne dos açougues, enfim, produtos da terra que se hibridizam com sapatos baratos,

castanhas do Norte, e com outras coisas mais (figuras 34 e 35). Assim, mesmo diante de mudanças, o mercado respira tradição.

Figura 34: Doces tradicionais do Mercado Municipal Central.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 35: Artesanato do Mercado Municipal Central.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Destacam-se aqui trechos de uma reportagem¹² que exaltam a vida social no Mercado Central de Goiânia. “Aqui eu considero os meus clientes como uma família. As pessoas vêm ao mercado e encontram amigos de 20, 30 anos, esse é o diferencial” (LELIS, 2003). O Mercado guarda uma parte da memória afetiva da cidade, construída a partir das múltiplas apropriações e relações cotidianas dos frequentadores e comerciantes. “O histórico Mercado Central é símbolo da tradição e memória goianas. A proximidade dos comerciantes com os clientes confere ao local uma característica singular” (LELIS, 2003).

A banca da empada do Sr. Alberto, por exemplo, agrega a sua família e as dos apreciadores da sua iguaria. É um ponto de encontro interessante, pois fotos de artistas famosos ao lado de Alberto decoram as paredes e somam-se ao burburinho dos passantes ou daqueles que pedem: uma empada, por favor.

Para os permissionários, o Mercado Central é uma grande família. Por seus corredores e bancas, uma forte rede de solidariedade e parceria é criada. A prática de consumo entre os próprios comerciantes, por exemplo, é uma das mais comuns, sendo responsável por fortalecer não apenas os negócios, mas

¹² Relatos extraídos do Jornal Diário da Manhã (Artigo nº 4322), 21/10/2003.

também essas relações de amizade. As frutas do Sr. Valdivino convidam os amigos a um refresco, as conserva e geleias do Sr. Negrinho suavizam um dia corrido, entre várias outras trocas construídas diariamente nesse espaço (figuras 36 e 37).

Figura 36: Rei das Frutas, banca Sr. Valdivino.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 37: Casa Goiana, banca Sr. Negrinho.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

É de Daniel um depoimento que resume a importância do Mercado Central ao longo das gerações. O trabalho na banca de produtos artesanais faz parte da história de sua família, garantindo não apenas o sustento, mas também a união e intimidade familiar num espaço que eles consideram uma extensão de suas casas e de suas vidas.

Eu cresci aqui no Mercado, vinha com meu avô toda semana e tudo que aprendi foi com ele. Conheci o comércio na prática, o jeito de oferecer os produtos e também o jeito de deixar o ambiente mais amigável para os fregueses (DANIEL, depoimento, 2021).

Nesse contexto, Filgueiras (2006) relata que os mercados não são tradicionais apenas por preservar vestígios de outros tempos e espaços, e as peculiaridades comerciais e relativas à cultura regional. “É tradicional, também, por seu caráter familiar, por fazer parte de suas histórias de vida e por estarem presentes, ali, gerações e gerações das famílias que compõem o universo humano da cidade” (FILGUEIRAS, 2006, p. 143).

Frequentadora assídua, Lúcia (depoimento, 2021) identifica o Mercado Central como o “coração da cidade”, isso porque, entre as atividades ligadas ao consumo, revelam-se peculiaridades goianas. Em uma caminhada pelo Mercado, é fácil encontrar pessoas sentadas – proseando, lendo ou observando

o movimento – pessoas que gostam de “ver com as mãos”, o sotaque típico e os gestos acentuados. Cores, sabores e aromas misturam-se às apropriações cotidianas, conferindo vitalidade ao espaço.

O Mercado Central de Goiânia exemplifica a possibilidade de existirem outras dimensões do comércio e das trocas econômicas: o encontro, a negociação, as trocas simbólicas e a construção de uma identidade goiana. De forma simples, informal e descontraída, valoriza-se nesse espaço as atividades corriqueiras que privilegiavam a cultura, o imaginário, a história, a sensibilidade, o vivido, a memória.

Mesmo com o surgimento dos novos empreendimentos de consumo, como supermercados e shoppings, os laços afetivos – construídos com o espaço pelos frequentadores e comerciantes – oferecem um lugar de resistência às mudanças enfrentadas pelo Mercado. Na contramão desses espaços indiferentes à cidade, o Mercado busca as conexões entre os processos econômicos e o espaço urbano socialmente construído. É um espaço público e democrático, onde as pessoas entram, saem e gostam de estar. A afetividade transborda nos encontros ali estabelecidos.

Na cartografia afetiva do Mercado Central de Goiânia, a mistura de cores, sons aromas e sabores revela a riqueza do local (figuras 38 e 39). Às atividades comerciais – de produtos típicos a serviços especializados – somam-se encontros informais nos corredores, conversas triviais nos balcões e olhares curiosos nas vitrines. Apropriações e vivências que resultam no aumento da potência de agir e revelam conexões afetivas.

Figura 38: Cartografia afetiva Mercado Central de Goiânia, pavimento térreo



Fonte: Autora, 2023.

Figura 39: Cartografia afetiva Mercado Central de Goiânia, primeiro pavimento



Fonte: Autora, 2023.

3.2 Avenida Goiás: do passado monumental, ao presente popular

Descrita por Attílio Corrêa Lima como monumental e pitoresca, a Avenida Goiás configura o eixo central do traçado proposto para o núcleo inicial da cidade, um trecho que compreende desde a Praça Cívica até a Praça dos Trabalhadores. Concebida como avenida jardim, a via contava com intensa arborização e com elementos voltados a garantir a monumentalidade proposta, como a disposição e escala volumétrica dos edifícios, a extensa caixa viária e os monumentos definidos.

Entre as décadas de 1930 e 1960, Vaz (2002) relata o processo de constituição e consolidação na região central. Especificamente na Avenida Goiás, dentre os primeiros aspectos, destaca-se o traçado de terra batida, infraestrutura precária e o Grande Hotel (figura 40). Sua paisagem passou a se consolidar e a ter ares de vida urbana entre as décadas de 1940 e 1950, “A cidade se adensa, se urbaniza e uma vida mais urbana se instala”, destaca Vaz (2002, p. 75).

Era principalmente na Avenida Goiás que, nas décadas iniciais, ocorriam o encontro e o lazer goianiense, devido à oferta de atrativos, tanto nos espaços públicos, quanto privados. O movimento era impulsionado pelo Grande Hotel, com reuniões, festas e bailes promovidos em seus salões; pelos bares, confeitarias e restaurantes, como Brasserie Bandeirante e Marabá; pelo bar e restaurante do Clube dos Funcionários, no Edifício Sandoval de Azevedo, com *happy hours* no período noturno; além da prática do *footing* que, acompanhando os locais mais movimentados da via, se ancorou nos arredores desses edifícios (LIMA, 2018; SOARES, 2021). O professor Egídio Turchi (GOIÂNIA, 1985, p. 181) recria esse momento:

[...] a vida noturna concentrada diante do Grande Hotel, lugar oficial do namoro, as moças sempre em grupo desfilando diante dos rapazes parados na calçada, admirando-as. Era o passeio noturno, a pé, o único divertimento, como em todas as cidades do interior do Brasil. O ponto certo para o passeio, uma espécie de coração oficial da cidade, vinha-se descolando de leste para oeste, seguindo o eixo da Avenida Anhanguera. Em 1945 o encontrei em frente ao Grande Hotel, onde estava localizada a Brasserie Bandeirante e, mais tarde, o Bar Marabá, dois pontos de encontro obrigatórios.

A paisagem monumental projetada para a avenida passou a ter rupturas mais expressivas, sobretudo a partir dos anos 1970. Com a verticalização, a implantação do calçadão em seu canteiro central¹³ e dos corredores de transporte coletivo¹⁴, compreende-se uma intensa desarticulação espacial do núcleo pioneiro da cidade (OLIVEIRA, 1015; LIMA, 2018). Houve uma cisão na paisagem projetada para a Avenida Goiás e, conforme Soares (2021, p.16), de “eixo central da monumentalidade, simetria e ordem paisagística, ela passou a ser confrontada pela excessiva mistura de elementos presentes na paisagem” (figura 41).

Figura 40: Avenida Goiás, década de 1930.



Fonte: Acervo MIS|GO

Figura 41: Avenida Goiás, ao fundo, década de 1970.



Fonte: Acervo MIS|GO

Nesse cenário, despontam também novas práticas de entretenimento e sociabilidade. A Feira Hippie – anteriormente organizada na Praça Cívica – se expande e passa a ocupar toda a extensão da Avenida Goiás (LIMA, 2018). Nos domingos, além do tradicional artesanato, uma variedade de produtos industrializados e importados eram ofertados. Frequentada por famílias e jovens, era o local da diversão, seja em busca de produtos excêntricos ou observando a passagem de personagens icônicos pela avenida. Oliveira e Peixoto (2014) relembram esse momento:

¹³ Em 1977 ocorreu a supressão do canteiro central da Avenida Goiás para dar lugar a um calçadão projetado pela paisagista Neusa Baiocchi, com a participação de Burle Marx. A proposta constituiu-se no completo calçamento dos canteiros, mantendo-se a arborização e abrindo espaço para novos mobiliários urbanos (LIMA, 2018; SILVEIRA, 2007).

¹⁴ Com a criação do eixo Norte-Sul, em 1981, a Avenida passou a contar com uma faixa exclusiva para ônibus, tendo também pequenas partes do calçadão aproveitadas para a implementação dos terminais de embarque e desembarque (LIMA, 2018; SILVEIRA, 2007).

Na adolescência, aos domingos, não faltávamos à Feira Hippie em busca de brincos e alpargatas de lona ou camisetas Hering pintadas com a técnica *tie die*. Era sempre um momento esperado a aparição de um personagem interessante: Mauricinho. Era um rapaz performático que poderia concorrer até com certa vantagem com Elke Maravilha. Apresentava-se com roupas coloridas e extravagantes, muitas vezes pintava seu cachorrinho de cores inesperadas, *pink*, por exemplo. Mauricinho andava de bicicleta pela cidade. Vê-lo era sempre um acontecimento, pois suas roupas e excentricidades eram na verdade um apelo à diferença.

As décadas de 1980 e 1990 conduziram a uma fragmentação da área central, reflexo do processo de urbanização e expansão da cidade. Esse período é caracterizado pelo deslocamento da população de alto poder aquisitivo para os bairros nobres e sua gradativa substituição por grupos sociais populares; descentralização de suas atividades comerciais e de serviços; popularização do comércio informal e intensificação dos camelôs nas calçadas e no canteiro central da Avenida Goiás; instalação de grandes shoppings centers como espaços de consumo e lazer (LIMA, 2018). Como resultado “sua morfologia, os usos e as práticas cotidianas foram amplamente alterados” (LIMA, 2018, p. 54), sendo esse espaço continuamente associado à imagem de decadência e deterioração.

Com essa descaracterização do espaço, a perspectiva de intervenção no centro de Goiânia passa a adquirir contornos mais nítidos e maior visibilidade a partir da década de 2000, com a disseminação do discurso da importância da região para a história e memória da cidade. As intervenções urbanas surgem como novas políticas públicas de reestruturação do espaço urbano, como o Projeto Goiânia 21, o Projeto Cara Limpa, além do processo de tombamento, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de vários edifícios no estilo *Art Déco*, monumentos públicos e do traçado viário do núcleo pioneiro de Goiânia, compreendendo a Avenida Goiás. Destaca-se também o projeto de requalificação paisagística, integrado numa política de intervenção urbana e arquitetônica do centro histórico de Goiânia, em 2003, com o discurso de retomada do espaço público para o uso da população, afim de promover a ocupação e a vivência cotidiana (LIMA, 2018; SILVEIRA, 2007).

Atualmente, as obras para implantação do Corredor BRT Norte-Sul, tal como na Praça Cívica, interferem significativamente na paisagem. Destaca-se aqui que a adoção de tal sistema altera a configuração urbana da região,

modificando suas dinâmicas de interação, mudando tanto aspectos no desenho urbano, quanto suas formas de uso e apropriação. Enquanto as obras avançam, questiona-se o quanto elas impactam a percepção e a relação dos habitantes com o espaço público (figuras 42 e 43).

Um ponto de destaque são as diversas paralizações requeridas por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Visando proteger e prevenir danos em bens tombados situados ao longo da avenida, o IPHAN solicitou a suspensão das obras, em março de 2020, visto que acarretaram interferências na estrutura da Torre do Relógio, por exemplo. Já as pesquisas arqueológicas realizadas no local, em março de 2021, também identificaram estruturas históricas, como uma galeria de água pluviais, do início da capital, em frente ao Grande Hotel. São assuntos retratados com frequência na mídia, tanto pelo impacto no andamento das obras, quanto pela importância para história e memória da capital.

Figura 42: Impactos da implantação do BRT Norte-Sul no patrimônio goianiense.



Fonte: Jornal Diário da Manhã, 2020.

Figura 43: Impactos da implantação do BRT Norte-Sul na Avenida Goiás.



Fonte: O Popular, 2021.

Enquanto espaço público, a Avenida Goiás possui atributos essenciais para estabelecer relações de convivência entre os sujeitos. Dentre essas características se destacam a diversidade de usos e usuários; seus fluxos e permanências; a centralidade; a acessibilidade e os componentes urbanos instalados em sua morfologia (LIMA, 2018).

Em uma caminhada pela avenida, podemos constatar a presença de diferentes sujeitos sociais e suas respectivas práticas. Observa-se um fluxo intenso e diário de usuários do transporte coletivo, dos serviços bancários, institucionais e comerciais, assim como atividades contemplativas, como passeio

e observação, constantemente associados a equipamentos urbanos. A presença de mobiliário urbano e arborização ao longo da avenida tornam-se, portanto, elementos atrativos para permanência nesse espaço.

Evidenciados no cotidiano de seus frequentadores, banco e sombra despertam emoções e sensibilidades. Ao falar da sua rotina na Avenida Goiás, Francisco Ferreira (depoimento, 2023) deixa transparecer o vínculo afetivo criado com o objeto urbano: “Gosto de sentar nesse banco, eu falo que ele é meu. Aqui consigo descansar, olhar ao redor, ler um jornal, conversar com os conhecidos”.

Entre o grande número de sujeitos que compõem a paisagem, destaca-se a concentração de idosos (figuras 44 e 45). Principais praticantes das atividades contemplativas, eles experimentam a cidade, seja sentando-se nos bancos do canteiro central – proseando, lendo ou observando o movimento – ou rememorando sentimentos e lembranças do passado. Dessa forma, as práticas e vivências desse público específico com a Avenida Goiás permitem representações simbólicas visto que acomodam suas ações e memórias.

Figura 44: Apropriação afetiva: idoso lendo na Avenida Goiás.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 45: Apropriação afetiva: idosos conversando na Avenida Goiás.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

É na avenida que os idosos tecem laços de amizade e vizinhança. O espaço público é apontado como importante visto que facilita o contato entre os sujeitos. Rompendo o tédio e a solidão, a Avenida Goiás é repleta de possibilidades e alternativas: lugar de compartilhar o dia a dia com os amigos,

de confiar histórias e memórias, de viver em comunidade. Moradora da região, a Sr. Raimunda Freire (*apud* LIMA, 2018, p. 87) registra essa qualidade:

Aqui eu encontro as pessoas mais de idade, converso com pessoas conhecidas daqui do prédio. É assim, sou vizinha, mas quase não vou à casa dos outros. Então, é aqui que a gente reúne para conversar com os amigos, contar as conversas. Às vezes, quando chega lá em casa às vezes só fica vendo televisão! Não tem outra coisa para a gente fazer, ficar em casa só vendo televisão. É melhor vir para cá que aí vai batendo um papo, distraindo, é melhor.

Para moradores da Avenida Goiás, a rua funciona como extensão de seus apartamentos. É lugar que acolhe atividades lúdicas de crianças, como aponta Marceana de Brito (*apud* LIMA, 2018, p. 128), “aqui é o espaço de brincar. Como a gente mora em apartamento, não tem espaço, aí todo final de tarde nosso espaço de lazer é aqui”, e que oferece aconchego aos idosos, “é gostoso aqui, é sempre uma sensação de felicidade e bem-estar”, relata Francisco Ferreira (depoimento, 2023). Apropriações que tornam a Avenida Goiás acolhedora e simbólica, repleta de gente e alegria.

Atividades ligadas ao consumo são notáveis em toda a extensão da avenida, constituindo-se como umas das principais práticas socioespaciais. É importante ressaltar que, em sua construção, a avenida foi concebida como uma via comercial onde “só poderia ser tolerado o comércio de luxo, casas de moda, joalherias, cafés, bares e restaurantes com instalação de gosto” (LIMA, 1942, p. 103). A maioria dos edifícios, ainda hoje, na Avenida Goiás é destinado para fins comerciais, no entanto as lojas mais sofisticadas foram dando lugar ao comércio popular e informal.

No coração da Goiás, no cruzamento com a Avenida Anhanguera, encontra-se o maior número de vendedores ambulantes (figura 46). As calçadas são tomadas por camelôs, os quais oferecem mercadorias variadas – são frutas, doces, produtos eletrônicos, roupas, passando pelos hippies e seus artesanatos. Já no canteiro central da avenida, os vendedores utilizam os pergolados e bancos como estrutura e apoio para seus produtos. A oferta de serviços, tais como a venda e troca de ouro e engraxates, também marca a paisagem.

Ao longo da avenida, encontram-se também quiosques distintos (figura 47). São bancas de jornais, revistas, lanches, artesanatos, além de uma diversidade de serviços – fotocópias, plastificação de documentos, cópias de

chave, recarga e reembolso de sitpass, etc. Em torno dos quiosques, uma multiplicidade de interações. Nas primeiras horas do dia, os jornais espalham as notícias e promovem discussões acaloradas; no cair da tarde, os quitutes e as conversas animadas marcam o fim de mais um dia de trabalho. Práticas e relações que são tecidas cotidianamente, construindo e atualizando significados.

É em um desses quiosques que Regina trabalha há mais de 20 anos. Para a comerciante, o trabalho é permeado de prazeres e alegrias:

Trabalhar aqui na Goiás é unir o útil ao agradável, porque assim, além de garantir o meu sustento e da minha família, eu me divirto bastante. Conheço muita gente aqui na avenida, então tem sempre alguém para bater um papo, contar um causo, dar risada, essas coisas (SANTOS, depoimento, 2023).

Figura 46: Vendedor ambulante.



Fonte: Aproveite a cidade, 2021.

Figura 47: Quiosque comercial.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Outro aspecto significativo desse espaço são os diversos monumentos e edifícios emblemáticos da capital situados ao longo do seu itinerário. Destaque para o Grande Hotel¹⁵, outrora prédio de grande relevância histórica para a avenida, hoje maltratado e sujo, sofre uma imensa desvalorização. No entanto, em frente ao edifício, uma série de micro eventos ocorrem cotidianamente. Um

¹⁵ Inaugurado em 1937, na esquina da Avenida Goiás com a Rua 3, o Grande Hotel foi uma das edificações pioneiras da cidade. Projetado por Corrêa Lima, com alterações posteriores de Coimbra Bueno e Armando de Godoy, a edificação com três pavimentos foi construída sob o mais rigoroso plano de arquitetura moderna (MANSO, 2004).

senhor, sentado no tamborete com seu colete amarelo, anuncia a compra e troca de ouro; um homem lê jornal enquanto um outro senhor engraxa seus sapatos; um artista de rua empunha seu violão; uma mulher anuncia os produtos de uma loja próxima: “utilidades, brinquedos, maquiagem”. Nessa esquina, a imagem negativa do edifício se mistura às diversas interações positivas dos personagens que compõem a Avenida Goiás (figuras 48 e 49).

Figura 48: Apropriação afetiva: engraxate em frente ao Grande Hotel.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 49: Apropriação afetiva: artista de rua em frente ao Grande Hotel.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Na Avenida Goiás, não somente seu traçado é de relevância, mas principalmente as atividades que nela são desenhadas cotidianamente. É na conversa do engraxate com os clientes, nos bordões entoados pelos ambulantes, na leitura dos jornais expostos nas bancas, nos encontros dos vizinhos nas calçadas ou nas paradas ocasionais às sombras das árvores, que se vislumbram os afetos.

Os aspectos rotineiros e prosaicos da Avenida Goiás são destacados na cartografia afetiva (figura 50). Nas calçadas, transeuntes apressados dividem o espaço com encontros triviais do dia-a-dia. No canteiro central, comerciantes informais e moradores se apropriam das sombras. Uma mistura de gente, encontros e descobertas que expressam a satisfação e alegria de relacionar-se com a avenida.

Figura 50: Cartografia afetiva Avenida Goiás.



Fonte: Autora, 2023.

3.3 Avenida Anhanguera: tradição no comércio

Localizada no Setor Central, a Avenida Anhanguera configura outro importante eixo estruturante do plano urbanístico da capital Goiânia, marcando o sentido leste-oeste da cidade. Projetada para ser a principal via comercial do núcleo da cidade, conformou-se como espaço privilegiado à circulação e vida urbana, abrigando além de estabelecimentos comerciais, inúmeros locais de sociabilidade da pioneira sociedade goianiense (MANSO, 2004; FERREIRA, 2021).

Marcada por ocupações isoladas (figura 51), a paisagem inicial da Avenida Anhanguera remetia a um modo de vida quase rural (DELFINO, 2018). Entre as décadas de 1940 e 1950, adquire uma infraestrutura urbana mais sólida, com destaque para a dimensão da via e a arborização do canteiro central, elementos pensados para privilegiar o intenso tráfego de veículos e as áreas de estacionamento, e, assim, estimular o comércio na região (figura 52).

Figura 51: Avenida Anhanguera, década de 1930.



Fonte: DELFINO, 2018.

Figura 52: Avenida Anhanguera, década de 1960.



Fonte: Acervo MIS|GO.

Ao longo dos anos, a estrutura da Avenida Anhanguera passou por significativas transformações, afetando a situação econômica, social e cultural da região. O marco desse processo foi a implantação do eixo de transporte coletivo, o Eixo Anhanguera, em 1975, o que implicou na remoção do canteiro central e da vegetação, criando faixas exclusivas para ônibus (DELFINO, 2018). O sistema facilitou o acesso à região, aumentou o fluxo de pessoas e intensificou o comércio popular e informal. No entanto, a instalação das plataformas, estações e divisórias ao longo da via configuram barreiras físicas e visuais, dificultando sua valorização.

Do ponto de vista social, a instalação de lojas, bares e cafés configurou espaço privilegiado de encontro e lazer. Dentre esses estabelecimentos, destaca-se o Café Central, localizado no encontro da Avenida Anhanguera com a Rua 7 (figura 53). Inaugurado em 1954, se tornou uma das esquinas mais famosas e democráticas do bairro.

Com o perfil de público predominantemente masculino, o local atraiu desde a classe política, jornalística, empresários, mas também vendedores informais, engraxates e corretores de imóveis que aproveitavam do movimento para conseguir oferecer seus serviços. Lugar onde as notícias sobre a política, o esporte, a literatura e até o preço de produtos agropecuários eram comentados (SOARES, 2021, p. 83).

Hoje, o tamanho da joalheria, na esquina da Avenida Anhanguera com a Rua 7, onde ficava o Café Central, não passa despercebido. O tradicional café goiano não conseguiu manter a localização privilegiada e, em 2006, passa a ocupar a loja ao lado (figura 54), na qual o “luminoso apagado em cima do estabelecimento que hoje abriga uma lanchonete e uma *lan house* é um sinal de nostalgia que não se percebe na pressão do cotidiano” (ALVES, 2013, *apud* PIRES *et al.*, 2018, p 176). O local mantém clientes fiéis, que continuam marcando presença para tomar um café fresquinho, e também atrai um público mais jovem com os novos usos instalados.

Figura 53: Café Central, década de 1960.



Fonte: SOARES, 2021.

Figura 54: Café Central, 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

A Som Livre, no número 4396 da Avenida Anhanguera, é um outro exemplo fixo na memória e história da avenida. De acordo com o proprietário João Batista, a loja abriu em 1977, e se mantém firme como marco da música analógica na capital. Para os clientes, um espaço de relíquias e garimpo cultural, para o comerciante, ponto de tradição e resistência. Em entrevista ao O Popular (2021), Batista destaca as transformações da via ao longo dos anos:

Vi a avenida se transformar, a paisagem mudar, tudo de forma muito rápida. Lembro de quando não tinha o corredor do Eixão, era uma rua muito mais bonita, por exemplo. Tudo foi se modificando, diversos pontos de comércio foram fechados, mas muitos resistem (BATISTA *apud* FERREIRA, 2021).

Outros estabelecimentos comerciais situados ao longo da via se destacam na memória do goianiense. Com um variado catálogo e um moderno toca-discos, o Bazar Paulistinha conquistou um público assíduo: “Foi na Paulistinha que comprei meu primeiro disco de rock: “Hamburger Concerto” do Focus, comigo até hoje,” conta Paulo¹⁶. Já nas Lojas Americanas, a lembrança do cachorro quente é unânime: “ainda sinto o cheiro daquele molho”, relembra Isabela Machado (depoimento, 2022). Espaços que não resistiram às transformações da paisagem, mas que se mantem firmes na memória afetiva da avenida.

Soares (2021) também destaca os usos comerciais e de serviço ligados ao entretenimento noturno. Entre as décadas de 1940 e 1970, a avenida concentrou uma diversidade de bares, restaurantes, cinemas e boates, preenchendo as calçadas com rodas de conversa, músicas e bebidas. Café Central, Bar Royal, Boite Lisita, entre outros, agitavam as noites goianienses (SOARES, 2021).

Aos poucos, essas atividades retomam espaço na atual paisagem do bairro. O lazer noturno vem ocupando principalmente as ruas perpendiculares à avenida, como na Rua 8, com o Cine Ritz – único cinema de rua da capital – o tradicional botequim Zé Latinhas e a Casa Liberté, e na viela do Beco da Codorna, com o Prosperidade Cultural. Em função dessas atividades diversas,

¹⁶ Relato extraído da reportagem “Anos 70 para sempre na memória: Bazar Paulistinha”. Disponível em: <https://rockontro.org/2014/08/19/anos-70-para-sempre-na-memoria-bazar-paulistinha/>

a região se torna um importante ponto de sociabilidade e diversão de jovens, além de ser vista como local onde diferentes tipos de pessoas podem conviver. Sobre essa nova movimentação, Áureo Silva comenta:

Foi muito rápido, depois da pandemia pipocou. E sempre tem boato de novos lugares que vão abrir aqui na região, toda semana a gente escuta. Virou um dos pontos mais movimentados, o lugar do encontro. Aqui tem de tudo, é um lugar misturado, desde pessoas da periferia até playboy, é muito interessante (SILVA, depoimento, 2023).

É importante ressaltar que, além dos estabelecimentos formais, o comércio informal é intenso. Com produtos diversos, vendedores ambulantes e camelôs ocupam as calçadas e esquinas. Manequins, fantasias, roupas íntimas, relógios, óculos, acessórios para celulares, e qualquer outra coisa que se possa pôr à venda; caldos – frango, mocotó ou vaca atolada – desafiam o calor; frutas e bebidas geladas são convites para um refresco (figuras 55 e 56). Vozes anunciam os produtos e divulgam promoções: “Chip da Tim-Claro-Oi-Vivo” de um lado, “cinco-panos-de-chão-por-dez” do outro. Atraída por essa vitalidade, Mariana Furtado revela a preferência pelo comércio de rua:

Preferimos mil vezes andar na Avenida Anhanguera do que ir num shopping por exemplo, porque a rua é muito mais dinâmica, conseguimos achar muitas coisas com preços acessíveis, parar para comer coisas gostosas nas barraquinhas e ver a paisagem. É um comércio muito rico, com coisas que só conseguimos encontrar por aqui (FURTADO, depoimento, 2022).

Figura 55: Comércio informal na Avenida Anhanguera.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 56: Comércio informal na Avenida Anhanguera: apropriações.



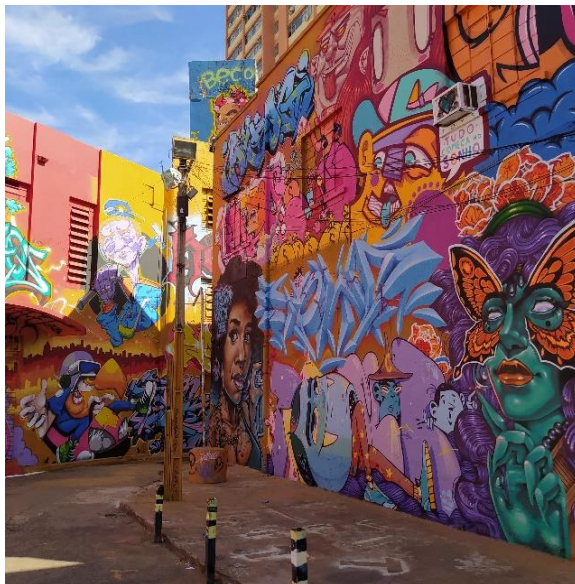
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Equipamentos ligados à cultura e ao lazer também contribuíram diretamente na configuração do caráter social da via. O Cine-Teatro Goiânia, por exemplo, com suas movimentadas sessões de cinema seguidas pela tradicional prática do *footing*, impulsionou a vivacidade da avenida nas décadas iniciais, como destaca Soares (2021, p. 63):

Um dos períodos mais frequentados do Cine Goiânia era a sessão das seis e meia de domingo. Após o filme, as pessoas se dirigiam para a Avenida Anhanguera para a prática do *footing*, a rua dava lugar à paquera e aos encontros de casais que se estendiam até, aproximadamente, as 22 horas.

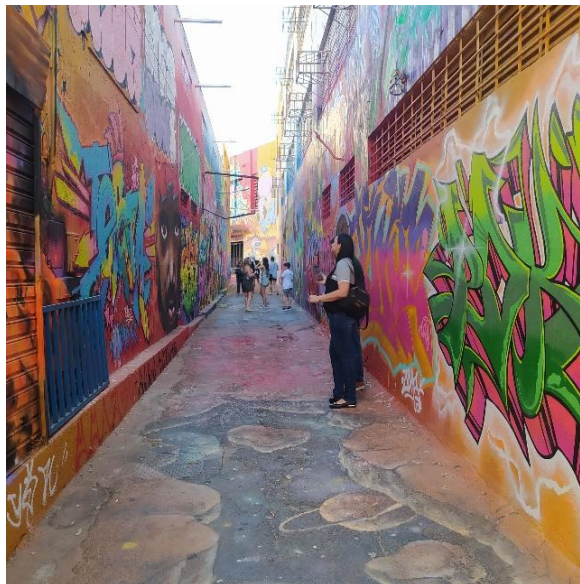
Escondido em uma das vielas da Avenida Anhanguera, o Beco da Codorna é outro espaço cultural que se destaca no centro da capital. Intitulado museu de arte urbana em 2014, abriga inúmeros grafites e diversos eventos culturais. Em 2022, depois de um período em estado de abandono e precariedade, o beco foi revitalizado. Com novos grafites, atrai diariamente goianienses e turistas, retomando sua posição de destaque no cotidiano da avenida (figuras 57 e 58).

Figura 57: Beco da Codorna, viela da Avenida Anhanguera.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 58: Beco da Codorna, viela da Avenida Anhanguera: apropriações.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Essa diversidade de opções – serviços, lazeres e transporte – é, atualmente, um dos grandes atrativos de viver na região mais central de Goiânia.

Com uma rotina concentrada no bairro, Áureo Silva destaca a praticidade de morar na Avenida Anhanguera:

Aqui tudo é perto, desde o mercado até o trabalho, tenho tudo que preciso muito fácil. Logo cedo, quando saio para resolver algo do trabalho, eu já tomo café da manhã pelo caminho. Venho almoçar no Zé Latinhas, trabalho até mais tarde aqui e depois volto para casa andando, são dois quarteirões daqui, muito perto. E é assim, faço tudo a pé mesmo, fico dias sem usar o carro (SILVA, depoimento, 2023).

A Avenida Anhanguera é uma mistura única de história, cultura e comércio que reflete a diversidade e a vitalidade do centro de Goiânia. Cores, sons e aromas que criam uma paisagem singular. Do barulho do trânsito ao anúncio dos vendedores, das vitrines de grandes lojas às barraquinhas do comércio informal, das fachadas em estilo Art Déco às escondidas por grandes letreiros comerciais, são muitas os afetos que compõem a Avenida Anhanguera.

A cartografia afetiva da Avenida Anhanguera evidencia um verdadeiro corredor comercial (figura 59). Entre atividades formais e informais, revela-se um lugar repleto de encontros e interações sociais. Em frente as lojas, comerciantes animados; nas barraquinhas, bate-papos informais; nas esquinas, discussões acaloradas. Assim, lembrando Sawaia (2010), a avenida tem vida, afeta e é afetada diariamente pelos indivíduos que a conformam.

Figura 59: Cartografia afetiva Avenida Anhanguera



Fonte: Autora, 2023

3.4 Sabores afetivos: quando a comida se torna fonte de sentimentos

A comida, quando atrelada à lugares, pessoas e vivências, também é fonte de afetividade. Sabores e aromas são capazes de despertar sentimentos e memórias. É sentir o cheiro do café coado na hora ou experimentar o biscoito frito quentinho, por exemplo, que imediatamente associamos a momentos marcantes da vida. Pallasmaa (2011, p. 51) aponta que “um cheiro específico nos faz reentrar de modo inconsciente um espaço totalmente esquecido pela memória da retina; as narinas despertam uma imagem esquecida e somos convidados a sonhar acordados”. Intimamente relacionados, cheiro e gosto podem transportar o indivíduo para um momento, um lugar, uma companhia ou para todo um contexto afetivo.

Considerando essa dimensão simbólica da comida, podemos pensar em estabelecimentos comerciais especializados em refeições – cafés, bares, restaurantes e lanchonetes – como parte do patrimônio afetivo. Com suas receitas, modos de preparo, maneiras e lugares de servir e formas de compartilhar a comida, são espaços vivenciados, capazes de informar sobre cotidianos, pessoas, memórias e afetos.

Nesse sentido, alguns restaurantes e lanchonetes, localizados no centro de Goiânia, apresentam características peculiares, tanto no condizente aos produtos, quanto aos sentidos e significados estabelecidos. De lanches rápidos a refeições em família, a comida permite explorar um outro campo sensível.

3.4.1 Esfiha Quente: histórias que atravessam gerações

Em meio as tradicionais papelarias, sebos e livrarias da Rua 4, a Esfiha Quente é uma lanchonete que faz sucesso no centro da capital (figura 60). A casa foi inaugurada em 1982, pelo casal Heloísa Estrela e Paulo Ferreira, que sem nenhuma experiência na área, testaram diversas receitas até chegar na famosa esfiha de carne, carro-chefe do lugar. Referência pelo sabor, qualidade e atendimento, os clientes lotam o balcão e as mesas para saborear os quitutes (PESSONI, 2021).

Figura 60: Esfiha Quente, Rua 4.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Sempre ouvindo a opinião dos clientes, Sr. Paulo revelou que a famosa receita usada atualmente na casa foi sendo construída e aprimorada ali mesmo, no balcão do estabelecimento:

A receita foi criada conforme as pessoas iam dizendo para a gente. “Coloca hortelã. É muito bom”, “Coloca mais cebolinha”, “Cozinha mais o recheio”, “Afina a massa”. A gente veio lapidando, até que chegou num denominador comum, que ficou

agradável a todos e sem reclamação (APROVEITE A CIDADE, 2017).

É parada obrigatória para um lanche rápido ou para um almoço em família. Em pesquisa de campo, depoimentos¹⁷ como “não tem como falar do centro de Goiânia sem citar a Esfiha Quente”, “é proibido ir no centro da cidade e não passar nesse lugar” e “é parada obrigatória para mim e para minha esposa”, confirmam a popularidade do local.

Através dos sabores e aromas, dialogando com os espaços multissensoriais de Pallasmaa (2011), a Esfiha Quente desperta boas lembranças e sensações em seus frequentadores. É de Isabela Machado um depoimento que revela o prazer e a satisfação de frequentar, ainda hoje, um espaço que conheceu na infância:

Trago muito forte o sabor e o cheiro da Esfiha Quente! O lanche com suco de laranja com pêssego marcou uma época e só concorria com o cachorro quente das Lojas Americanas, desse só me resta saudade, já na Esfiha eu costumo voltar e garantir a lembrança do doce sabor da infância, das aventuras, das risadas, das mesadas que eram guardadas para poder comer o lanche na melhor lanchonete do mundo! Feliz de poder ainda viver essas sensações, emoções e criar novas memórias (MACHADO, depoimento, 2022).

Atendendo a terceira geração de clientes, Dona Helô se orgulha dos vínculos ali criados. A Esfiha Quente divide com o público não só os sabores, mas também amizades e histórias que compõem a receita para o sucesso da casa. Entre os clientes, os mais assíduos, que frequentam a casa três vezes no mesmo dia, os famosos, artistas e políticos goianos, e casais que, ali no salão da lanchonete tiveram o primeiro encontro e hoje, casados e com filhos, retornam para um lanche em família (ALMEIDA, 2021; PESSONI, 2021).

Do outro lado do balcão, também são três gerações que atendem e ajudam no negócio. Filhos e netos acompanham desde pequenos a rotina da lanchonete, “cresceram aqui dentro, é um negócio que passa de geração para geração”, conta Dona Helô (PESSONI, 2021). Toda a família compartilha o carinho pelo comércio e juntos tem a importante tarefa de preservar esse legado construído e escrever novos capítulos na história da Esfiha Quente.

¹⁷ Depoimentos informais concedidos à pesquisadora em 26/09/2022.

Figura 61: Cartografia afetiva Esfiha Quente



Fonte: Autora, 2023.

3.4.2 Biscoitos J. Pereira: tradição, balcão e biscoito goiano

Fundada por José Pereira na Rua 55, em 1963, a Biscoitos J. Pereira é considerada uma das lanchonetes mais tradicionais de Goiânia. Importante ponto de encontro, atrai figuras políticas, empresários e famílias que lotam o local à procura do famoso pão de queijo ou da esfirra de carne. Destaca-se por seu caráter mais informal, não há mesas, o atendimento é feito diretamente no balcão, onde os fregueses vão se ajeitando, proseando e saboreando os quitutes (figura 62).

A Biscoitos J. Pereira é um comércio essencialmente familiar. Incentivado pela esposa, José Pereira iniciou o negócio e sempre esteve à frente do balcão, desde a produção até o relacionamento com o cliente. Hoje, a terceira geração familiar já participa ativamente do negócio, filhos e netos fazem parte de uma grande equipe que mantém a unidade original do centro e outras filiais abertas pela capital (figura 63). Esse cenário familiar é um dos grandes diferenciais da casa, agradando e fidelizando a clientela. Com saudosismo, o jornalista Pablo Kossa (2022) conta sobre esse atendimento personalizado:

Nos anos 1990, fiz meu ensino médio na Escola Técnica Federal de Goiás. Passava diariamente pela Rua 55 para ir e voltar das aulas. Adolescente quebrado, duas palavras que nasceram uma para outra, contava as moedas para tudo que precisava gastar. Mas sempre sobravam alguns rezaizinhos para um lanche na J Pereira. Várias vezes fui servido pelo José Carlos Pereira que pegava no batente da lanchonete de verdade. Servindo a clientela no balcão, recebendo e dando troco no caixa, recolhendo a louça suja (KOSSA,2022).

Figura 62: Biscoitos J. Pereira



Fonte: Biscoitos J. Pereira (Instagram, 2021).

Figura 63: Hermógenes Pereira, atual proprietário.



Fonte: Biscoitos J. Pereira (Instagram, 2021).

No disputado balcão da Biscoitos J. Pereira, pessoas das mais diversas aglomeram-se não apenas para saborear um lanche quentinho, mas principalmente para saber as últimas novidades da cidade e do mundo. Desde torcedores do rubro-negro goiano – o time oficial da família Pereira e da lanchonete – até grupos de empresários de terno, todos compartilham o espaço e experiências, desfrutando de uma atmosfera descontraída e acolhedora. Desse modo, balcão é o coração da lanchonete (figuras 64 e 65).

Sempre notado e enaltecido pelos frequentadores, o atendimento atencioso e simpático é responsável pelas relações de afeto com a lanchonete. Na Biscoitos J. Pereira, os atendentes conhecem o nome e as preferências dos seus clientes mais fiéis. Entre biscoitos, esfirras e cafés, o maior atrativo da casa é a amizade criada e fortalecida diariamente ali no balcão.

Sou suspeita para falar desse lugar porque sempre me sinto acolhida. Gosto muito do atendimento, todos que trabalham aqui são educados e prestativos. Tem um funcionário que busca os biscoitos quentinhos na cozinha para mim; tem o Sr. Hermógenes, sempre com um sorriso no rosto. É por isso que estou aqui toda semana, esse tipo de cuidado e atenção não tem em todo lugar, muito difícil encontrar isso hoje em dia (CARVALHO, depoimento, 2023).

Figura 64: Biscoitos J. Pereira: mesas informais e balcão.



Fonte: Biscoitos J. Pereira (Instagram, 2021).

Figura 65: Biscoitos J. Pereira: apropriações do balcão.



Fonte: Biscoitos J. Pereira (Instagram, 2022).

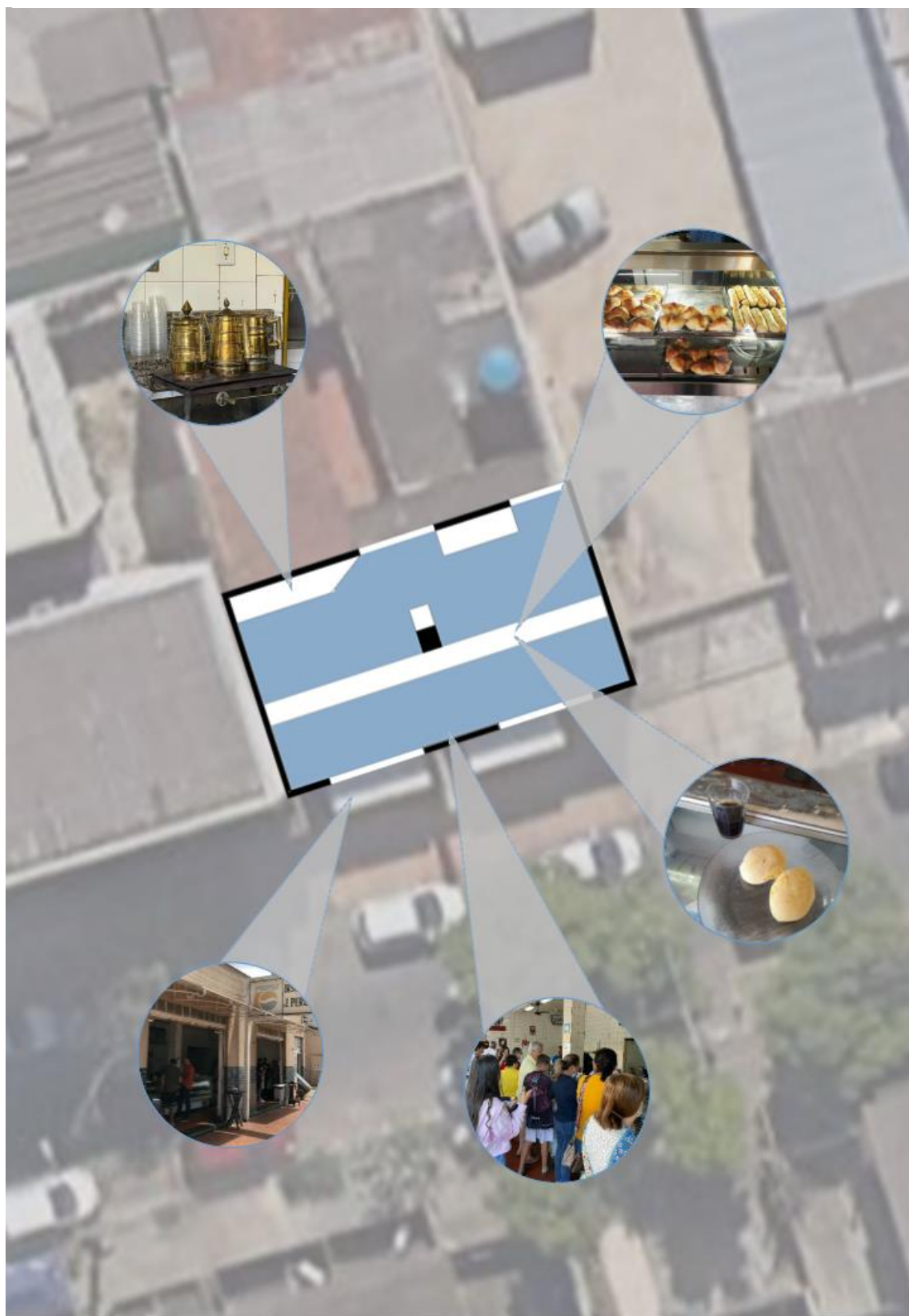
O vínculo afetivo com a lanchonete também é frequentemente associado às memórias familiares. Em pesquisa de campo, depoimentos¹⁸ como “sempre que frequento, lembro do meu avô que adorava tomar café aqui” e “eu frequentava com meu pai e aqui aprendi tomar café”, resumem a importância da Biscoitos J. Pereira ao longo das gerações. É tradicional não só pelos quitutes no cardápio desde o dia da inauguração, mas também por seu caráter familiar, por fazer parte de histórias de vida de inúmeros goianienses.

Em uma manhã, casa cheia e público diversificado. Clientes que entram, comem e saem rapidamente, acompanhando o ritmo agitado do centro. Ou clientes que entram, apreciam vagarosamente um café com pão de queijo, acompanhado de uma boa prosa com os atendentes. Independentemente do estilo, todos parecem deixar o local satisfeitos, tal como relata Sérgio Amorim:

Frequento há mais de 30 anos e continua sendo o melhor lanche da região. Coxinha, esfirra, enroladinho, rosca, tudo é muito saboroso. Sem contar o café coado servido direto do bule. É assim, você já chega brigando por um espacinho no balcão, faz o pedido, devora um prato cheio, paga e vai embora feliz. Sem frescura. Essa é a tradição (AMORIM, depoimento, 2023).

¹⁸ Depoimentos informais concedidos à pesquisadora em 23/11/2022.

Figura 66: Cartografia afetiva Biscoitos J. Pereira



Fonte: Autora, 2023.

3.4.3 Pizzaria e Pastelaria China: cardápio e histórias de décadas

Inaugurada em 1973, a Pizzaria e Pastelaria China, na Rua 7, é considerada outro ponto tradicional do bairro (figura 67). A casa é famosa por manter apenas três sabores no cardápio – muçarela, calabresa e presunto – e a clássica decoração da época em que foi aberta, azulejos na parede e banquetas fixas no balcão (PESSONI, 2022). Com meio século de atuação no mesmo endereço, a pizzaria continua conquistando os clientes pelo sabor e simplicidade.

Figura 67: Pizzaria e Pastelaria China, Rua 7.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Fixado em uma das paredes, o cardápio – que parece não ter sofrido nenhuma alteração nos últimos anos – desperta boas recordações. Clientes assíduos, que frequentavam a pizzaria quando crianças e adolescentes, depois

das aulas em escolas da região ou em passeios familiares, retornam constantemente à casa em busca dos sabores da infância.

Bruna Fernandes é umas dessas clientes que mantém a tradição de comer a pizza de muçarela a vinte anos. Sobre o espaço, relata:

É uma pizzeria tradicional e muito simples. Com poucas opções de sabores, e talvez por isso seja tão gostosa, a pizza é uma verdadeira delícia, a massa fofinha e bem recheada. É sempre uma nostalgia voltar aqui e tudo continuar exatamente como antes, eles nunca decepcionam (FERNANDES, depoimento, 2022).

Na Pizzaria China, o balcão também é protagonista. Muito além da comida, do preparo e serviço de pizzas, é lugar de conexões. Entre o tilintar de pratos e talhares, sempre é possível escutar uma conversa animada. Ali, os clientes se sentem à vontade, seja para interagir com os funcionários ou com os outros frequentadores do local. De maneira simples e descontraída, o balcão une gastronomia, tradição e pessoas, criando laços e memórias que duram para sempre (figuras 68 e 69) É de Amanda Batista um depoimento que revela justamente esse espaço de sensações agradáveis e boas lembranças:

Minha mãe trabalhou durante muitos anos ali pelo centro, na Avenida Goiás, então sempre que eu precisava ir, ela me levava para lanche em algum lugar. Passávamos um dia juntas, dávamos uma volta ali por perto para fazer umas compras, e, quase sempre, acabava em pizza. Pizza de calabresa média e completa, com suco de laranja feito na hora, para ser mais exata. Dividíamos ali, sentadas no balcão, o lanche e muitas risadas (BATISTA, depoimento, 2023).

Figura 68: Pizzaria China: balcão.



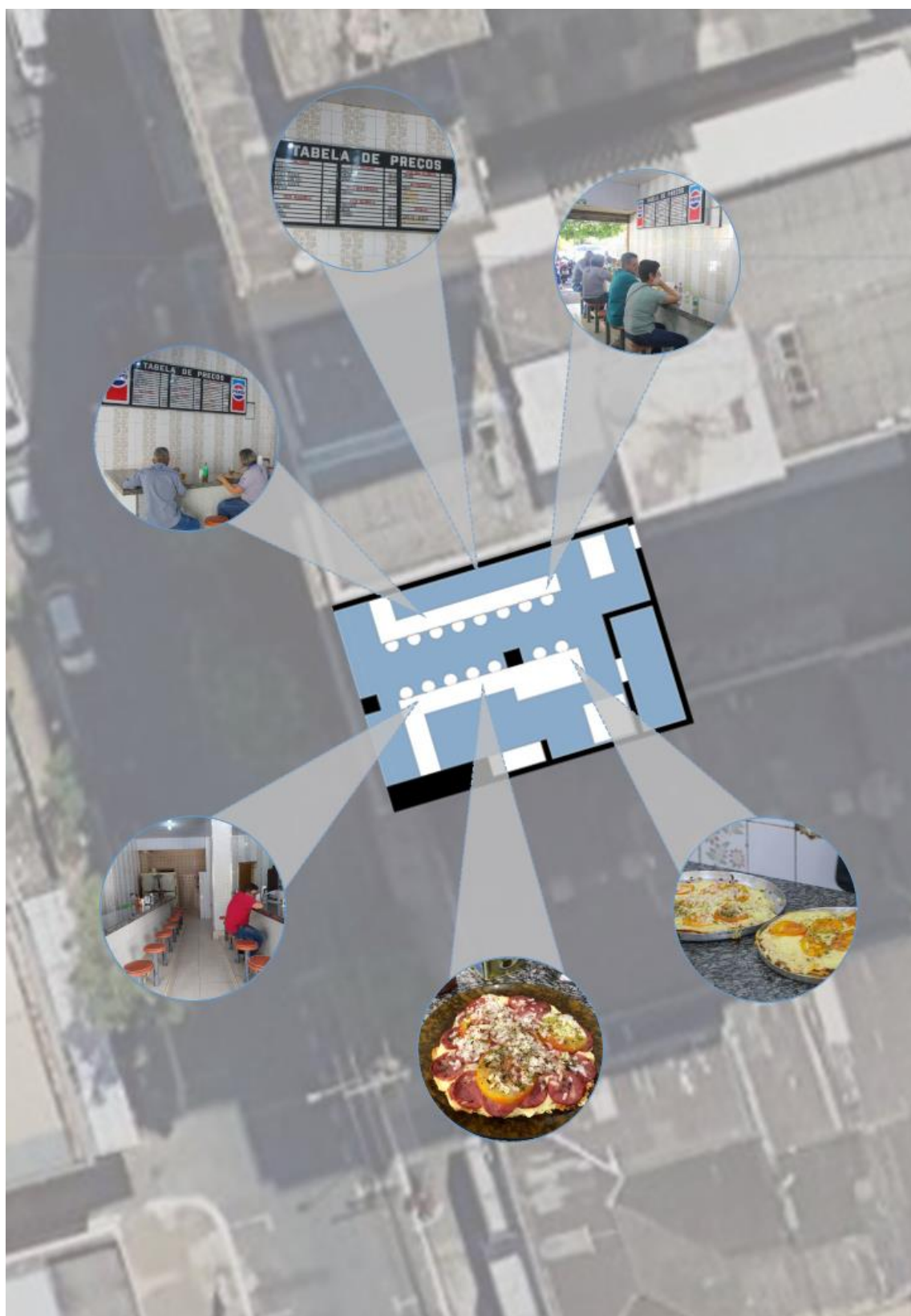
Fonte: PESSONI, 2022.

Figura 69: Pizzaria China: apropriações do balcão.



Fonte: PESSONI, 2022.

Figura 70: Cartografia afetiva Pizzaria China



Fonte: Autora, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs, logo no início, a identificar patrimônios afetivos no centro de Goiânia. Para isso, a ideia foi analisar lugares e edifícios, reconhecidos oficialmente ou não, indo ao encontro de estudos como os de Bomfim (2009), Bertini (2014), Oliveira (2019) e Parente (2020). Antes do estudo do objeto propriamente dito — o centro de Goiânia —, abordamos o próprio conceito de patrimônio cultural e de afeto, para, então, abordamos o termo patrimônio afetivo, a partir do qual se desenvolveu a pesquisa.

A ampliação do conceito de patrimônio, que deslocou o reconhecimento do bem isolado a bens culturais, permitiu uma visão mais abrangente e inclusiva das questões sociais, reconhecendo elementos ligados às vivências e apropriações cotidianas. Dessa forma, passou a contemplar não somente a sua dimensão estética ou histórica, mas também a afetiva, isto é, a capacidade de construir sentidos e significados. Esses são, como explica Oliveira (2019, p.17), “fatores positivos para o reconhecimento e preservação de um patrimônio, pois possibilitam uma relação mais íntima entre os sujeitos e os bens” o que, conseqüentemente, reflete em identificação e pertencimento com o patrimônio da cidade.

Dessa forma, segundo nossa proposta, não é possível desvincular a comunidade dos processos de valorização e de preservação do patrimônio. Isso desde a maneira que se escolheu fazer a pesquisa, trazendo na mesma metodologia pesquisa bibliográfica, documental e de campo; o que não deixa de ser uma maneira de refletir a parte institucional e a afetiva ligados aos patrimônios aqui abordados.

A pesquisa documental, permeada pelos debates teóricos-conceituais, forneceu pistas para a investigação da afetividade no centro de Goiânia. Já as entrevistas demonstraram que existem conexões entre goianiense e bairro, tanto por bens institucionalizados, quanto por outros que não são objeto de preservação institucional. E a pesquisa de campo, aproximando a dissertação da realidade e dos sujeitos, confirmou as afetividades.

Combinadas, as pesquisas etnográficas e cartográficas foram essenciais para uma compreensão mais subjetiva e sensível do centro de Goiânia. Por meio da imersão em campo, observamos os usos e seus praticantes, registramos as

diferentes interações simbólicas, apreendemos os detalhes pequenos, sutis e intensos do cotidiano. Fez-se um quadro, portanto, do Setor Central “através dos encontros das pessoas com outras pessoas, delas com o lugar físico ou simbólico, com os costumes, com os hábitos corriqueiros ou com o momento histórico vivenciado” (BERTINI, 2014, p. 13). Dessa maneira, foi possível comprovar os afetos e afecções que permeiam o contexto urbano do centro da capital goiana.

Ao analisarmos as cartografias afetivas, é possível verificar inúmeros encontros cotidianos – nos bancos sombreados da Praça Cívica, no *foyer* do Teatro Goiânia, no pátio do Lyceu, nos corredores do Mercado Central, no canteiro da Avenida Goiás, nas barraquinhas da Avenida Anhanguera ou nos balcões das lanchonetes – os quais, conforme Bertini (2014, p. 69), permitem que haja uma maior possibilidade de “os sujeitos agirem, criarem e recriarem espaços, construindo sentido”. É na ordem dos encontros, portanto, que o centro de Goiânia tem poder de afetação.

As cartografias afetivas da Praça Cívica e Avenida Goiás, por exemplo, mesmo diante às obras do BRT – vistas, principalmente pela mídia, como um elemento que diminui a potência do corpo – revelam lugares de interações simbólicas, isto é, lugares de encontros e afetações. Isso porque são ambientes que continuam facilitando as interações sociais, com seus inúmeros bancos, sombras e jardins, promovendo as oportunidades de contemplação, relaxamento e socialização.

Porém nem todos os exemplos aqui pesquisados se enquadram nessa realidade. No prédio da antiga Estação Ferroviária, o uso cultural atrai — timidamente — um público, mas geralmente não proporciona encontros. E o institucional que, por sua natureza burocrática, também não os promove. Essa falta de encontros é, retomando Spinoza (2009), uma forma de afeto triste, o que, conseqüentemente, despontecializa as vivências dos goianienses com esse espaço.

Analisar o centro de Goiânia pela afetividade, assim como o patrimônio, envolveu um intenso exercício de rememoração. A memória, enquanto propriedade de armazenar e evocar informações (LE GOFF, 1990), torna-se fonte de prazer quando desperta momentos de alegria em relação ao passado – festividades na praça, *footings* pelas avenidas, desfiles escolares, sessões de

cinema, sabores e aromas da infância. Assim, pelas narrativas apresentadas neste trabalho, também é possível reconhecer elementos urbanos – construídos ou não – portadores de memórias e afetos que se acumulam ao longo do tempo.

É no cruzamento dos afetos narrados – pelas histórias e memórias do passado – e vivenciados – pelos usos e apropriações do presente – que reconhecemos os patrimônios afetivos do centro de Goiânia. São lugares e edifícios que, independentemente de serem ou não oficialmente reconhecidos, proporcionam sentimentos e comportamentos de alegria, bem-estar e pertencimento aos goianienses que interagem junto a eles.

Se observamos os discursos trazidos, é possível verificar que as pessoas que têm uma relação de afeto com os lugares, sejam eles patrimônios institucionalizados ou não, compreendem a necessidade de sua preservação e demonstram preocupação com eles. No Teatro Goiânia, por exemplo, a relação afetiva entre o edifício e a comunidade é estabelecida, principalmente, pelos artistas, que ressaltam a importância do espaço e se mostram interessados na preservação do patrimônio.

Não pretendemos, entretanto, criar uma ideia ilusória de que toda a comunidade tem a mesma relação com a cidade e seus espaços e que os relatos trazidos para este trabalho representam toda a sociedade goianiense. Se assim o fosse, talvez alguns dos problemas apresentados nesta dissertação, seja pelos relatos ou pelo material pesquisado e aqui trazido como fonte, como o descaso com a conservação de patrimônios e o distanciamento da população em relação a vários desses espaços, não estariam presentes.

Entretanto, esse recorte feito com pessoas que têm uma relação de afetividade com os espaços, que têm memórias e/ou vivências positivas e alegres, tem uma justificativa simples: acreditamos, como já defendeu Bertini (2014, p.74), que a investigação da rede de afetos deve ser buscada para “serem agregadoras do comum e favorecerem o aumento de potência do corpo coletivo”. Levando isso em consideração, podemos inferir que a presença da comunidade é de suma importância nos processos de valorização e preservação do patrimônio.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ALMEIDA, Giovana Andrade de. *Esfiha quente: 32 anos de história no centro de Goiânia*. 2021. Disponível em: <https://www.curtamais.com.br/goiania/esfiha-quente-32-anos-de-historia-no-centro-de-goiania>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ALVES, Célia Maria; CÔRTEZ, Vera (org.). *Memórias transcritas: depoimentos*. Goiânia: ANIGO / NDH-UFG / FUNAPE, 2013.

APROVEITE A CIDADE (Goiânia). *Famosa receita da Esfiha Quente foi desenvolvida graças à opinião dos clientes*. 2017. Disponível em: <https://diaonline.ig.com.br/aproveite/cidades/famosa-receita-da-esfiha-quente-foi-desenvolvida-gracas-a-opinio-dos-clientes/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ARAÚJO, Márcia de. *Núcleo Pioneiro de Goiânia: um patrimônio inteligível?* 2010. 254 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

AZEVEDO, Angélica. *Memória Art Déco em Goiânia: a busca por uma identidade*. Dissertação (Mestrado) - Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte MG, 2018.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985, Volume 5, p. 296 -378.

BARROS, Fernanda. *O tempo do Lyceu em Goiás: formação humanista e intelectuais 1906-1960*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

BERTINI, F. M. *Mudanças urbanas e afetos: estudo de uma cidade planejada*. (Tese de doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. 2014.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, pp. 491-497, out./dez. 2009.

_____. Afetividade como potência de ação para enfrentamento das vulnerabilidades. In: LIMA, Aluísio Ferreira de; ANTUNES, Deborah Christina; CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar. (Orgs.). *A Psicologia Social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil*. Porto Alegre: ABRAPSO, 2015, p. 375-389.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANDÃO, Simone Buiate. *A antiga linha férrea de Goiânia. De símbolo da modernidade à obsolescência*. 2017. 187 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

CAIXETA, Eline Maria Mora Pereira; REZENDE, Marília Mota. Coreto Art Déco em Goiânia: vicissitudes de um patrimônio reconhecido. *Labor e Engenho*, Campinas, SP, v. 15, n. 00, p. e021008, 2021.

CAMARGO, A. G. *O espaço público concebido, vivido e percebido no centro de Goiânia*. 2022. 208 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.

CARSALADE, Flávio de Lemos. A ética das intervenções. In: MIRANDA, Marcos Paulo de Souza; ARAÚJO, Guilherme Maciel; ASKAR, Jorge Abdo. *Mestres e Conselheiros. Manual de Atuação dos Agentes do Patrimônio Cultural*. Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora da Unesp: Estação Liberdade, 2001.

CHUVA, Márcia Regina Romero. Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil: uma perspectiva histórica, ética e política. In: CHUVA, Márcia; Antônio Gilberto Ramos. *Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

COSTA, Carolina Alvarenga Alves de Moura. *Estação Ferroviária de Goiânia: uma proposta de uso turístico*. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2006.

CULTURA, Secretaria de Estado da. *Teatro Goiânia*. 2019. Disponível em: <https://www.cultura.go.gov.br/centros-culturais/todas-as-unidades/2248-teatro-goiania.html>. Acesso em: 07 mar. 2022.

DANÇA, Quasar Cia. de. *Teatro Goiânia*. Goiânia, 25 ago. 2019. Instagram: @quasarciajedanca. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1l5turpYXX/>. Acesso em: 06 out. 2022.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DELFINO, Dhyogo Santis. *Desenho urbano e a paisagem da Avenida Anhanguera de Goiânia: entre a concepção moderna e a tradicional*. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO.

DIÁRIO DA MANHÃ (Goiânia). *Os 80 anos do Lyceu em Goiânia*. 2017. Disponível em: <https://www.dm.com.br/entretenimento/2017/11/os-80-anos-do-lyceu-em-goiania>. Acesso em: 16 ago. 2022.

FERNANDES, Jéssica; MARTINS, Rafael. *Mercado Central. Lembranças da identidade goianiense*. Goiânia: s/d. Trabalho manuscrito.

FERREIRA, Clenon. Com chegada das obras do BRT, Praça Cívica passa mais uma vez por transformações em sua paisagem. 2021. *Jornal O Popular*. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/magazine/com-chegada-das-obras-do-brt-pra%C3%A7a-c%C3%ADvica-passa-mais-uma-vez-por-transforma%C3%A7%C3%B5es-em-sua-paisagem-1.2298375>. Acesso em 08 mar 2022.

_____. Avenida Anhanguera em Goiânia faz elo entre cultura patrimônio e identidade. 2021. *Jornal O Popular*. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/magazine/avenida-anhanguera-em-go%C3%A2nia-faz-elo-entre-cultura-patrim%C3%B4nio-e-identidade-1.2254482>. Acesso em: 12 ago. 2022.

_____. Organizadores do Cinealmofada comemoram retorno do projeto a Praça Cívica em Goiânia. 2022. *Jornal O Popular*. Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/organizadores-do-cinealmofada-comemoram-retorno-do-projeto-a-praca-civica-em-goiania-1.2479447>. Acesso em: 29 ago. 2022.

_____. Goiânia 89 anos: No escurinho do Cine-teatro Goiânia. 2022. *Jornal O Popular*. Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/goiania-89-anos-no-escurinho-do-cine-teatro-goiania-1.2545397>. Acesso em: 07 nov. 2022.

FERREIRA, Jackeline Mendes. *A legibilidade da paisagem urbana: uma análise do centro de Goiânia*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - Projeto e Cidade, Goiânia, 2021.

FILGUEIRAS, Beatriz Silveira Castro. *Do mercado popular ao espaço de vitalidade: o Mercado Central de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

FRANÇA, Pollyanna. *Lyceu de Goiânia*. Goiânia, 18 nov. 2020. Instagram: @pollyannabaliza. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CI9bmniHsfo/>. Acesso em: 19 fev. 2022.

FROTA, J. A. D.; CAIXETA, E. M. M. P.; AMARAL, G. G. *Cineteatro Goiânia: estratégias para uma possível requalificação do lugar*. Porto Alegre, RS: Anais do III seminário projetar, 2007.

GOIÂNIA. Prefeitura Municipal. *Memória cultural: ensaios da história de um povo*. Brasília: Editora Gráfica Ipiranga, 1985.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Garamond Ltda., 2007.

GUERRA, Karla Bilharinho. *Memória, espaço e afeto: outras cartografias possíveis de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Documento Regional do Cone Sul sobre autenticidade*. (Carta de Brasília). Brasília: IPHAN, 1995.

JÚNIOR, Hemerson Ferreira dos Santos. *Comunica-Som: o festival que treinou uma geração*. Programa de Pós-graduação em sociologia. Universidade Federal de Goiás, 2020.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

KOSSA, Pablo. *Quem nunca lanchou na J Pereira não conhece Goiânia*. Mais Goiás. Disponível em <https://www.maisgoias.com.br/blogs/kossa-aqui/quem-nunca-lanchou-na-j-pereira-nao-conhece-goiania/>.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEITE, Ivanise. *Emoções, Sentimentos e Afetos: uma reflexão sócia histórica*. Araraquara: Junqueira e Marin Editores, 2005.

LELIS, F. Mercado Central será restaurado, *Jornal Diário da Manhã*. Goiânia, 21 out. 2003.

LIMA, Atílio Corrêa. Goiânia – A nova capital de Goiaz – Resumo de um estudo. In: *Goiânia. Coletânea especialmente editada pelo IBGE como contribuição ao batismo cultural de Goiânia*. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, 1942.

LIMA, Cristiane. Iphan libera construção de plataformas na Praça Cívica, em Goiânia. *Jornal O Popular*. Goiânia, 11 de novembro de 2021. Cidades. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/iphan-libera-constru%C3%A7%C3%A3o-de-plataformas-na-pra%C3%A7a-c%C3%ADvica-em-goi%C3%A2nia-1.2353183>. Acesso em 08 mar 2022.

LIMA, Evania Martins. *Goiânia e seus enredos urbanos: o espaço público e os sujeitos sociais na Avenida Goiás*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2018.

LONGO, Malu. Arqueólogos da obra do BRT descobrem estruturas históricas no subterrâneo de Goiânia. *Jornal O Popular*. Goiânia, 18 de maio de 2021. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/cidades/arque%C3%B3logos-da-obra-do-brt-descobrem-estruturas-hist%C3%B3ricas-no-subterr%C3%A2neo-de-go%C3%A2nia-1.2252590>. Acesso em 08 mar 2022.

MACHADO, Guilherme. CCJ aprova projeto de lei que torna Goiânia capital nacional da música sertaneja. *Câmara municipal de Goiânia*, 24 nov. 2021. Disponível em: <https://www.goiania.go.leg.br/sala-de-imprensa/noticias/ccj-aprova-projeto-de-lei-que-torna-goiania-capital-nacional-da-musica-sertaneja>. Acesso em 03 mar 2022.

MAGIOLINO, L. L. S. Afetividade e/na educação: sentir e expressar na experiência (est)ética - contribuições da filosofia espinosana. *Filosofia e Educação*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 156–183, 2013.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n.49, p. 11-29, 2002.

MANZO, Celina Fernandes Almeida (Org.). *Goiânia Art Déco: Acervo arquitetônico e urbanístico*. Dossiê de tombamento. Goiânia, SEPLAN, 2004.

MATTOS, Sílvia Clímaco. *Memórias e cidade: lembranças do bairro da Vila Nova - 1930 ao presente*. 151 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MELLO, Márcia Metran de. *Goiânia: cidade de pedra e de palavras*. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

MESQUITA, Thaynara. Praça Cívica recebe a 3º edição do CineAlmofada, cinema a céu aberto. 2022. *Jornal O popular*. Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/praca-civica-recebe-a-3-edic-o-do-cinealmofada-cinema-a-ceu-aberto-veja-datas-1.2473225>. Acesso em: 29 ago. 2022.

MONTEIRO, Sabrina. Iphan solicita suspensão de obras do BRT na Avenida Goiás. *Jornal Diário da Manhã*. Goiânia, 03 de março de 2020. Disponível em: <https://www.dm.com.br/cidades/2020/03/iphan-solicita-suspensao-de-obras-do-brt-na-avenida-goias/>. Acesso em 08 mar 2022.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

OLENDER, Marcos. O afetivo efetivo. Sobre afetos, movimentos sociais e preservação do patrimônio. *Revista do Patrimônio Cultural e Artístico Nacional*, v. 35, Brasília/DF, 2017, p. 322-341

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz; PEIXOTO, Elane Ribeiro. *Na cidade, uma rua*, In: XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: tempos e escalas da cidade e do urbanismo, Brasília, 2014.

OLIVEIRA, Irina Alencar de. *Avenida Goiás: lugar, monumento e memória*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - Projeto e Cidade, Goiânia, 2015.

OLIVEIRA, Milena Behling. *Lugares e memórias: patrimônios afetivos de Morro Redondo-RS*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre, Bookman, 2011.

PARENTE, José Reginaldo Feijão. *Patrimônio Afetivo e Cultural no Contexto do Sítio Histórico de Sobral-CE*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2020.

PELEGRI, Sandra C. A. *O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas*. Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 3, n. 1, p. 87-100, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2001.

_____. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 400 p. Diálogos, 8(1), 211 - 215.

_____. *História e história Cultural*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PESSONI, Carolina. Teatro Goiânia: marca registrada da tradição e da cultura da capital. 2021. A Redação. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/colunas/150176/teatro-goiania-marca-registrada-da-tradicao-e-da-cultura-da-capital>. Acesso em: 07 nov. 2022.

_____. Esfiha quente: gastronomia de qualidade e bom atendimento desde 1982. 2021. A Redação. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/colunas/160204/esfiha-quente-gastronomia-de-qualidade-e-bom-atendimento-desde-1982>. Acesso em: 10 jan. 2023.

_____. Sabor com simplicidade: o tempero de sucesso da Pizzaria China. 2022. A Redação. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/colunas/164511/sabor-com-simplicidade-o-tempero-de-sucesso-da-pizzaria-china>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PIRES, Carol et al. *Rua 7, Centro, Além dos seus Sete Sobrados*. Goiânia: Kelps, 2018.

PIRES, D. S. *Engajamento cultural e efervescência política no Brasil: a trajetória de Hugo Zorzetti e do Teatro Exercício entre 1972 e 1977*. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

POZZANA, L. B. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. *Fractal: Revista de Psicologia: Dossiê cartografia*. Rio de Janeiro, Vol. 25, n. 2, p. 323 - 338, 2013.

PRADO, André Pires do. *O patrimônio na encruzilhada do sentido: dispositivos de memória entre a chancela e o afeto*. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2017.

RESENDE, Paula. *Abandonada e depredada, Estação Ferroviária de Goiânia será restaurada*. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/mercado-imobiliario/noticia/abandonada-e-depredada-estacao-ferroviaria-de-goiania-sera-restaurada.ghtml>. Acesso em: 02 mar. 2022.

REZENDE, Marília M. *Ética em intervenções no patrimônio arquitetônico – a Praça Cívica em Goiânia*. 2021. 282 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia (Orgs.). *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013, p.21- 46.

ROCHA, Daniella Medeiros Moreira. *A pioneira arquitetura de hotéis Art Déco em Goiânia – décadas de 1930 a 1950*. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

RODRIGUES, Marly. Preservar e Consumir: O Patrimônio histórico e turismo. In FUNARI, Pedro Paulo e PINSKY, Jaime (Orgs.). *Turismo e Patrimônio Cultural*. 4. edição. São Paulo: Contexto, 2005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Ed. UFRGS, 2011, p. 23-26; p. 57-76.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SANTOS, Raquel Silva dos. *A plasticidade na interação entre sujeito e lugar – Estética em um sítio patrimonial: o caso da Praça Cívica em Goiânia*. Dissertação

(mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2020.

SAWAIA, B. B. et al. (Org.). *As artimanhas da exclusão - Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Clarinda Aparecida da. *Goiânia(s): representações sociais e identidades*. 2012. 331 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SILVA, Jordana Gouveia e; TEIXEIRA, Éderson. Patrimônio, memória e pessoas nos centros urbanos: uma análise da revitalização da Praça Cívica, Goiânia - GO. *Paranoá*, Brasília, v. 1, n. 30, 2021.

SILVEIRA, John Mivaldo da. *O elemento vegetal e a ambiência na Avenida Goiás: estudo de caso do trecho histórico original*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SOARES, Havanio Silva. *Paisagem (re)velada: uma narrativa noturna no centro de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SOUSA, Anaí Mendonça de. *Feira Hippie de Goiânia*. Goiânia/GO: Kelps, 2008.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

ULHOA, Clarissa; DANTAS, Cristiane; OLIVEIRA, Fernanda. “Eu achava que o coreto estava longe do palácio”: subsídios para uma história oral da Praça Cívica de Goiânia/GO. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências*, v. 3, n. 1, p. 1193-1211, 2020.

VALVA, Milena D’Ayala. A permanência e a transformação das cidades. Goiânia e o tombamento de seu traçado viário. *Revista Espacios*, vol. 38, pag. 15, Caracas, 2017.

VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. *Transformação do centro de Goiânia: renovação ou reestruturação?* Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2002.

DEPOIMENTOS E ENTREVISTAS

AMORIM, Sérgio. Depoimento [jan. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

BATISTA, Amanda Damasceno. Depoimento [fev. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

CARVALHO, Eunice. Depoimento [jan. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

DANIEL. Depoimento [dez. 2021]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2021. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

FERNANDES, Bruna. Entrevista [set. 2022]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2022. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

FERREIRA, Francisco. Depoimento [jan. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

FURTADO, Mariana Oliveira. Depoimento [fev. 2022]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2022. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

GARCIA, Renato. Depoimento [ago. 2022]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2022. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

LUCAS. Depoimento [mar. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

LÚCIA. Depoimento [dez. 2021]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2021. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

MACHADO, Isabela Cristina. Depoimento [ago. 2022]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2022. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

MARQUES, Ricardo. Depoimento [jan. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

SANTANA, Mônica Carvalho. Depoimento [set. 2022]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2022. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

SANTOS, Regina. Depoimento [jan. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

SILVA, Áureo Rosa da. Depoimento [mar. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

SIQUEIRA, Vera Lúcia de. Depoimento [fev. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

SOUSA, Luís Fernando de. Depoimento [mar. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

TELES, Cleide Vencio. Depoimento [fev. 2023]. Entrevistadora: Caroline Soares Machado. Goiânia, GO, 2023. Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

APÊNDICES

Diário de campo

Praça Cívica

20 de setembro de 2022. Terça-feira ensolarada.

Às 8h45 desci do ônibus no anel interno da Praça Cívica. Depois de meses interditado, o trânsito está finalmente liberado para a circulação do transporte público. Com vários pontos de ônibus localizados no entorno, a praça funciona como uma redistribuidora de fluxos e direções. Algumas pessoas embarcam, muitas outras desembarcam e atravessam a praça em direção ao destino final. É, portanto, lugar de passagem, do caminhar acelerado e objetivo. De maneira oposta, o meu andar é lento e atencioso. Penso nos *passos lentos* da arquiteta e urbanista Paola Jacques, compreendo-os como forma de desvendar trajetos singulares e afetivos, de reconhecer e interpretar os significados sobre o dia a dia da praça. Iniciando pelo calçadão externo, o percurso é marcado pelo ir e vir apressado dos transeuntes, por homens e máquinas que ainda trabalham nas obras do BRT e pelo som intenso dos carros e ônibus. Em meio a essa correria, alguns sujeitos caminhando ou passeando com o cachorro desaceleram o ritmo. No percurso interno, jardins, edifícios e monumentos revelam outras dinâmicas. As áreas sombreadas são convite à permanência e ao convívio. Nos bancos dispostos nas sobras das árvores, encontro pessoas sentadas, deitadas, conversando, esperando ou simplesmente vendo o movimento. Ao longo do caminho, concentram-se pontos turísticos, edifícios históricos, bens tombados. A primeira parada foi no *Muza*, o Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga. Vejo a riqueza da história de Goiás contada por artefatos pré-coloniais, produções indígenas, itens de arte popular e do folclore goiano. O museu transborda cultura, tradição e memória. De volta à praça, sigo em direção à área central. O espaço é um grande vazio, sem mobiliário e vegetação, pouco convidativo. Ali as pessoas não permanecem. A exceção está no Monumento às Três Raças que discretamente convida crianças – enquanto atravessam a praça – a brincarem nas escadas ou turistas a tirarem rápidas fotos. Mais adiante, mesas e cadeiras dispostas em frente a um quiosque, na sombra, é convite para a pausa. Compro um café e sento. Converso com Mônica, atual proprietária, que enquanto organiza utensílios e produtos, limpa o balcão e atende clientes, me

conta sua longa relação com o espaço. Com saudosismo, lembra da sua infância na praça, acompanhando o trabalho do pai no quiosque, as brincadeiras nas fontes luminosas e compras na feira hippie. Em seguida, lamenta o presente: “a praça está morta! Falta atrativos, equipamentos, eventos culturais, investimento público e segurança”. Curioso perceber que, embora insatisfeita com o cotidiano da praça, a comerciante estabelece diariamente vínculos afetivos no quiosque. Atende carinhosamente seus clientes, tem conversas prolongadas e intimistas, e cumprimenta os muitos conhecidos que acenam. Mais do que um comércio, o *Garapeira Café Cultural* é lugar de encontro, sociabilidade e afeto. Olho ao redor em busca do movimento. A quantidade de pedestres é pequena e acontece principalmente perto dos edifícios institucionais e culturais. O fluxo de bicicletas, especialmente no sentido leste-oeste, é constante. Penso que as ciclovias próximas à praça, na Rua Dona Gercina Borges Teixeira e na Rua 10, contribuem para esse movimento. Volto a caminhar e, a poucos passos dali, na porta do MIS – Museu da Imagem e do Som – um pequeno suporte com alguns livros me chama atenção. “Pegue e leve”, diz a placa. Trata-se de uma ação da Biblioteca Pio Vargas que busca encontrar as pessoas na praça, em suas atividades cotidianas e trazê-las para dentro da biblioteca, além de incentivar e democratizar o acesso à leitura. Com uma gentileza urbana, o museu busca se abrir para o espaço público e para a comunidade. Do outro lado da praça, mais edifícios: um sem manutenção, outro recém restaurado, ambos fechados. Fontes desligadas. Monumentos danificados. O percurso é menos atrativo. No horário do almoço, o movimento é mais significativo. No quiosque da Mônica, mesas e cadeiras ocupadas. Nas áreas sombreadas, bancos cheios. Trabalhadores do entorno tem ali um lugar para descontraí, relaxar e descansar até o horário do retorno ao trabalho. A praça é, novamente, lugar de pausa e respiro. Não demora muito para as pessoas se dispersarem e o espaço retomar o ritmo dos transeuntes apressados.

Teatro Goiânia

21 de dezembro de 2022. Quarta-feira à noite.

Noite de espetáculo. O Concerto de Natal, apresentado pelo Coro e Orquestra Sinfônica de Goiânia, é um dos eventos mais tradicionais do Teatro Goiânia. Bem iluminado e movimentado, o edifício é convidativo. O lugar exala um cheiro

de pipoca doce,quentinha, feita na hora. Na entrada principal, um senhor com seu carrinho é responsável por esse aroma delicioso. Há também uma pequena aglomeração. Enquanto algumas pessoas conversam animadamente e esperam dar a hora para entrar, outras movimentam-se apressadas em direção à porta. Sigo esse ritmo acelerado e, a poucos passos dali, um amplo hall de entrada se revela. Um público diverso, de crianças a idosos, se mistura à organizadores do evento e jornalistas que trabalham freneticamente essa noite. Aos poucos, todos se deslocam em busca de lugares com uma visão privilegiada. Dividido em plateia inferior e superior, o teatro é rapidamente lotado. No palco, cortinas abertas exibem músicos concentrados e instrumentos afinados. Na plateia, burburinho intenso, uma mistura de euforia e ansiedade. As luzes se apagam e o espetáculo começa. No primeiro ato, um repertório instrumental com grandes clássicos natalinos. No segundo, arranjos escritos especialmente por maestros goianos completam a programação. Uma peculiaridade é a interação com o público. O maestro conduz não só a orquestra, mas também a plateia. Através de ações que exploram ritmo e intensidade, a diversão é garantida. Mágico e sensível. Entre aplausos e sorrisos, o espetáculo encerra. Após a apresentação, encontros nos corredores. Músicos abraçam familiares e amigos, acenam e agradecem elogios de desconhecidos. Adultos cantarolam as músicas recém apresentadas, crianças reproduzem movimentos em instrumentos imaginários. Ainda em êxtase, o público vai deixando o teatro. Na saída, todos querem prologar a noite, seja com conversas animadas nas calçadas ou nas filas dos carrinhos de pipoca.

Lyceu de Goiânia

18 de janeiro de 2023. Quarta-feira, primeiro dia de aula.

Primeiro dia de aula. Invés de euforia e burburinho, encontro calma e silêncio. Logo descubro que esse dia é dedicado ao *acolhimento*, uma atividade de boas-vindas aos novos alunos. Na recepção, um movimento intenso de entrada e saída de pessoas, além de algumas outras que, assim como eu, aguardam um encontro com o diretor. Ricardo Marques, à frente da instituição desde 2017, me recebe para uma conversa espontânea e enriquecedora. Primeiro, um breve histórico do Lyceu, seguindo pelas vantagens do ensino integral, até chegar nos atuais desafios da educação brasileira. O termo mais enfático e repetido em todo

a conversa foi o *protagonismo juvenil*. Ao colocar o estudante como elemento central da prática educativa, a escola motiva os alunos a cuidarem melhor do ambiente e da atividade escolar, visto que eles se sentem responsáveis e pertencentes àquele meio. Esse processo contribui diretamente na construção de vínculos afetivos entre alunos e instituição. Diversidade, outro ponto chave da conversa. A maior comunidade LGBTQIA+ do Estado de Goiás estuda no Lyceu de Goiânia. Ricardo ressalta que a escola busca promover iniciativas eficientes e ativas para tornar o ambiente seguro e acolhedor. Extrapolando os muros da escola, as relações com a vizinhança também são fortemente exploradas. O diretor acredita que o desenvolvimento de ações pedagógicas com instituições da região, como Sesc, UBE e AGL, e o diálogo com moradores, síndicos e comerciantes são fundamentais para um melhor reconhecimento e conectividade entre Lyceu e bairro. Depois da conversa, uma breve visita pela escola. Agora, na companhia de Paulo, um funcionário muito solícito e disposto a me apresentar os espaços e suas histórias, perambulo entre os blocos e corredores. Nas salas de aula, uma curiosidade: ambientes pensados para atender especialmente uma única disciplina. A cada sala, uma dinâmica: carteiras em semicírculos, agrupadas ou enfileiradas. Já no pátio, vegetações e mobiliários criam cenários agradáveis para os estudantes. Nas paredes, grafites completam a paisagem. Uma mistura de cores e formas expressam “o melhor do Lyceu”. Mais adiante, cardápio exposto, funcionários a postos, mesas e cadeiras organizadas, em menos de uma hora o almoço será servido. Atravessando o refeitório, um grande espaço cultural se revela. Um pequeno teatro, um palco externo e salas de ensaio destacam o caráter artístico-cultural do Lyceu. No entanto, desde o fim da parceria com o *Grupo Sonhus Teatro Ritual*, a estrutura do espaço está precária, dificultando usos e apropriações constantes. De volta ao pátio, uma breve olhada no ginásio de esportes. Paulo comenta que, além de espaço pedagógico, acolhe diversas parcerias e projetos com a comunidade. É aberto ao encontro e à troca de conhecimento. Depois de mais alguns minutos de conversa, a visita chega ao fim. Além de conhecer o edifício institucional e histórico, apreendo um importante lugar de acolhimento e pertencimento goianiense.

Antiga Estação Ferroviária

08 de julho de 2022. Sexta-feira ensolarada.

Pela primeira vez, tenho companhia na pesquisa de campo. Vitor é arquiteto, e assim como eu, também investiga o patrimônio no centro de Goiânia. Depois de uma visita frustrada no Grande Hotel – a funcionária nos informou que não está permitido visitas no edifício – e uma pesquisa no acervo do MIS, seguimos em direção à Estação Ferroviária. Iniciamos a caminhada pela Praça do Trabalhador que, embora cheia de potencialidades, com um parque infantil, academia comunitária e mobiliários bem cuidados, está praticamente vazia. Alguns homens dormindo nos bancos, outros deitados nos gramados sombreados. Mais adiante, uma pequena movimentação indica a unidade Atende Fácil. Localizada em uma das salas externas do prédio da Estação, esse uso institucional é responsável pela apropriação mais constante do espaço. Do lado oposto, uma pequena porta lateral indica a entrada do museu. Adentrar o prédio é uma experiência única. Planos envidraçados, portões e grades de ferro forjados, numa caprichosa serralheria artística, e dois afrescos do artista Frei Confaloni. No térreo, exposição temporária. Para comemorar os 80 anos do Batismo Cultural de Goiânia, uma mostra de fotografias históricas, esboços, desenhos, estudos e projetos do arquiteto e urbanista Atílio Correia Lima. Imagens tão conhecidas e estudadas por nós arquitetos goianos. No segundo pavimento, exposição permanente. *Memorial Confaloni: vida e obra do artista pioneiro da Arte Moderna no Planalto Central do Brasil*. Arte, história e identidade goiana. Para completar a visita, seguimos para a torre do relógio. Atrás de pequenas portas, depois de escadas estreitas e salas vazias, uma escadaria em espiral se revela. No topo, a máquina do relógio e uma vista curiosa para a região norte da capital. Dali é possível observar o contraste da movimentada Rodoviária de Goiânia e do maior polo comercial da capital – região da rua 44 – com a calma da Praça do Trabalhador e Estação Ferroviária. De volta ao térreo, trocamos algumas palavras com a recepcionista. Questionamos o movimento, no caso a falta dele, e ela aponta a baixa divulgação como principal motivo: “muitos visitantes são pessoas que estão apenas de passagem pela região, não conhecem o museu e entram de curiosidade mesmo”. O museu Frei Confaloni, apesar de oferecer usos permanentes, não consegue incentivar uma ocupação significativa.

Mercado Central

31 de agosto de 2022. Quarta-feira quente.

Chegando pela Rua 3, o som do saxofone chama atenção. Tocando na quadra ao lado do Mercado Central, o artista de rua disputa território sonoro com o movimentado trânsito da manhã. Na esquina, caminhões sendo descarregados que abastecem tanto o mercado quanto o supermercado do outro lado da rua. Sigo o caminho, agora desviando de samambaias, suculentas e violetas. São flores e plantas direto de Holambra, como anuncia o letreiro da banca metálica que ocupa boa parte da calçada do Mercado Central. Estacionamento cheio. São todos carros de clientes e funcionários do mercado ou também de frequentadores do centro em geral? Logo na entrada, um grande banco linear. Dois senhores estão sentados, um lê o jornal, outro aproveita o sol que entra por uma pequena fresta. Aqui, também já presenciei encontros entre amigos, conversas animadas e crianças brincando. É espaço multifuncional, é cenário para diversas dinâmicas cotidianas. Corredores estreitos e movimentados. Cores, sons, aromas e sabores, os caminhos são vários. Iniciando o percurso, a banca de artesanato atrai o olhar de todos os visitantes. Carros de boi, berrantes e cestos de palha revelam a riqueza da cultura goiana. Em frente, cores. Laranja, abacaxi, manga e melancia. O *Rei das Frutas* está localizado em um lugar estrategicamente central, impossível passar despercebido. Banca cheia. Entre os clientes, funcionários do mercado. A prática de consumo entre os próprios comerciantes é uma das mais comuns e é responsável por fortalecer não apenas os negócios, mas também as relações de amizade. Na banca ao lado, comidas típicas animam clientes locais e turistas. Pequi, guariroba, cajá-manga e buriti, em conserva, doce ou geleia, reforçam o sabor da *goianidade*. Não resisto. Compro doces. A poucos passos dali, mais produtos caseiros. Com queijos e doces empilhados e farinhas penduradas no teto, Sr. Afonso – permissionário a mais de 30 anos – faz questão de valorizar o produto de origem goiana, principalmente do interior do Estado, com “gosto de roça”. No corredor central, o fluxo – de mercadorias e pessoas, com carrinhos ou sacolas – é grande. Balcões cheios. Vitrynes atrativas. O vendedor convida o freguês a dar uma olhadinha no produto. O cliente olha, experimenta, questiona e compra. Mais adiante, uma aglomeração de pessoas indica o coração do Mercado, a praça de alimentação. Uma especialidade, empadas. São cinco lanchonetes, diversos recheios e inúmeros apreciadores desse quitute. Três restaurantes – ainda fechados devido ao horário – e uma pastelaria completam

o pequeno corredor gastronômico. Mesas e balcões ocupados. Decido voltar depois para pegar uma empada na famosa banca do Sr. Alberto. Sigo em direção ao segundo pavimento. Açougues. Carnes tradicionais e exóticas. Alguns clientes esperam em filas, em pé ou sentados. Nos corredores, o movimento é tímido. Algumas lojas oferecem uma combinação de artigos de decoração com utilidades do lar. Muitas outras, estão fechadas. Com uma menor variedade de produtos, o segundo andar recebe um público mais específico, que sabe exatamente o que quer e onde encontrar. Grades e luzes apagadas me afastam do terceiro pavimento. O lugar está vazio desde que o antigo restaurante popular foi desativado. Uma placa indicativa continua ali, mas o espaço está abandonado, com uma estrutura bastante desgastada. Alguns visitantes curiosos se atrevem a subir o último lance da rampa para dar uma rápida olhadinha. De volta ao térreo, caminho por entre as bancas mais uma vez. Pelos corredores tumultuados, produtos naturais, ervas e raízes, tabacarias. Os aromas se misturam: o perfume dos temperos se confunde com o cheiro marcante do fumo de rolo. Há também a oferta de diversos serviços. Sua mochila está rasgada? Precisa apertar alguma peça de roupa? Consertar uma panela? Amolar alicates? Reparos no celular ou relógio? No Mercado Central você encontra. Para completar a experiência, uma infinidade de gírias e expressões tipicamente goianas permeiam o mercado. Movimento constante e diversificado. Pessoas que permanecem ou estão apenas de passagem. Sozinhas ou acompanhadas. A trabalho ou a passeio. Inúmeros personagens que constroem o cotidiano e a história do Mercado Central de Goiânia. Como não podia ser diferente, termino a visita comendo a tradicional empada. O passeio permite apreender diferentes usos e símbolos. O Mercado das relações de consumo, lugar de compra e venda, de trabalho, de andar rápido e não perder tempo. E o Mercado das relações afetivas, lugar do encontro, da prosa, do permanecer e da pausa.

Avenida Goiás

26 de julho de 2022. Terça-feira ensolarada.

Chego na Avenida Goiás preparada para uma longa caminhada, da Praça Cívica até a Praça do Trabalhador. O início desse percurso é marcado por edifícios *Art Déco* bem conservados. As sedes do TRE, CASAG e IPHAN, restauradas entre as décadas de 2000 e 2010, preservam características arquitetônicas originais que permitem vislumbrar a imagem de cidade moderna. No canteiro central, jardim com

palmeiras-imperiais, mobiliário urbano e a torre do relógio – primeiro monumento desse trajeto – completam a paisagem. Nesse trecho, a movimentação não é muito significativa. Pedestres de passagem e alguns funcionários da prefeitura são os únicos a ocuparem esse espaço. A poucos passos dali, na esquina da Avenida Goiás com a Rua 1, uma tímida apropriação revela a pequena lanchonete *Moe Coe*. Ali, trabalhadores da própria avenida se encontram para tomar um café – ou caldo de cana, dependendo do horário – acompanhado de muita prosa. A partir dessa quadra, a rua concentra uma série de instituições públicas, bancos e casas de empréstimo, contribuindo para o aumento do fluxo de pessoas. Aguardando a abertura desses serviços, muitos esperam sentados nos bancos do canteiro central. Próximo a esses edifícios, as calçadas abrigam quiosques comerciais distintos. São bancas de jornais, revistas, lanches, artesanatos, além de uma diversidade de serviços – fotocópias, plastificação de documentos, cópias de chave, recarga e reembolso de *sitpass*, etc. Em frente a uma delas, uma cena me chama atenção: enquanto clientes discutem as notícias do dia, o atendente tira dúvidas de um transeunte perdido. No cotidiano da avenida, os quiosques não exercem somente um papel comercial, mas também são importantes pontos de informação, encontro e sociabilidade. A medida que me afasto da Praça Cívica, é nítida a mudança na qualidade estética das edificações. Muitas fachadas *Art Déco* com pinturas desgastadas, esquadrias danificadas ou escondidas por grandes letreiros comerciais. Na esquina com a Rua 3, o Grande Hotel, outrora prédio de grande relevância histórica para a avenida, hoje maltratado e sujo, sofre uma imensa desvalorização. No entanto, em frente ao edifício, uma série de micro eventos ocorrem cotidianamente. Um senhor, sentado no tamborete com seu colete amarelo, anuncia a compra e troca de ouro; um homem lê jornal enquanto um outro senhor engraxa seus sapatos; uma mulher anuncia os produtos de uma loja próxima: “utilidades, brinquedos, maquiagem”. Nessa esquina, a imagem negativa do edifício se mistura às diversas interações positivas dos personagens que compõem a Avenida Goiás. Ao aproximar do cruzamento com a Anhanguera, incontáveis tipos de comércio. Lojas de miudezas, utilidades do lar, brinquedos, roupas e sapatos. Há também um vasto comércio informal. As calçadas e o canteiro central estão ocupados por inúmeras barraquinhas, vendem desde vestuários até acessórios para celulares. Estruturas variadas, das mais simples, como caixotes de madeira ou papelão, às mais elaboradas, com tendas e araras.

Além de inúmeros vendedores ambulantes com seus carrinhos de picolés, água de coco ou frutas da estação. Ainda nesse cruzamento, encontra-se o segundo monumento desse trajeto, o *Bandeirante*. No seu pedestal, pichações e lambe-lambes protestam “fora Bolsonaro, Lula presidente já”. Vestígios de manifestações públicas que destacam o caráter político e social da avenida. Seguindo a caminhada, até a Avenida Paranaíba, o ritmo é constante. O movimento de pessoas, veículos e a mistura de comércios formais e informais ainda é significativo. Pelo caminho, os bancos às sombras das árvores convidam senhoras e senhores a passar o tempo e passantes a paradas ocasionais. A avenida também é lugar de pausa e respiro. A medida que percorro o canteiro central, em direção à Praça do Trabalhador, a avenida se torna mais vaga e tranquila. O número de pessoas e carros circulando diminui assim como o fluxo e euforia do comércio. Essa tranquilidade, que poderia indicar um caminhar calmo e lento, na verdade, gera uma sensação de insegurança. Encontro aqui a imagem do centro perigoso e decadente tanto veiculada e repetida pela mídia.

Avenida Anhanguera

21 de julho de 2022. Quinta-feira ensolarada.

A grande extensão da Avenida Anhanguera – e o calor – exigiu a limitação do trabalho de campo. Logo, é no encontro dela com a Avenida Paranaíba, em ambos os sentidos, leste-oeste, que decido iniciar e finalizar a caminhada. Um percurso que abrange características gerais, visíveis ao longo de todo a via, e aspectos específicos de determinados trechos. Circular e consumir, em formas e intensidades variadas, são as dinâmicas mais significativas da avenida. Lugar de comércio e serviços diversificados e de grande fluxo de pessoas e veículos. Outro aspecto bastante característico é o som. O burburinho produzido pelo comércio formal e informal, o ronco dos motores e as buzinas conformam um padrão sonoro particular dessa paisagem. Interessante perceber que, antes mesmo de chegar à avenida, esses elementos constituem fortes imagens, nos fazendo ver e sentir o espaço. Iniciando a caminhada, o trecho entre as Avenidas Paranaíba e Araguaia é marcado, em sua grande maioria, pelo comércio formal. Pequenos estabelecimentos, como Peixaria do Gordo e Som Livre, e grandes varejistas, como Casas Bahias e Magazine Luiza. Tradição e modernidade. Concentra também inúmeras lojas de colchões e móveis que se repetem ao

longo do caminho. Essa organização repetitiva contribui para uma menor movimentação de pedestres e comerciantes informais nas calçadas. A exceção ocorre em frente ao Mercado Central onde vendedores fixam suas bicicletas ou carrinhos e anunciam seus produtos. Outro aspecto interessante é a predominância de gabaritos baixos, geralmente de dois pavimentos. No térreo, lojas comerciais, nos pavimentos superiores, prestadores de serviços. Esse padrão é interrompido pelo *Edifício Queen Elizabeth*, com quatorze pavimentos e uso habitacional. No segundo trecho, entre as Avenidas Araguaia e Goiás, além do comércio formal, uma maior variedade e quantidade de vendedores informais, contribuindo para o aumento do fluxo de transeuntes. Algumas pessoas apreciam vitrines, outras remexem os produtos amontoados nas calçadas, ou ainda, caminham apressadas. Na porta dos estabelecimentos, funcionários abordam os passantes, oferecem produtos e serviços variados, convidam a entrar, distribuem *flyers*. A caminhada, até então em silêncio, é interrompida por uma série de “Não, obrigada” às diversas abordagens: “Exame de vista, moça?” “Empréstimo?”, “Avaliação com dentista?”. A partir desse trecho, aparecem mais edifícios em altura, resultantes da expansão imobiliária da década de 1960. No cruzamento com a Goiás, multiplicam-se os acontecimentos. O movimento de veículos, pedestres e ambulantes intensifica-se. As calçadas estreitam-se pela grande quantidade de camelôs, produtos e barracas instaladas. Manequins, fantasias, roupas íntimas, relógios, óculos, acessórios para celulares, e qualquer outra coisa que se possa pôr à venda; caldos – frango, mocotó ou vaca atolada – desafiam o calor; frutas e bebidas geladas são convites para um refresco. O barulho amplifica-se. O ruído dos veículos se mistura à gritaria dos vendedores. “Chip da Tim-Claro-Oi-Vivo” de um lado, “cinco-panos-de-chão-por-dez” do outro. Uma multiplicidade de estímulos sensoriais caracteriza o ponto mais fervilhante do trajeto. Mais adiante, um letreiro *Bandeirantes* me chama atenção. Esse prédio é um daqueles que me aguça a curiosidade. Fico sabendo, depois, que esse era o *Hotel Bandeirantes*, famoso por hospedar pessoas importantes nos anos 1970, e que está fechado há duas décadas. Paredes sujas, janelas quebradas e pichações, marcas do tempo e abandono. Esse terceiro trecho, entre a Goiás e a Tocantins, é marcado por diversas edificações interessantes, como o Edifício Warendy – atual Sherife Modas – e o Goiânia Palace Hotel, que preservam características arquitetônicas

Art Déco. Seguindo o trajeto, uma grande concentração de pessoas na calçada revela o famoso Beco da Codorna. Recém revitalizado, o lugar está cheio. No corredor de acesso, adultos e crianças usam os grafites como cenário de fotos e vídeos. No espaço interno, visitantes buscam brechas entre os inúmeros carros estacionados para admirar os novos desenhos. A outra face da Anhanguera veio em seguida: edifícios comerciais fechados, sem uso. Vende-se e aluga-se são mensagens recorrentes em diversos prédios que compõem esse trecho. Cruzando a Avenida Tocantins, o Teatro Goiânia, símbolo da modernidade goianiense. Esse cruzamento também é explorado pelos vendedores ambulantes e trabalhadores informais, certamente em função dos diversos pontos de ônibus instalados nas proximidades. Finalizando a caminhada, o trecho entre as Avenidas Tocantins e Paranaíba guarda as mesmas características dos trajetos anteriores. Usos de comércio e prestação de serviços. Fluxo significativo de pessoas e veículos. Mais paredes sujas e pichações. A situação da fachada posterior do Jockey Clube de Goiânia é outro exemplo do abandono e descaso com a arquitetura do centro. São vários os aspectos que se repetem ao longo da avenida, contribuindo, positiva ou negativamente, para a apropriação desse espaço. Uma característica marcante de todos os trechos, por exemplo, é a utilização das placas publicitárias. Formas, materiais e cores variadas, a ideia é chamar atenção do consumidor através do exagero. Sem nenhuma padronização ou harmonização, os letreiros escondem inúmeras fachadas *Art Déco* ao longo de toda a avenida. Anúncios visuais são complementados pela publicidade sonora. Vozes que anunciam os produtos e divulgam promoções, caixas de som – com sertanejo, funk ou pop – que animam as calçadas. Estímulos visuais e sonoros que evidenciam o caráter comercial do lugar.

SABORES AFETIVOS

Esfiha Quente

10 de novembro de 2022. Quinta-feira de sol.

Logo na entrada reconheço Dona Helô e o filho Gustavo das diversas fotos que vi em reportagens e entrevistas sobre a Esfiha Quente nos principais jornais da capital. Estão responsáveis pelo caixa, atendendo e conversando animadamente com alguns clientes. Escolhi o horário do almoço na expectativa de encontrar a

casa cheia, no entanto, o salão está vazio, apenas um cliente sentado no balcão saboreando algum quitute. Esperando o movimento, os atendentes estão reunidos no fundo da loja, jogam conversa fora e organizam utensílios. Olho no relógio, meio dia em ponto, penso que talvez cheguei cedo demais. Acompanhando o cliente que estava ali, sento no balcão. Estufas cheias. Esfihas, coxinhas, enroladinhos, pizzas, tortas e bolo de cenoura com cobertura de chocolate. Escolho a famosa e tradicional esfiha de carne, carro-chefe da casa. Quentinho e suculento, o salgado é merecedor da fama que carrega. Enquanto saboreio cada pedaço, a casa ganha movimento. Clientes sozinhos, amigos, casais e famílias vão ocupando as mesas e o balcão, outros entram e pedem para viagem. Atendentes que reconhecem o cliente assim que entra na casa, e antes mesmo de fazer o pedido, o prato já está servido em cima do balcão. Casa cheia. Na mesma velocidade que as estufas esvaziam, são reabastecidas: quitutes sempre quentes. A esfiha de carne é unanimidade. Sucos, cremes e vitaminas feitos na hora também atraem o público. “É mamão com banana e abacate, uma delícia né?”, escuto uma criança explicando a combinação inusitada ao irmão. O burburinho da clientela disputa espaço com o som frenético e constante dos eletrodomésticos e dos pedidos anunciados pelos atendentes no balcão: “uma vitamina a moda saindo”. Aos poucos, a correria vai diminuindo e os clientes – depois de repetirem algum salgado ou pegar um pedaço do famoso bolo para sobremesa – vão dirigindo-se ao caixa. Entre os pagamentos, breves conversas e elogios são trocados com a proprietária que continua à frente da lanchonete. Sigo o fluxo, converso um pouco com Dona Helô e vou embora, mas não sem antes pedir: uma esfiha para viagem, por favor.

Biscoitos J. Pereira

23 de novembro de 2022. Quarta-feira nublada.

O relógio não marca nem 8h quando chego na Rua 55, nº 458, endereço da tradicional lanchonete Biscoitos J. Pereira. Assim como na Esfiha Quente, logo reconheço o atual proprietário, o Sr. Hermógenes, que reveza o trabalho no caixa com atenciosos cumprimentos e atendimentos no balcão. Casa cheia. As poucas mesas altas (sem cadeiras) dispostas na calçada estão vazias, mas o balcão está lotado. Aqui ele é o grande protagonista. É preciso disputar o espaço e a atenção de

algun attendant. Peço a clássica combinação, pão de queijo com café. Seguindo a famosa tradição do local, o attendant traz um prato cheio, com mais quantidade do que foi pedido. Percebo que é uma tática infalível, ninguém resiste aos quitutes servidos. Para acompanhar, o café bem quente. “Puro ou com leite? Mais branquinho ou moreninho? ”, perguntam os attendentes servindo a bebida em charmosos bules de cobre. O movimento é constante, o burburinho é intenso - a derrota da Argentina no jogo de estreia da Copa e a nova onda da covid-19 são os assuntos do dia – e o público diverso. Sozinhos ou em pequenos grupos, os clientes vão se ajeitando, proseando e saboreando os quitutes ali mesmo, em pé e encostados no balcão. Essa informalidade, aliada a um atendimento rápido e eficaz, permite uma grande rotatividade de fregueses. Pedidos variados. Biscoitos, salgados e broas, acompanhados de sucos naturais feitos na hora ou do cafezinho passado em coador de pano. Tudo como manda a tradição. Aos poucos, o ritmo diminui e a casa já está quase vazia. Funcionários organizam os pratos e copos deixados pelos clientes e reabastecem as estufas. Na hora de encerrar a conta, uma particularidade: o local só aceita pagamento em dinheiro ou pix, sendo esse último uma novidade da lanchonete. Para concluir a viagem, converso um pouco com os attendentes, explico brevemente sobre o trabalho e peço para tirar algumas fotos, o que – para minha surpresa – não é autorizado. Me retiro pensando se terei a oportunidade em alguma outra visita.

Pizzaria China

25 de novembro de 2022. Sexta feira nublada.

Uma fachada simples e acanhada revela a tradicional Pizzaria e Pastelaria China. Adentrar o estabelecimento é uma experiência única. Banquetas vermelhas, parede de azulejos e letreiro manual contribuem para uma viagem aos anos 1970, década de inauguração da casa. O movimento é discreto. Alguns clientes esperam no balcão, outros já estão de saída. Uma breve olhada no cardápio só para confirmar: muçarela, calabresa e presunto em tamanhos brotinho, médio e grande. Escolho a clássica brotinho de calabresa. “Pode acrescentar cebola, tomate e orégano?”, pergunta o attendant. Respondo que sim com a cabeça e o pedido é finalizado ali mesmo no balcão. Com os adicionais, segue direto para o forno. O resultado é uma pizza quentinha e saborosa, com massa fina e crocante, ingredientes frescos e muito recheio. O cardápio até lista outras opções, como esfihas, quibes

e coxinhas, que ficam abrigadas em uma estufa. Mas a campeã de vendas é a pizza brotinho. No horário do almoço, pequenos grupos de amigos reunidos no balcão. Aqui, os clientes são principalmente funcionários do comércio adjacente aproveitando o intervalo para saborear alguma pizza e colocar a conversa em dia. De vez em quando, em busca de alguma bebida ou molho, vejo clientes do outro lado do balcão. São frequentadores assíduos que, além de saber exatamente onde encontrar os produtos, desenvolvem diariamente relações de amizade e confiança. Agora, já quase 13h, o movimento diminui. Os funcionários aproveitam para almoçar. Dividimos o balcão. Meu diário de campo chama atenção. “O que a moça tanto escreve aí?”, pergunta João, colaborador mais antigo da casa. Conversamos. Ele me conta um pouco sobre a pizzeria e sua história com o lugar. Um cliente atento no balcão faz questão de acrescentar que o lugar tem a melhor pizza do centro e tem até reportagem no jornal para provar. Depois de mais alguns minutos de conversa, me despeço prometendo retornar para experimentar os outros dois clássicos sabores do cardápio.